

Universidade Federal do Rio de Janeiro
Programa de Pós-Graduação em Urbanismo – PROURB

Eduardo Rocha Lima

O MOVIMENTO DO ESPAÇO:
UMA EXPERIÊNCIA URBANA NA PRAIA DE IRACEMA

Rio de Janeiro
2007

Eduardo Rocha Lima

O MOVIMENTO DO ESPAÇO:
UMA EXPERIÊNCIA URBANA NA PRAIA DE IRACEMA

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Urbanismo da Universidade Federal do Rio de Janeiro – PROURB – como parte das exigências para obtenção do título de Mestre em Urbanismo.

Orientadora Profa. Dra. Luciana da Silva Andrade

Rio de Janeiro
2007

Autorizo a reprodução e divulgação total ou parcial deste trabalho, por qualquer meio convencional ou eletrônico, para fins de estudo ou pesquisa, desde que citada a fonte.

Assinatura:

E-mail: dudarl@hotmail.com

Lima, Eduardo Rocha

O movimento do espaço: uma experiência urbana na Praia de Iracema /
Eduardo Rocha Lima, – Rio de Janeiro, 2007.

119 p. : il.

Dissertação (Mestrado) – UFRJ.

Orientador: Luciana da Silva Andrade.

1. Vida cotidiana 2. Apreensão do espaço 3. Revitalização urbana 4. Praia de Iracema, Fortaleza-CE

I. Título

Eduardo Rocha Lima

O MOVIMENTO DO ESPAÇO:
UMA EXPERIÊNCIA URBANA NA PRAIA DE IRACEMA

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Urbanismo da Universidade Federal do Rio de Janeiro – PROURB – como parte das exigências para obtenção do título de Mestre em Urbanismo.

Rio de Janeiro, 03 de maio de 2007.

BANCA EXAMINADORA

Profa. Dra. Luciana da Silva Andrade
Universidade Federal do Rio de Janeiro

Profa. Dra. Lílian Fessler Vaz
Universidade Federal do Rio de Janeiro

Profa. Dra. Paola Berenstein Jacques
Universidade Federal da Bahia

Agradecimentos

À CAPES, pelo apoio financeiro;

Ao meu primo Luiz Carlos, por ter me acolhido no seu lar como a um irmão;

À orientadora Luciana Andrade, por “lapidar” o meu raciocínio em suas leituras criteriosas dos meus escritos e pelo compartilhar do seu conhecimento;

À professora Lilian Vaz, por sua total disponibilidade para me ajudar, sempre que solicitada;

Aos amigos, ex-professores e pesquisadores de Fortaleza, Almir Farias, Mônica Fiuza, Linda Gondim e Solange Schramm, com quem mantive conversas norteadoras e estimuladoras desta pesquisa;

Aos “Iracemitas”, pela experiência inesquecível de compartilhar o cotidiano. Deste “universo”, destaco quatro de seus membros: Silvânia de Deus, Vicentinho, João e D. Hélia, pelo freqüente acolhimento que me proporcionaram, fazendo-me perceber o espaço da Praia de Iracema bem além da sua materialidade;

Aos amigos Emanuela Monteiro e Enrico Rocha, pelas leituras críticas e enriquecedoras do trabalho;

À amiga Alice Carvalho, pela fundamental ajuda na manipulação das imagens, inseridas neste trabalho;

À minha família, pela formação do meu ser e pelo constante apoio e estímulo para o meu caminhar;

A Deus, pela companhia incondicional.

“Sou um homem para quem o mundo exterior é
uma realidade interior”.

(Fernando Pessoa)

Resumo

Este trabalho atribui ênfase às ações humanas do cotidiano como realizadoras do espaço urbano e constrói uma interpretação analítica do processo dito de “revitalização urbana” posto em prática, nos últimos 15 anos, no bairro Praia de Iracema da cidade de Fortaleza.

As ações projetistas do arquiteto urbanista, materializadas no espaço em intervenções urbanas pela ação gestora do Estado, são analisadas neste estudo a partir da vida cotidiana encontrada na Praia de Iracema. Esta pesquisa destaca um método de apreensão do espaço urbano elaborado a partir da experiência vivencial do seu cotidiano, objetivando com esta metodologia captar e atribuir relevância ao espaço da Praia de Iracema que é construído constantemente pela apropriação humana que nele se desenvolve.

Abstract

This work attributes to emphasis to the actions human beings of daily as the producing ones of the urban space and constructs to an analytical interpretation of the said process of "urban regeneration" rank in practical, in last the 15 years, the quarter Praia de Iracema of the city of Fortaleza.

The designing actions of the city planning architect, materialized in the space in urban interventions for the managing action of the State, are analyzed in this study from the found daily life in the Praia de Iracema. This research detaches a method of apprehension of the urban space elaborated from the existential experience of its daily one, objectifying with this methodology to catch and to attribute relevance to the space of the Praia de Iracema that is constantly constructed by the appropriation human being who in it if develops.

Sumário

Introdução. Uma prioridade: o espaço construído no cotidiano.....	10
Capítulo 1. O percurso da pesquisa: ação do pesquisador.....	17
1.1. A idéia inicial da pesquisa	18
1.2. O método	20
1.3. Em campo	23
1.3.1. À procura de um lugar	23
1.3.2. Instalado: um “errante” na Praia de Iracema	25
“Estudo psicogeográfico” do bairro	26
1.3.3. A Praia de Iracema “incorporada”	35
Capítulo 2. O “movimento veloz” do espaço: ação do arquiteto e do Estado.....	49
2.1. O amanhã projetado	54
2.2. O ontem espetacular	62
2.3. O hoje monumental	69
Capítulo 3. O “movimento sutil” do espaço: ação do “homem lento”.....	89
3.1. O espaço vivo da Praia de Iracema	94
3.1.1. A prostituta, o estrangeiro e o espaço	95
3.1.2. A ocupação popular	100
3.1.3. O banho de mar	103
Considerações finais. O espaço singular da Praia de Iracema.....	116
Referências.....	124

“Janela, palavra linda.
Janela é o bater das asas da borboleta amarela.
Abre pra fora as duas folhas de madeira à-toa pintada,
janela jeca, de azul.
Eu pulo você pra dentro e pra fora, monto a cavalo em você,
meu pé esbarra no chão.
Janela sobre o mundo aberta, por onde vi
o casamento da Anita esperando neném, a mãe
do Pedro Cisterna urinando na chuva, por onde vi
meu bem chegar de bicicleta e dizer a meu pai:
minhas intenções com sua filha são as melhores possíveis.
Ô janela com tramela, brincadeira de ladrão,
clarabóia na minha alma,
olho no meu coração.”

Adélia Prado

Uma prioridade: o espaço construído no cotidiano

Introdução

Introdução.

Uma prioridade: o espaço construído no cotidiano

Este estudo se insere na discussão sobre as transformações contemporâneas das metrópoles por meio de desdobramentos urbanísticos vinculados às políticas de desenvolvimento de uma economia globalizada, onde a pluralidade das práticas sociais do cotidiano urbano perde sua expressão perante a criação de um espaço que atraia e estimule a circulação de capital.

Nesta pesquisa, enfatizo a dimensão espacial do cotidiano do cidadão, ou seja, o espaço urbano construído pelas práticas cotidianas – modos de usar – que se concretizam por entre a sua materialidade física, realizando-a. A idéia de buscar a dimensão de construção do espaço que é imanente ao seu fluxo cotidiano partiu do objetivo primordial da pesquisa de afirmar esta dimensão como o espaço de realização da vida e por isso densamente arraigado por conteúdos históricos e afetivos ligados à sua apropriação pelos corpos que o percorrem.

Em prol de uma estética e uma estrutura urbana que estimule os interesses mercantis de uma economia globalizada, a cidade contemporânea materializa-se em espaços que perdem seus reais significados, resultante das articulações socioespaciais que o estruturaram no tempo. As transformações de áreas urbanas por intervenções que inserem no espaço valores e símbolos alheios, distantes e muitas vezes inacessíveis ao cidadão construtor do seu cotidiano negam o processo de construção do espaço pela vida que o permeia e criam “ambientes espetaculares”, que são intensificadores da segregação social urbana¹.

Esta pesquisa, pertencente ao campo disciplinar do Urbanismo, busca atribuir relevância a ação do cidadão como construtora do espaço urbano. Uma ação espontânea geradora de um “urbanismo” que é distante do saber e da técnica aprendida nos assentos da academia pelos arquitetos urbanistas, mas que constrói a cidade como uma base material contentora de um modo de vida característico da

¹ Ver: HARVEY (2004); HALL (2002); DEBORD (1997); ARANTES (2000); SÁNCHEZ (2003); VAZ e JACQUES (2001); JACQUES (2004).

contigüidade física de pessoas agindo – vivendo – dentro de um mesmo espaço urbano. Neste estudo, atribuo relevância as ações dos cidadãos, objetivando expor uma construção de cidade que é constantemente menosprezada pelos projetos urbanos que visam desenvolver o seu espaço para o fluxo turístico.

O bairro Praia de Iracema da cidade de Fortaleza surge como lugar da investigação, em virtude de seu espaço vir passando por um intenso processo de transformação – dito de “revitalização urbana” – gerado por intervenções arquitetônicas e urbanísticas que, desde o início da década de 1990, o converteram em um pólo atrator de turistas na capital cearense².

Localizado na região litorânea central da cidade de Fortaleza, o bairro Praia de Iracema tem sua origem marcada pela locação na sua área do primeiro Porto da cidade, nas últimas décadas do século XIX. Ocupado inicialmente por galpões, armazéns e por residências de trabalhadores do Porto e de pescadores, o bairro, na década de 1920, passa a despertar o interesse de classes sociais abastadas da capital cearense, que descobre na sua ambiência litorânea um lugar propício ao lazer e a contemplação.

Com a chegada de uma linha do bonde, em 1925, sua faixa litorânea é ocupada por residências de veraneio de famílias ricas, expulsando dali os pescadores e trabalhadores do Porto, que passaram a ocupar a região da atual favela do Poço da Draga e a área de dunas, localizada no fundo dos lotes da “área nobre”.

Na década de 1940, devido à construção de um novo Porto – na praia do Meireles, extremo leste da cidade –, que alterou o fluxo das marés, o mar invadiu a Praia de Iracema, destruindo grande parte dos “palacetes avarandados” de sua orla. Transferida a função portuária para outra região da cidade e destruído o balneário de lazer e as residências das famílias ricas, o bairro, então, passou por um processo de desinteresse econômico.

A história da Praia de Iracema, nas quatro décadas seguintes à década de 40, é marcada pela ocupação do seu território por famílias de classe média e média-baixa, e por alguns pontos comerciais – bares, cabarés e restaurantes – freqüentados por

² Entre os diversos autores que pesquisaram a Praia de Iracema, destaco: SCHRAMM (2001); GONDIM (2006); ROCHA JR (2000); COSTA (2003); SOUSA (2000, 2006).

uma “elite intelectual”, que mantiveram no senso comum da cidade a associação do bairro a um ambiente bucólico, romântico e nostálgico³.

No início da década de 1990, intervenções arquitetônicas e urbanísticas de “revitalização urbana” são desenvolvidas pelos poderes públicos – Governo do Estado e Prefeitura Municipal –, apresentando um objetivo primordial para os novos espaços criados no bairro: atrair turistas. Mudanças na Lei de Uso e Ocupação do Solo da cidade, que criou a “Zona de Interesse Urbanístico – Praia de Iracema”, legitimaram o processo de transformação imposto ao espaço do bairro.

Hoje, a primeira área “revitalizada” do bairro, no início da década de 90, encontra-se, uma parte dela – o calçadão construído na orla –, abandonada pela população de Fortaleza e pelos turistas e outro trecho desta mesma área encontra-se ocupada por comerciantes, em maioria estrangeiros, estimuladores do turismo sexual na capital cearense.

Desde 1999, localiza-se, no interior do bairro, um grande centro cultural, o Centro Dragão do Mar de Arte e Cultura (CDMAC), que atrai – junto com os bares, restaurantes e casas noturnas, que ocuparam seu entorno – uma grande quantidade de turistas e fortalezenses para as noites do bairro. No final do ano de 2001, o Governo do Estado publicou um novo projeto arquitetônico e urbanístico para o bairro: o Centro Multifuncional de Eventos e Feiras (CMEF). Neste projeto constam grandes transformações físicas, como: reestruturação viária, remoção de favela e aterramento de uma área de 19 hectares do mar. Com este novo equipamento projetado, a cidade de Fortaleza passaria a fornecer estrutura para receber grandes eventos e convenções empresariais e o espaço da Praia de Iracema seria reestruturado para receber “turistas de negócios”.

Deste universo de transformações urbanas impostas pelo Estado ao espaço do bairro Praia de Iracema, desde o início da década de 90, surge uma das principais questões que motivaram esta pesquisa: a ausência de conexão entre o espaço criado pela

³ “Adeus, adeus
só o nome ficou
adeus Praia de Iracema
praia dos amores
que o mar carregou...”

Versos da música “Praia de Iracema”, composta em 1954, por Luiz Assumpção, compositor maranhense radicado no Ceará.

ação projetista do arquiteto urbanista e o espaço gerado pela ação do cidadão na construção do seu cotidiano.

É através de uma apreensão espacial construída no cotidiano do espaço da Praia de Iracema que busco perceber a relação entre espaço urbano e cidadão e assim elaborar uma reflexão sobre a cidade que enxergue nesta estruturação cotidiana um “fazer urbano” ordinário que precisa ser incorporado, valorizado e legitimado pelo “fazer urbano” dos detentores do poder oficial e seus agentes; objetivando a realização de uma cidade menos segregatória e mais estimuladora das práticas sociais e espaciais construtoras do cotidiano urbano.

Priorizando as “astúcias do fazer” (DE CERTEAU, 2002) do cidadão, a Praia de Iracema revela um espaço em movimento, pois em constante processo de transformação. Uma transformação aberta à multiplicidade de possibilidades geradas pelo encontro das ações dos diversos atores que compõem o seu cotidiano. Ações que são práticas da vida que no seu desenrolar atribuem movimento ao seu espaço, transformando-o pelo que é imanente ao fluxo de sua estruturação social. Considerar o movimento do espaço pela sua estruturação cotidiana é perceber que o espaço se encontra no meio de um processo de construção, em permanente mudança. Um processo relacionado ao tempo do presente, pois neste está a ação transformadora do espaço.

Para a realização da pesquisa, morei no bairro Praia de Iracema com o seguinte objetivo: observar a sua estruturação cotidiana. Busquei, com esta vivência – “experiência urbana” – do cotidiano da Praia, elaborar uma reflexão sobre o processo de estruturação física, dos últimos 15 anos, do seu espaço. Uma reflexão focalizada nas ações dos diferentes agentes sociais que (re)estruturam o seu espaço urbano.

Portanto, neste estudo concentrei-me nas ações humanas que, agindo sobre o espaço, o movimentam. Parto da tese de Milton Santos (1994; 2006) que conceitua o espaço urbano como sendo o conjunto indissociável de sistemas de objetos e de sistemas de ações. “Mergulho” no interior do espaço da Praia de Iracema para, a partir dele, captar as diversas ações que transformam seus objetos.

De acordo com Milton Santos (2006), existem diferentes “temporalidades das ações” que atuam sobre a materialidade física do espaço urbano – “temporalidade hegemônica”: ação do Estado e das instituições detentoras de poder; e “temporalidade não-hegemônica”: ação do ator do cotidiano (SANTOS, 2006). Utilizo

metodologicamente estas distintas “temporalidades” para dividir o movimento de transformação do espaço em dois: “Movimento Veloz” – oriundo da ação do arquiteto no espaço do bairro, posta em prática pela ação do Estado – e “Movimento sutil” – derivado das ações do cidadão no cotidiano do espaço. Vale ressaltar que esta separação, aqui realizada, serve para elucidar uma construção teórica, pois, na prática, as ações do Estado de revitalização urbana, elaboradas por arquitetos para o espaço da Praia de Iracema – apesar de suplantarem os interesses do cidadão construtor de sua cotidianidade, por serem portadoras de objetivos que transcendem a realidade material e social do bairro –, são constantemente reelaboradas pelas ações do seu cidadão.

Os três capítulos, que seguem esta introdução, são divididos de acordo com três ações distintas. No primeiro, exponho a minha ação – experiência – enquanto pesquisador. Objetivo com este capítulo narrar o percurso da pesquisa, explanando a sua construção teórico-metodológica. Enfatizo a construção de um método para me inserir em campo, buscando uma maneira de descrever as diversas “ambiências urbanas” da Praia de Iracema, vivenciadas por mim, enquanto pesquisador imerso no bairro.

No segundo capítulo, estão em questão as ações do arquiteto urbanista e do Estado no processo de transformação urbana, dos últimos 15 anos, da Praia de Iracema. Nele descrevo e discuto ações que geram o “movimento veloz” do espaço do bairro. Busco, através da categoria de análise “evento” de Milton Santos, tornar o tempo empírico (SANTOS, 2006). Periodizo o tempo da Praia de Iracema pela ação do arquiteto urbanista no seu espaço. Considero, então, o presente de cada um destes três períodos “criados”: O Amanhã Projetado, O Ontem Espetacular e O Hoje Monumental. Concentro-me nas decisões do Estado e nos projetos dos arquitetos. A partir dos documentos dos projetos e de depoimentos de alguns dos seus arquitetos, relaciono as transformações ocorridas na Praia de Iracema à realidade cotidiana do bairro em cada um dos períodos, levantada em conversas com antigos moradores, em arquivos da imprensa e em estudos acadêmicos sobre o bairro, que reportaram estes períodos. Como um dos períodos está relacionado a um projeto ainda não executado – O Amanhã Projetado, portanto, sem um cotidiano espacial realizado –, concentro-me na fundamentação discursiva construída pelos arquitetos para a implementação do projeto.

No terceiro capítulo, entram em destaque as ações do cidadão construtor do cotidiano do bairro, no presente da Praia de Iracema vivenciado por mim, enquanto pesquisador em campo. Exponho o que considero como “movimento sutil” do espaço da Praia, captado em minhas “errâncias” pelo bairro. Neste capítulo, são apresentadas situações de apropriação dos espaços do bairro que conferem mobilidade a sua estruturação física e assim o legitimam como um espaço vivo, pois permeado por relações sociais que constantemente o (re)constroem, atribuindo significados a sua materialidade física.

“Não há diferença entre mim e as ruas para o lado da Alfândega, salvo elas serem ruas e eu ser alma, o que pode ser que nada valha, ante o que é a essência das coisas. Há um destino igual, porque é abstrato, para os homens e as coisas - uma designação igualmente indiferente na álgebra do mistério”

Fernando Pessoa

O percurso da pesquisa: ação do pesquisador

Capítulo 1

O percurso da pesquisa: ação do pesquisador

Em virtude da ênfase atribuída por esta pesquisa à ação dos diferentes atores sociais como o elemento primordial para a construção de uma análise sobre o movimento de transformação do espaço urbano, neste capítulo inicial, será relevada a ação do pesquisador na construção desta interpretação analítica. A exposição do proceder metodológico – ação – do arquiteto, enquanto pesquisador da questão urbana, é considerada de fundamental importância para uma pesquisa que pretende contribuir com uma reflexão a respeito da ação do arquiteto, enquanto interventor no espaço urbano.

A ação do arquiteto-pesquisador durante o percurso construtivo desta reflexão será, neste capítulo, colocada em questão.

1.1. A idéia inicial da pesquisa

O bairro Praia de Iracema, desde o princípio da pesquisa, já surgia como o “objeto” a ser explorado. A rápida transformação deste bairro da cidade de Fortaleza sempre me intrigou enquanto arquiteto e morador desta cidade, pois a “revitalização urbana” projetada, defendida e posta em prática naquele bairro pela ação de arquitetos urbanistas e pela ação do Estado, foi responsável pela reestruturação de grande parte de sua área e, com esta, trouxe a tona sérios problemas sociais.

Em leituras iniciais, busquei autores que estivessem discorrendo de maneira crítica sobre as “Revitalizações Urbanas” ocorridas nos últimos anos em várias cidades do mundo ⁴. Pretendia usar como tema da dissertação o enfoque urbanístico-cultural de projetos ditos de revitalização urbana desenvolvidos para a cidade de Fortaleza, dando ênfase ao projeto do Centro Dragão do Mar de Arte e Cultura e ao projeto do

⁴ (HARVEY, 1989); (ARANTES, 2000); (SÀNCHEZ, 2003); (JACQUES, 2004); (VAZ e JACQUES, 2001).

Centro Multifuncional de Eventos e Feiras ⁵. O “caminho” a seguir pelo aprofundamento teórico se centrava no fato da cultura está sendo utilizada como instrumento na revitalização urbana, introduzindo no espaço urbano grandes equipamentos culturais capazes de criar uma “imagem de marca” das cidades, inserindo-as em um mercado competitivo da economia globalizada.

Nestes textos, a questão do caráter não-participativo do cidadão nos processos de revitalização urbana fez despertar em mim o interesse de centrar neste ponto a minha investigação. Gradativamente, o foco da pesquisa se deslocava da intervenção arquitetônica e urbanística e do processo econômico e político que gerou toda a transformação do espaço da Praia de Iracema, para a construção socioespacial deste bairro, transformada intensamente pelas intervenções espaciais ali postas em prática. Naquele momento, eu decidia que, para explorar a questão da não-participação do cidadão no processo de “revitalização urbana” imposto à Praia de Iracema, atribuiria relevo à ação do cidadão na construção deste espaço.

A bibliografia interdisciplinar que se aprofunda na "construção social do espaço", que considera a materialidade espacial indissociável da realidade social que a compõe, tornou-se fundamental para a abordagem da problemática central desta pesquisa. O livro "O Espaço Urbano: Novos Escritos sobre a Cidade", de Ana Fani Alessandri Carlos, ganhou, num momento inicial, expressiva importância na construção do meu pensamento sobre o urbano. Em sua introdução a autora afirma:

“No raciocínio aqui desenvolvido, parte-se do pressuposto que as relações sociais se realizam, concretamente na forma de relações espaciais – constituindo-se ao mesmo tempo prática. Nesta direção, a reflexão sobre a cidade é, fundamentalmente, uma reflexão sobre a prática sócio-espacial que diz respeito ao modo pelo qual se realiza a vida na cidade, enquanto formas e momentos de apropriação. Assim, o espaço urbano apresenta um sentido profundo, pois se revela enquanto condição, meio e produto da ação humana – pelo uso –, ao longo do tempo.” (CARLOS, 2004: 07).

A obra do sociólogo francês Henri Lefebvre, para quem Carlos (2001) dedica seu livro "Espaço-Tempo na Metrópole", também revela-se um importante referencial para o tratamento das questões pertinentes aos impactos da ação do arquiteto urbanista na vida dos moradores da Praia de Iracema. Este autor defende que a cidade deve ser analisada como "obra" das relações sociais, que atribuem valor aos seus espaços

⁵ Estes dois equipamentos foram projetados para ocuparem áreas da Praia de Iracema, estando o primeiro em funcionamento desde 1999 e o segundo, ainda hoje, existente apenas como projeto arquitetônico urbanístico.

pelo uso destes como meio condicionantes destas relações ao mesmo tempo em que são condicionados por elas (LEFEBVRE, 2001).

Nos trabalhos destes autores, constatei a importância conferida a vida desenvolvida no cotidiano, para a construção do conhecimento sobre o espaço. Vida esta, claramente desconsiderada pelos projetos urbanos implantados na Praia de Iracema, que apresentavam como principal objetivo o desenvolvimento turístico da capital cearense. O cotidiano do espaço deste bairro se instalou como o ponto focal desta pesquisa, que passava a destacar a relevância do espaço vivenciado pelos atores sociais e por suas práticas cotidianas.

1.2. O método

A questão a decidir, então, passou a ser qual método utilizar para captar a dimensão do cotidiano do espaço. Que metodologia seria apropriada para avaliar, a partir do espaço encontrado no cotidiano do bairro, as ações empreendidas por arquitetos e pelo Estado em um processo de revitalização urbana? Como alcançar a dimensão do cotidiano para uma reflexão sobre o confronto entre intervenções urbanas e vida cotidiana? De que maneira atingir a “realidade” do espaço para a construção de uma interpretação sobre este espaço ⁶?

Nesta busca, entrei em contato com os estudos da percepção ambiental, principalmente, pelo viés da semiótica, através dos trabalhos da arquiteta Lucrecia D’Alessio Ferrara ⁷. Estes estudos me despertaram o interesse por se concentrarem no valor e no significado atribuído ao espaço pelos seus usuários do cotidiano, através da percepção da “linguagem urbana” gerada pelo uso e pela apropriação destes espaços. Passei a considerar a percepção do espaço como um procedimento indispensável para a construção desta pesquisa. Dentre as leituras que realizei,

⁶ O arquiteto e antropólogo Carlos Nelson Ferreira dos Santos critica as “idealizações do real” oriundas de “análises teóricas da realidade”. Para este, o uso e abuso de “teorias cuja autolegitimação só é comparável à sua pouca seriedade” é comum em pesquisas que falam de uma “realidade sem ir lá ver onde ela está”. Carlos Nelson defende que é preciso “validar a teoria” pela constatação da realidade do objeto em pesquisa (SANTOS, 1980).

⁷ No livro “Olhar Periférico: Informação, Linguagem, Percepção Ambiental”, Ferrara explicita, na primeira parte do livro, toda metodologia utilizada por ela na sua pesquisa empírica sobre percepção ambiental em um bairro de classe média baixa da Zona Leste da cidade de São Paulo. Na segunda parte, realiza um aprofundamento teórico sobre o assunto.

destaco os trabalhos do arquiteto Vicente Del Rio⁸, que tratam a questão da percepção pelo viés da psicologia ambiental.

“Vida Cotidiana” e “Percepção Ambiental”, aos poucos, conquistavam a dimensão de “conceitos operatórios” no desenvolvimento teórico da pesquisa. A metodologia que eu buscava para o alcance dos objetivos desta, deveria me mostrar por onde perceber a vida cotidiana da Praia de Iracema para uma reflexão sobre a transformação do seu espaço urbano.

A leitura de trabalhos da antropologia urbana de Gilberto Velho e de trabalhos do arquiteto pós-graduado em antropologia Carlos Nelson Ferreira dos Santos, me colocaram em contato com a observação participante, método desenvolvido principalmente pelas pesquisas dos antropólogos. Este “método antropológico”, que defende que o pesquisador deve tentar se aproximar ao máximo do mundo como é percebido pelos seus pesquisados, buscando fugir de imagens e estereótipos abrangentes sobre estes grupos (VELHO, 2003), passou a absorver o meu interesse na busca metodológica.

A observação participante, a partir de então, se transformou em uma necessidade de conhecimento por eu atribuir maior credibilidade à percepção construída através desta “técnica antropológica”, do que à percepção elaborada pelas técnicas metodológicas da semiótica e da psicologia ambiental, centradas nas leituras de mapas mentais, de questionários e de imagens fotografadas pelos cidadãos usuários do espaço em questão⁹.

Passei, então, a buscar, no “universo” da antropologia, conhecimento sobre um método de investigação para minha imersão em campo. No aprofundamento das leituras de pesquisas antropológicas, que abordavam o espaço urbano pelo método da observação participante, constatava que o foco principal destes estudos é a estruturação das relações sociais, onde o cenário urbano é o meio que condiciona estas relações, ao mesmo tempo, em que é condicionado por elas. Percebia, neste ponto, um forte elo de ligação entre estes estudos antropológicos do espaço urbano e

⁸ São eles: Introdução ao Desenho Urbano no Processo de Planejamento; e Desenho Urbano e Revitalização na Área Portuária do Rio de Janeiro: a Contribuição do Estudo da Percepção Ambiental.

⁹ Na busca de um aprofundamento sobre a observação participante, no primeiro semestre do ano de 2006, cursei a disciplina Antropologia Urbana do Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social do Museu Nacional, onde fui aluno do professor Gilberto Velho.

a pesquisa que eu desenvolvia sobre o bairro Praia de Iracema. Porém, apesar do meu trabalho enfatizar a construção social do espaço, o foco principal dele é a estruturação do espaço e não a estruturação das relações sociais no espaço. Esta diferença entre focos, além de firmar minha pesquisa como pertencente ao campo de conhecimento do urbanismo e não da antropologia, me concedeu certa “liberdade” com relação ao uso do método da observação participante em campo ¹⁰. De acordo com o pensamento de Whyte:

“Estou convencido de que a evolução real das idéias na pesquisa não acontece de acordo com os relatos formais que lemos sobre métodos de investigação. As idéias crescem, em parte, como resultado de nossa imersão nos dados e do processo total de viver” (WHYTE, 2005: 284)

Destaco dentro deste processo de busca por um método de pesquisa, o contato que mantive com os textos da Internacional Situacionista ¹¹, compilados por Paola Berenstein Jacques no livro “Apologia da Deriva: escritos situacionistas sobre a cidade”. Este grupo de ativistas dos movimentos de contracultura publicou severas críticas ao urbanismo não-participativo do Movimento Moderno. Segundo Jacques, o urbanismo defendido pelos situacionistas – “Urbanismo Unitário” – “não propôs novos modelos ou formas urbanas, mais sim experiências efêmeras de apreensão do espaço urbano através da proposta de novos procedimentos como a psicogeografia e de novas práticas como a deriva” (JACQUES, 2003: 15). O grupo pregava, em seus manifestos, a necessidade da “experiência urbana” para compreensão do espaço da cidade.

¹⁰ Na última semana da disciplina Antropologia Urbana, marquei uma reunião com o professor Gilberto Velho, onde pretendia que ele me desse umas “orientações” para minha imersão em campo, que aconteceria logo em seguida. Após eu informa-lo do meu retorno a Fortaleza, onde pretendia alugar um lugar para morar dentro da Praia de Iracema, ele me disse que a orientação que, naquele momento, poderia me fornecer era esta que eu já estava disposto a realizar: vivenciar o máximo possível o espaço em questão. O professor indicou-me algumas leituras antropológicas sobre Copacabana e se colocou a minha disposição para, no meu retorno, marcarmos outro encontro, caso necessário, para uma orientação a partir dos dados colhidos em campo.

¹¹ Internacional Situacionista: grupo de artistas, pensadores e ativistas que, no final da década de 50, se reuniram e fizeram parte dos movimentos de contracultura, dentre eles a manifestação estudantil de maio de 1968, em Paris, que teve os situacionistas como base teórica do movimento. O principal interesse dos situacionistas era lutar contra a alienação e passividade da sociedade em todos os campos da vida social regida pela dominação capitalista. O meio urbano teve significativa importância nos escritos situacionistas por eles considerarem o urbano como terreno propício para a ação e intervenção contra a monotonia da vida cotidiana moderna (JACQUES, 2003).

Inspirado na prática da “deriva” urbana dos situacionistas¹² e na vivência – “experiência” – do espaço urbano dos antropólogos, penetrei no espaço do cotidiano da Praia de Iracema em busca de apreendê-lo.

1.3. Em campo

1.3.1. À procura de um lugar

Retornei a Fortaleza no início de julho de 2006. Logo nos primeiros dias, passei a procurar um lugar para alugar no bairro Praia de Iracema. Havia entrado em contato, ainda estando no Rio de Janeiro, com uma amiga moradora do bairro, sobre a pretensão de morar na Praia de Iracema durante minha estadia em Fortaleza – período estipulado em dois meses. Ela me tranqüilizou, relatando que no bairro era farta a oferta de quartos e quitinetes em residências e pousadas, para alugar por temporada. Informei-lhe o valor em dinheiro que eu estava pensando em gastar com o aluguel – 500 reais pelos dois meses – e ela me reafirmou que eu não encontraria dificuldades para lá me instalar.

No primeiro dia em campo, fui até a casa desta amiga e de lá saímos em busca de um lugar para alugar. A facilidade que me havia sido relatada não se concretizou. A oferta de cômodos era mesmo farta, porém o valor cobrado estava bem acima de nossas expectativas. Iniciamos a busca, visitando apenas os lugares que cobravam o que eu estava pensando em pagar. O valor estipulado – 250 reais de mensalidade – era nossa baliza. Encontramos poucas opções, variando em torno deste valor, as quais eram, rapidamente, descartadas, devido às péssimas condições das estalagens. Estes quartos eram geralmente internos de residências, onde a família proprietária ali residia e oferecia cômodos que estivessem “sobrando” em suas casas. A maioria deles era algum ambiente diverso da casa (sala, quintal, garagem, área de serviço) transformado em quarto, para receber os hóspedes. As reformas nos lares não apresentavam preocupações com relação ao conforto do ambiente criado, os quais eram geralmente desprovidos de iluminação natural e circulação de ar.

¹² “Deriva: modo de comportamento experimental ligado às condições da sociedade urbana: técnica da passagem rápida por ambiências variadas. Diz-se também, mais particularmente, para designar a duração de um exercício contínuo dessa experiência” (JACQUES, 2003: 65)

Decidi não limitar mais a procura pelo valor cobrado, passamos a visitar tudo que aparecia em nossa frente. Apesar de aberto o “leque de opções”, a oferta encontrada era desanimadora. A variação de preço era exorbitante ¹³, porém a qualidade dos ambientes ofertados não diferia muito dos ambientes visitados no início da procura. A relação custo benefício me parecia extremamente desfavorável ¹⁴.

Fomos a vários lugares onde minha amiga conhecia os proprietários, por serem “vizinhos” há anos. Ela tentou pechinchar o preço cobrado em todos os lugares visitados, esperando uma “camaradagem” oriunda da relação de vizinhança. O fato de estarmos em julho, período do início da “alta estação europeia” ¹⁵, destruía qualquer tentativa de barateamento dos preços dos alugueis.

Depois de dois dias, dispensei a ajuda da amiga. Percebi que a busca por um lugar para morar ainda se estenderia. Encarei este momento como o exercício inicial da pesquisa de campo. Percorri todas as ruas do bairro. Onde encontrava uma placa que informava a existência de quartos para alugar, eu entrava, conhecia o ambiente e, quando possível, buscava informações que iam além do interesse pela hospedagem.

Apesar da diversidade de ambientes que encontrei nestas visitas ¹⁶, classifico três “tipos” distintos de hospedarias na Praia de Iracema: quartos em residências familiares, geralmente ociosos pelo desgarramento de um membro da família ou pela transformação de um cômodo da casa em quarto para locação; antigas residências transformadas em pousadas, em alguns casos com a família ainda morando nestes ambientes, sendo marcante também a presença de estrangeiros como proprietários

¹³ Visitei lugares onde os alugueis de um cômodo variavam entre 200 e 1600 reais de mensalidade. Quase todos eram quartos em antigas residências transformadas em pousadas e hospedarias, algumas ainda pertencentes às famílias que ali sempre habitaram.

¹⁴ Pesquisei nos anúncios dos classificados dos jornais locais e constatei que o valor que eu iria pagar por um mês de aluguel de um quarto com banheiro na Praia de Iracema era equivalente ao preço do aluguel de um apartamento de dois a três quartos (área média entre 80 e 100m²) nos bairros de classe média e média alta de Fortaleza, como Aldeota, Papicu, Varjota e Meireles.

¹⁵ Apesar desta expressão “alta estação europeia” ter sido pronunciada por quase todos os proprietários dos lugares visitados, estava claro que a maioria dos hóspedes daqueles ambientes eram as garotas de programa, que nesta época, devido a grande presença de turistas europeus na noite do bairro, lotam as hospedagens mais simples deste.

¹⁶ Visitei desde ambientes familiares, onde o fato de eu ser do sexo masculino causava extrema abertura da família para me receber, já que a grande procura de hospedagem era de “mulheres que trabalhavam na noite”; até ambientes que pertenciam aos “gringos” e todos os hóspedes eram homens, estrangeiros e solteiros, com banheira de hidromassagem e globo luminoso dentro do quarto, onde me foi informado que eu poderia levar até duas companheiras para pernoitar comigo.

destas pousadas; e os grandes hotéis e flats, que ocupam, principalmente, parte da orla marítima do bairro ¹⁷.

Em busca de hospedagem, extrapolei os limites do bairro e percebi que a distância de uma quadra tornava significativa a diferença de preço cobrada por hospedagem no Centro, bairro vizinho à Praia de Iracema.

Depois de onze dias, dos quais sete de perambulações pelo bairro, encontrei o lugar onde eu iria morar na Praia de Iracema. Uma pousada em fase final de reforma, onde antes funcionava um bar que sucedeu uma residência. O rapaz, que me atendeu, era filho de um casal que ali estava, vindos do interior de São Paulo. Haviam chegado a Fortaleza há pouco tempo e investiam naquele “negócio”, onde pretendiam morar, trabalhar e realizar o desejo de viver perto do mar.

A partir de então, foram mais 39 dias inserido em campo ¹⁸. Ter o meu cotidiano construído dentro do meu próprio “ambiente de trabalho” foi uma experiência fundamental para o alcance dos objetivos desta pesquisa, porém bastante cansativa, pois não havia como separar o horário de trabalho do horário de folga ¹⁹. Morar na Praia de Iracema significava, para mim, estar com os sentidos em alerta para apreender, a qualquer momento, uma dimensão do espaço que é materializada pelo seu fluxo ordinário e assim perceber, nesta dimensão, um “urbanismo” estruturador do espaço urbano.

1.3.2. Instalado: um “errante” na Praia de Iracema

Portando um bloco de folhas em branco e um lápis, passei a ser um caminhante a esmo pelas ruas da Praia de Iracema – um “errante” –, deixando-me levar pelas solicitações da própria paisagem, sem destino previamente definido. As direções do caminho eram firmadas pelo impulso de explorar os lugares de modo a aumentar o conhecimento sobre estes, de “incorporá-los”. Através deste “comportamento experimental” – inspirado na “deriva” urbana dos situacionistas – buscava tomar posse da complexidade espacial expressa pela vivência do cotidiano daquele bairro.

¹⁷ Na busca por hospedagem, não incluí os hotéis e flats, dei prioridade às pequenas hospedarias por estas serem mais integradas ao cotidiano do bairro.

¹⁸ Morei na Praia de Iracema do dia 23 de julho ao dia 30 de agosto de 2006.

¹⁹ Nos momentos em que eu decidia descansar, era preciso me ausentar do bairro ou me trancar no quarto da pousada sem abrir nem a janela, pois através desta eu tinha contato com a rua e olhar o seu fluxo me remetia ao trabalho.

“A cidade deixa de ser um simples cenário no momento em que ela é vivida, experimentada. Ela, a partir do momento em que é praticada, ganha corpo, se torna ‘outro’ corpo. Para o errante urbano, sua relação com a cidade seria da ordem da incorporação. Seria precisamente desta relação entre o corpo do cidadão e deste outro corpo urbano que poderia surgir uma outra forma de apreensão da cidade, uma outra forma de ação, através da experiência da errância – desorientada, lenta, incorporada – a ser realizada pelo urbanista errante...” (JACQUES, 2006: 127).

Imerso na diversidade de “ambiências urbanas” da Praia de Iracema²⁰, capturei, através da experiência sensorial do meu corpo no espaço, informações para a construção de um “Estudo Psicogeográfico” do bairro, objetivando expor uma leitura espacial enriquecida pela vida cotidiana ali encontrada.

Para compor este “Estudo”, inicialmente, delimito a área que seria considerada Praia de Iracema – limites não oficiais – por esta pesquisa, em seguida, dividi esta em “zonas de ambiências” de acordo com a “arquitetura das ruas e o cenário movente que as complica” (JACQUES, 2003: 81), para, então, passar a percorrer todos estes espaços com os meus sentidos em alerta.

“Estudo psicogeográfico” do bairro²¹

Inicialmente, é preciso esclarecer os limites físicos estabelecidos por mim para Praia de Iracema. Estes limites não coincidem com a delimitação oficial do bairro (Fig. 1), devido esta ser restrita perante a área usualmente conhecida como Praia de Iracema pelos habitantes da cidade de Fortaleza. O limite ao norte (o mar) e o limite ao sul (Av. Monsenhor Tabosa) são coincidentes na delimitação oficial e na estipulada por este trabalho. Entretanto, a oeste, oficialmente o bairro tem como limite as ruas Almirante Jaceguai / Almirante Tamandaré, sendo que, neste “Estudo”, este limite é desconsiderado e estendido à Av. Alberto Nepomuceno, a qual, oficialmente, já pertence ao bairro Centro²². A Leste, a Rua João Cordeiro, na cartografia oficial,

²⁰ Guy Debord defini as diversas ambiências urbanas como sendo “a divisão patente de uma cidade em zonas de climas psíquicos definidos; a linha de maior declive – sem relação com o desnível – que devem seguir os passeios a esmo; o aspecto atraente ou repulsivo de certos lugares” (JACQUES, 2003: 41).

²¹ O texto deste item tem como base de sua escrita o “estudo psicogeográfico” do bairro parisiense Les Halles de autoria do situacionista Abdelhafid Khatib, publicado em dezembro de 1958 no segundo volume do periódico da Internacional Situacionista, com o título: “Esboço de Descrição Psicogeográfica do Les Halles de Paris” (JACQUES, 2003).

²² Apesar deste limite oficial, a oeste, não incluir o Centro Dragão do Mar de Arte e Cultura ao território da Praia de Iracema, este equipamento, segundo a Lei de Uso e Ocupação do Solo de Fortaleza está

limita o bairro, nesta pesquisa, a Rua Ildefonso Albano, já pertencente oficialmente ao bairro Meireles, servirá de limite entre este e a Praia de Iracema²³.

Uma característica marcante do traçado urbano da Praia de Iracema é a irregularidade de suas ruas e quadras. Esta característica é diferencial entre este bairro e a grande maioria dos bairros da cidade de Fortaleza, que possui um tecido urbano, quase que exclusivamente, estruturado pelo traçado em xadrez.

A primeira zona de ambiência definida por este “Estudo Psicogeográfico” da Praia de Iracema – Zona do Dragão – consta do extremo sudoeste deste bairro, limitada pela Av. Presidente Castelo Branco / Av. Monsenhor Tabosa, ao sul; Av. Alberto Nepomuceno, a oeste; Av. Pessoa Anta / Av. Almirante Barroso, ao norte; e Rua Tomás Lopes, a leste. A arquitetura de grandes galpões e armazéns é preponderante nesta zona remanescente do primeiro Porto de Fortaleza. Em meio a estes, foi construído, no final da década de 1990, o Centro Dragão do Mar de Arte e Cultura. Pela presença deste, esta se tornou a zona mais célebre de todo o bairro (Fig. 2 a 15).

Este equipamento cultural provoca uma considerável diferenciação entre as ambiências diurna e noturna desta zona. Durante o dia, o “cenário movente” é quase inexistente neste espaço urbano. Grande parte dos galpões só abre à noite, para funcionar como estacionamento, danceterias e restaurantes. Os que funcionam no período diurno, realizam atividades fechadas dentro de si – metalúrgica, marcenaria, confecção, garagem de ônibus –, restando um espaço público desabitado, mal estruturado – ausência de vegetação e pavimentação, quando existente, mal conservada – e limitado por grandes construções geminadas (galpões), desprovidas de aberturas e a grande maioria em péssimo estado de conservação. A experiência corporal desta ambiência urbana diurna é tensa, devido à solidão do caminhante neste espaço e ao seu aspecto repulsivo e degradado.

A área ocupada pelo Centro Dragão do Mar, apesar de pouco habitada durante o período diurno²⁴, não apresenta características repulsivas. Pelo contrário, o aspecto

instalado no Setor 2 da Zona de Interesse Urbanístico – Praia de Iracema. Esta Zona tem como limite, a oeste, a Av. Alberto Nepomuceno.

²³ Localiza-se no extremo norte da Rua Ildefonso Albano, no encontro desta com a praia, um monumento com a estátua de Iracema, “a virgem dos lábios de mel”, personagem título do romance do escritor cearense José de Alencar. Esta estátua da “virgem”, cravada na areia da praia, é uma espécie de demarcador, para o fortalezense, do limite da Praia de Iracema.

bem cuidado dos jardins e praças do Centro, a suntuosidade da edificação de 13.500m² de área construída e a presença constante de segurança privada conferem conforto e tranquilidade à ambiência diurna deste espaço.

No período noturno, a ambiência se transforma. Os bares e restaurantes espalham mesas e cadeiras, ocupando as calçadas do CDMAC. Nelas, pequenos palcos são montados, onde músicos e intérpretes dos mais diversos estilos musicais se apresentam, ocasionando, frequentemente, choque entre sons distintos. Vendedores ambulantes ocupam estas calçadas, criando núcleos de pessoas em toda a extensão das grandes praças e jardins. Acrescenta-se a este público, os visitantes das salas de espetáculos, de cinemas e de exposições artísticas. O barulho da ambiência noturna deste equipamento cultural é contrastante ao silêncio diurno encontrado em toda sua extensão.

Durante a noite, o trânsito é intenso nas ruas circundantes do Centro Dragão do mar, principalmente nos finais de semana, quando a confluência de pessoas para esta área da cidade é mais acentuada. As ruas Dragão do Mar e José Avelino – ruas que cruzam o CDMAC – apresentam vários galpões, nas quadras seguintes ao Centro Cultural, funcionando como estacionamentos e casas noturnas. Por esses tipos de usos noturnos dos galpões, nestas ruas a relação entre carros e pedestres é conflituosa. A presença de barracas ambulantes de venda de bebidas alcoólicas, ocupando os espaços das ruas e das estreitas calçadas, acentua este conflito. No espaço diurno desabitado e silencioso destas ruas, a grande quantidade de lixo é a comprovação da intensa vida que o percorrerá na noite antecedente.

Duas avenidas de grande fluxo diário cortam o espaço do bairro Praia de Iracema no sentido leste-oeste – Av. Monsenhor Tabosa / Presidente Castelo Branco e Av. Historiador Raimundo Girão / Almirante Barroso / Pessoa Anta. A primeira, localizada no limite sul do bairro, é um importante corredor de tráfego entre o Centro e a região leste da cidade. No seu percurso interno à Praia de Iracema, esta avenida funciona como um pólo comercial, concentrando lojas e galerias que comercializam, principalmente, artigos do vestuário. A segunda avenida corta o centro do bairro e contém fluxos nos dois sentidos, sendo o trânsito no sentido região leste – centro da cidade bem mais intenso. O uso comercial e residencial divide toda a extensão deste

²⁴ Os museus, salas de exposições e de cinemas deste Centro Cultural só abrem suas portas para visitação a partir das 14 horas. É no final da tarde, quando abrem os bares, lanchonetes e restaurantes, que começa a ser expressivo o fluxo de pessoas circulando pelo equipamento.

corredor de tráfego. O comércio mais freqüente é o da hotelaria, principalmente na porção desta avenida que margeia o mar.

A segunda zona de ambiência, delimitada por esta “Psicogeografia” da Praia de Iracema – Zona do Poço –, está locada no extremo setentrional do Centro Dragão do Mar de Arte e Cultura. Limitada ao sul, pela Av. Pessoa Anta; a leste, pela Av. Almirante Tamandaré; ao norte, pelo mar; e a oeste, pela Indústria Naval, nesta zona localiza-se a comunidade do Poço da Draga. Esta área compreende a região residencial mais pobre – assentamento informal – e antiga do bairro, conhecida como favela do Poço da Draga²⁵ (Fig. 16 a 28).

A comunidade encontra-se “escondida” atrás de um “muro de edificações” existente nos seus limites a leste e a sul. Apesar de ser vizinha do Centro Cultural, estando nele, não se percebe que ali do lado existe uma comunidade carente, pois esta se localiza aos fundos da grandiosa edificação de pedra, construída no século XIX, onde funcionou a alfândega portuária de Fortaleza, hoje ocupado por uma agência da Caixa Econômica Federal.

Atravessando este limite visual, pela Rua Boris, penetra-se na zona de ambiência do Poço da Draga. Percebe-se de imediato o contraste estético e rítmico entre o “dentro e o fora”. A simplicidade das residências e a tranqüilidade do ambiente, onde pessoas conversam na frente de suas casas e crianças brincam na rua, fornece ao caminhante a sensação de estar penetrando em uma ambiência antagônica à anterior, marcada pelo ritmo acelerado do trânsito da Av. Pessoa Anta, ladeada pelas imponentes edificações da antiga alfândega e do Centro Dragão do Mar.

Constatei, no primeiro momento em que estive na comunidade, que a minha presença era percebida e comentada por todos que me viam. Senti-me intimidado, como se estivesse invadindo uma área particular. Caminhei pela Rua Gérson Gradvol – principal e maior rua da comunidade –, hesitei penetrar nas vielas, pois a escala reduzida me parecia aumentar a privacidade do ambiente. Decidi retornar em outro momento, quando estivesse acompanhado de um morador, que eu ainda iria conhecer.

Não demorei a retornar. Acompanhado de um rapaz de 22 anos “nascido e criado no Poço”, percorri todas as ruas, becos e vielas da comunidade e penetrei em vários de

²⁵ Denominação considerada pejorativa por alguns moradores da comunidade, que mantive contatos.

seus lares. No “Poço” (assim se referem seus moradores à comunidade) existem duas ruas pavimentadas com paralelepípedo – Rua Gérson Gradvol e Rua Viaduto Moreira da Rocha –, as quais circundam as casas e estão locadas imediatamente atrás do “muro das edificações”, que separa a comunidade do resto do bairro. Nestas não existem calçadas, pedestres e automóveis, que são poucos, transitam pelo mesmo espaço. Nelas, residem os moradores mais antigos e ali estão locadas as melhores residências da comunidade. Perpendiculares a estas ruas, encontram-se os becos e vielas, que são espaços vazios deixados entre as construções desalinhadas, que, com o passar dos anos, foram sendo erguidas, soterrando o mangue existente no centro da área ocupada pela comunidade²⁶. Percorrendo os becos, das extremidades (ruas pavimentadas) à área central da comunidade (mangue), percebe-se a “linha decrescente” das condições de vida dos seus moradores. As casas dos residentes mais recentes, locadas na área do mangue, são de madeira e papelão, desprovidas de água encanada e energia elétrica²⁷.

Os vínculos de proximidade e vizinhança conferem passividade à ambiência diurna do espaço da comunidade. Entretanto, casos recentes de violências, oriundos do envolvimento de moradores da comunidade com o tráfico de drogas, vem instalando medo e insegurança na população residente, a qual está mais reclusa ao lar durante as noites²⁸.

Na extremidade leste do Poço da Draga está a terceira zona de ambiência da Praia de Iracema – Zona P.I.²⁹. Esta possui a forma de um triângulo, sendo os seus lados: a Av. Almirante Tamandaré, o mar e a Av. Almirante Barroso (Fig. 29 a 41). Em um de seus vértices está a Igreja de São Pedro, paróquia do bairro. Este triângulo é conhecido como a “Praia de Iracema antiga”, pois foi nele onde se instalaram as

²⁶ Este mangue, que atualmente é depósito de lixo e está quase que totalmente soterrado, é a foz do Riacho Pajeú. Nas margens deste riacho foi onde surgiram as primeiras edificações da cidade de Fortaleza.

²⁷ Em época de chuvas fortes e de “ressaca” do mar, as águas do mangue sobem e invadem as casas, agravando mais as condições precárias em que vivem estas famílias.

²⁸ Fui aconselhado, por vários moradores, a não ir sozinho, durante a noite, ao “Poço”, pois eu poderia ser vítima dos “malandros” que por ali se instalaram. O tráfico de drogas, segundo os moradores mais antigos da comunidade, ali se instalou com a chegada de “estranhos”, que vieram de outros bairros de Fortaleza e construíram “barracos” na comunidade, porém reconhecem que, atualmente, existem famílias inteiras, que são antigas moradoras, envolvidas com este crime. Durante o período que estive em campo, um jovem foi assassinado brutalmente dentro de sua residência, “devido uma dívida com um traficante”.

²⁹ P.I. é a maneira abreviada que os jovens fortalezenses utilizam para se referir a esta área do bairro Praia de Iracema.

residências de veraneio de famílias ricas, no início do século XX. Grande parte desta “ocupação nobre” foi destruída pelo mar em meados da década de 40, restando, atualmente, poucos exemplares dos “bangalôs” e “palacetes avarandados”, que existia a beira-mar.

O extremo oeste e o extremo leste deste triângulo são áreas ocupadas principalmente por residências unifamiliares. No oeste, as residências são simples, não se distinguindo muito das habitações dos seus vizinhos, moradores do Poço da Draga. Estas residências se localizam em vilas no interior de uma grande quadra, assim como seus vizinhos, elas também se encontram entre muros. A população menos favorecida economicamente, que ainda hoje reside na Zona de Interesse Urbanístico – Praia de Iracema ³⁰, encontra-se inacessível aos olhos dos freqüentadores desta área “revitalizada”. No extremo leste do triângulo, o conjunto arquitetônico conserva edificações da “época áurea” do bairro. A diferença entre classes sociais na ocupação da área do triângulo fica clara no depoimento de um antigo morador, o médico e artista plástico Hélio Rola, à imprensa local, em meados da década de 80:

“Em torno do Iracema Plaza [leste], fica o pessoal da ‘alta’, senhoras e senhores que freqüentam reuniões da igreja e acontecimentos sociais. No extremo oposto, por trás do prédio do DNOCS, se acotovelam os habitantes da favela do ‘Baixa-Pau’ (...) Entre a gente de ‘alta’ e do ‘Baixa-Pau’ se acomoda a classe média, antigos serviçais dos palacetes, soldados da Subsistência do Exército, alguns artistas e profissionais liberais com atelieres e escritórios montados, velhos e novos iracemitas.” (O Povo, 09/06/1984)

A ocupação existente, hoje, no centro desta área é bastante distinta da narrada à imprensa, em 1984. Ali está locada uma infinidade de bares que, diariamente, no período noturno, são ocupados por garotas de programas e homens estrangeiros. A noite é agitadíssima neste centro, composto pelas ruas: Tremembés, Potiguaras, e o trecho central da Rua Tabajaras. Os bares são abertos para o espaço público³¹. Em suas calçadas se posicionam várias garotas, que, portando um cardápio, abordam os rapazes passantes, tentando convence-los a entrarem e consumirem no bar onde elas estão trabalhando. Esta abordagem é extremamente sedutora e ali na calçada já se estabelece um contato corporal. Quando uma delas conquista o cliente, o conduz

³⁰ Esta Zona de Interesse Urbanístico, delimitada pela Lei de Uso e Ocupação do Solo vigente em Fortaleza, Abrange a primeira, segunda e terceira zona de ambiência deste “Estudo Psicogeográfico” do bairro.

³¹ Nesta pesquisa, me refiro à representação urbanística de espaço público, como: praças, ruas, calçadas etc. Sobre diferentes abordagens do conceito de espaço público, ver: (ANDRADE, 2002).

ao interior do bar e ali o apresenta a alguma “amiga”, retornando, em seguida, à calçada. No momento em que o bar lota, elas abandonam a calçada e penetram no bar, onde, geralmente, já existe um dos seus “conquistados” a sua espera.

A ambiência noturna destas ruas é frenética. Além das “moças das calçadas”, várias outras transitam entre os bares. Entre elas, é comum a presença de rapazes gays e travestis. Com o passar das horas – a madrugada é bem mais agitada do que a noite –, a quantidade de homens estrangeiros só aumenta ³². Os sons e as iluminações piscantes dos bares invadem as ruas. O trânsito de táxis é intenso, sendo comum engarrafamento e confronto com os pedestres. É grande a presença de ambulantes neste espaço. Eles são homens, mulheres e crianças de ambos os sexos, que perambulam por estas ruas engraxando sapatos e vendendo balas, cigarros e bebidas alcoólicas.

A ambiência diurna das ruas centrais da Zona P.I. é silenciosa e tranqüila. Totalmente ladeadas por bares com portas cerradas, este espaço urbano é desabitado, durante todo o dia, assim como o espaço das ruas ocupadas pelos galpões, próximos ao Centro Dragão do Mar, localizadas na primeira zona de ambiência deste “Estudo Psicogeográfico” do bairro. Entretanto, o “clima psíquico” tenso percebido na experiência do caminhar solitário na primeira zona de ambiência – Zona do Dragão – não se repete na experiência como transeunte nesta terceira zona, devido à escala reduzida de suas ruas e ao aspecto bem cuidado das edificações que as ladeiam.

Diariamente, a partir do final da tarde, a Rua Cariris, no centro desta terceira zona, passa a receber um fluxo intenso de pedestres. Estes são em grande maioria jovens, que desembarcam de transportes coletivos na Av. Almirante Barroso e seguem pela Rua Cariris até o seu extremo, onde ela se transforma em um passeio exclusivo para pedestres³³, que finda na Ponte dos Ingleses – píer construído, em 1926, para servir ao antigo Porto, que, em 1994, foi refuncionalizado como ponto turístico. O pôr-do-sol é o atrativo principal do grande número de visitantes diários da Ponte. Apesar de estruturada com lanchonetes e lojinhas de venda de artesanatos, é na sua extremidade final que se concentra o maior número de visitantes. Neste lugar o que

³² Vale ressaltar que realizei a pesquisa de campo entre os meses de julho e agosto, período de férias de verão do hemisfério norte e, conseqüentemente, época de maior agitação noturna nesta zona de ambiência. Uma prostituta me informou que, nesta época do ano, ela cobrava entre 150 e 200 reais por um “programa” e que em outras épocas era difícil encontrar por ali um cliente que pagasse 50 reais.

³³ Extremidade oeste do calçadão, construído a beira-mar nesta terceira zona de ambiência.

existe é um grande platô elevado do nível do piso, onde os grupos de pessoas se esparramam, contemplam o pôr-do-sol e permanecem durante todo o crepúsculo e o início da noite.

A área do bairro ocupada pelo calçadão, que parte da Ponte dos Ingleses e segue margeando o mar em toda esta terceira zona de ambiência, é atualmente um espaço urbano desabitado durante o dia e a noite. Apesar da privilegiada localização em frente ao mar ³⁴, a ambiência deste espaço é excessivamente degradada, devido ao péssimo estado de conservação da pavimentação e do mobiliário urbano do calçadão e ao abandono de quase todas as edificações que o ladeiam, as quais, durante a década de 90, funcionaram como bares e restaurantes e, atualmente, encontram-se em escombros ou fechadas por tapumes.

Saindo desta zona e caminhando na direção sul, penetramos na quarta zona de ambiência da Praia de Iracema – Zona do Morro. Esta se estende entre a Rua Tomás Lopes, a Av. Historiador Raimundo Girão, a Rua João Cordeiro e a Av. Monsenhor Tabosa (Fig. 42 a 54). As fachadas norte e sul deste quadrilátero – Av. Historiador Raimundo Girão e Monsenhor Tabosa – são ocupadas quase que exclusivamente por estabelecimentos comerciais (lojas de roupas, hotéis e restaurantes). Este tipo de ocupação do solo e o fluxo intenso do trânsito nestas avenidas tornam distintas estas ambiências da ambiência interna desta zona, ocupada por residências unifamiliares de antigos moradores que ali chegaram – ocupando o “morro”³⁵ –, no início do século XX, para trabalharem como serviçais nas “casas dos ricos” da orla do bairro.

Nesta quarta zona de ambiência – atualmente ocupada por residências simples e bem estruturadas, que são supridas de infra-estrutura básica, como: água encanada, esgoto, energia elétrica e iluminação pública – residem inúmeras famílias que ali chegaram quando “tudo isso aqui era um areal só de dunas” ³⁶. Os fortes laços de afetividade entre os “vizinhos” da Zona do Morro é facilmente percebido pela experiência corporal deste espaço urbano. Em caminhadas por ali, deparei-me – principalmente no horário do final da tarde, quando as sombras das edificações cobrem as ruas – com cenas de sociabilidade comuns em cidades pequenas do

³⁴ Nesta área do bairro não existe faixa de areia entre o mar e o calçadão, o que existe é uma barreira de pedras para conter as ondas, sendo freqüente, em época de “ressaca” do mar, a destruição do calçadão.

³⁵ Como é conhecida esta área, devido o solo em aclave.

³⁶ Depoimento de um morador de 78 anos, que ali habita desde que nasceu.

interior, como: cadeiras nas calçadas e pessoas reproduzindo o ambiente da sala de estar do lar no espaço público; senhores concentrados ao redor de mesas, onde a jogatina do baralho e/ou do dominó se prolonga por várias horas; e, também, crianças brincando nas ruas, estabelecendo uma relação harmoniosa com o trânsito esporádico de automóveis.

Outros pontos importantes de sociabilidade entre os moradores, são os pequenos comércios existentes nesta área, geralmente instalados nos cômodos dianteiro das residências. Eles são botequins, lanchonetes, mercearias, salões de beleza e armarinhos. Nestes estabelecimentos comerciais, a venda de um produto ou a prestação de um serviço a um “vizinho” não significa pagamento no ato. A relação de confiança entre eles permite o adiamento do pagamento para o dia mais favorável ao cliente ³⁷.

Em conversas que mantive com alguns moradores desta zona, falaram-me, com empolgação, da festa junina que eles promovem, anualmente, na Rua Padre Justino. O evento mobiliza toda a comunidade durante o primeiro semestre do ano, com arrecadação de dinheiro, reuniões e ensaios da quadrilha. A experiência da arquiteta Solange Schramm, no momento desta festa, está documentada na sua dissertação de mestrado. Ela relata:

“Percebem-se os laços existentes (...) num momento festivo, como a mobilização dos seus moradores para o ‘Forró da Pade’, que lá acontece há vinte anos, no mês de junho. Numa visita feita à rua, no dia da festa, notava-se a mobilização coletiva em torno da montagem das barraquinhas, da ornamentação da via pública e de outros preparativos. À noite, a rua foi fechada para os carros, toda iluminada e repleta de bandeirinhas, cadeiras na calçada, o entra-e-sai das casas. O bar da esquina estava bem movimentado e, a poucos metros, no salão de beleza, ainda aberto àquela hora, as moças, com suas roupas de dançar a quadrilha, faziam os últimos retoques no penteado” (SCHRAMM, 2001: 92).

A vivência da Zona do Morro torna perceptível a íntima relação entre seus moradores e entre estes e o espaço urbano do cotidiano de suas vidas.

Caminhando desta quarta zona em direção ao leste, chegamos à quinta e última zona de ambiência deste “Estudo” – Zona Vertical. Locada entre o mar, a Rua Ildelfonso Albano, a Av. Monsenhor Tabosa e a Rua João Cordeiro, esta zona compreende o

³⁷ Numa tarde em que estive em uma lanchonete/mercearia desta zona, percebi que dois clientes, que ali estavam, saíram sem pagar os seus lanches e a proprietária havia percebido e não manifestara nenhuma atitude. Quando indaguei o motivo do acontecido, ela relatou-me: “Eles são filhos de um vizinho nosso, no início do mês, o pai deles vem aqui e resolve tudo”.

extremo leste da Praia de Iracema (Flg. 55 a 67). Permeada por torres de edifícios residenciais e de hotéis, a ambiência verticalizada do seu espaço é singular em todo o bairro, o qual apresenta poucas edificações verticais distribuídas em sua área.

A diferença entre a classe social dos habitantes da Zona Vertical e dos habitantes de todas as outras zonas do bairro, fica clara não só no padrão das edificações de suas residências, mas, também, no uso e na apropriação do espaço urbano. Nas ruas internas desta zona, não se percebe relações entre vizinhos. A sociabilidade que pode existir entre eles, acontece nos espaços privados dos condomínios, isolados das ruas por altos muros. Inexistem pequenos comércios por ali. As calçadas e ruas deste espaço urbano são ambientes exclusivamente de passagem, onde o fluxo de carro é sempre mais intenso do que o de pedestres, principalmente no período noturno, quando as calçadas permanecem vazias durante longo tempo.

A fachada litorânea desta zona, composta por hotéis, restaurantes e edifícios residenciais de alto luxo, possui um espaço público bastante habitado. Neste localiza-se a única área do calçadão a beira-mar da Praia de Iracema que, ainda hoje, é freqüentada por fortalezenses e turistas. Diariamente, a partir do final da tarde, inúmeros ambulantes armam barraquinhas de lanches, estimulando o fluxo de pessoas, tanto nos seus comércios quanto no comércio dos quiosques, construídos sobre o calçadão. A faixa de praia é ocupada por “escolinhas” de futebol para crianças e adolescentes e os jovens improvisam quadras nas areias, onde praticam vários esportes. É freqüente o trânsito de “coopistas” no calçadão. Esta ambiência agitada se prolonga por toda a noite e nos finais de semanas se estende pela madrugada.

1.3.3. A Praia de Iracema “incorporada”

Depois de realizada a experiência de habitar na Praia de Iracema, onde construí o meu cotidiano integrado ao cotidiano daquele espaço, parti para um outro momento da pesquisa de campo: buscar informações sobre os projetos urbanos que transformaram (movimentaram), ou pretenderam transformar, o espaço da Praia de Iracema, no processo de “revitalização” pelo qual este bairro vem passando, desde o início da década de 1990.

Para isso, busquei conhecimento do que a imprensa local noticiou desde o lançamento oficial dos projetos, passando pelo período de execução até a utilização

destes novos espaços pelos cidadãos. Visitei os arquivos do Jornal O Povo e do Jornal Diário do Nordeste, principais periódicos da imprensa escrita local. Observei que a Praia de Iracema, a partir do início da década de 1980, passou a ser intensamente noticiada. A princípio, em virtude da substituição de algumas de suas edificações a beira mar na “área antiga” do bairro – zona de ambiência 3 – por edifícios para usos residenciais e de hotelaria³⁸; em seguida, início da década de 90, o turismo passa a ser a grande pauta sobre a Praia de Iracema. Nestes textos, estão presentes os privilégios e encantos do bairro que se transformou em um “ímã” de turistas em Fortaleza, como também os problemas causados por esta prática ao cotidiano do bairro. No final da década de 90, o turismo sexual atuante na Praia, assume a dianteira das matérias jornalísticas sobre o bairro.

Neste momento da pesquisa, conversei com professores e pesquisadores que, de alguma maneira, abordaram as intervenções urbanas dos últimos 15 anos da Praia de Iracema em seus estudos. E conversei, também, com alguns dos arquitetos urbanistas responsáveis por estas intervenções. Nestas conversas, eu pretendia compreender como a ação destes profissionais relacionava a intenção política do Estado na intervenção com a “realidade” do espaço aonde a sua criação iria “pousar”. Existia esta relação? Esta era a principal questão que me fazia procura-los, pois o “conhecimento experimental” que eu trazia da minha vivência no bairro mais o conhecimento dos textos sobre o bairro, fazia-me crer que as intervenções desenvolvidas para o espaço da Praia de Iracema desconsideravam sua construção sócioespacial.

No retorno ao Rio de Janeiro, no início de outubro de 2006, retomei as leituras teóricas e envolvi-me, de maneira mais aprofundada, com textos do Milton Santos, dos quais destaco o livro “A Natureza do Espaço”, onde encontrei um aporte teórico fundamental para a estruturação desta dissertação.

Quem é o cliente do arquiteto urbanista, o Estado ou o Cidadão? Os interesses do Estado coincidem com as necessidades dos Cidadãos? Com estas indagações, coloco em questão, no capítulo a seguir, a ação do arquiteto e do Estado, que movimentam o espaço da Praia de Iracema.

³⁸ Foram noticiadas várias manifestações de moradores lideradas por intelectuais, frequentadores de ambientes de lazer do bairro, contra a verticalização e a favor de uma “patrimonialização” desta área do bairro.



Fig. 0: localização do bairro Praia de Iracema na cidade de Fortaleza



Fig. 01 - limites do Bairro Praia de Iracema

- limite oficial
- - - limite da área de estudo



Fig. 02 - zonas de ambiência do Estudo Psicogeográfico da Praia de Iracema

- Zona do Dragão
- Zona do Poço
- Zona P.I.





Fig. 03 - primeira zona de ambiência

- limite Zona do Dragão
- Centro Dragão do Mar de Arte e Cultura



Fig. 04 - galpões do entorno do Centro Dragão do Mar



Fig. 05 - galpões do entorno do Centro Dragão do Mar



Fig. 06 - galpões do entorno do Centro Dragão do Mar



Fig. 07 - residências entre os galpões do entorno do Centro Dragão do Mar



Fig. 08 - Centro Dragão do Mar de Arte e Cultura



Fig. 09 - Centro Dragão do Mar de Arte e Cultura



Fig. 10 - Centro Dragão do Mar de Arte e Cultura



Fig. 11 - Centro Dragão do Mar de Arte e Cultura



Fig. 12 - Centro Dragão do Mar de Arte e Cultura



Fig. 13 - Centro Dragão do Mar de Arte e Cultura

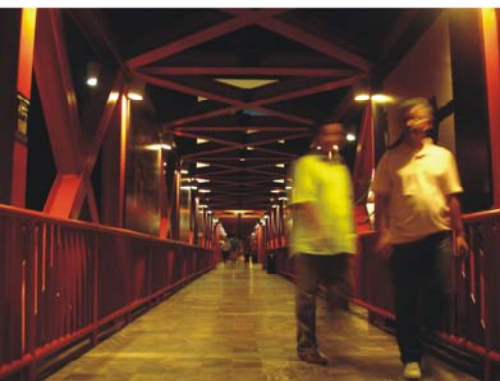


Fig. 14 - Centro Dragão do Mar de Arte e Cultura



Fig. 15 - Centro Dragão do Mar de Arte e Cultura



— limite Zona do Poço

Fig. 16 - segunda zona de ambiência



Fig. 17 - Comunidade Poço da Draga



Fig. 18 - Comunidade Poço da Draga



Fig. 19 - no lado direito, "muro de edificações" que separa a Comunidade do seu entorno



Fig. 20 - no lado direito, "muro de edificações" que separa a Comunidade do seu entorno



Fig. 21 - Comunidade Poço da Draga



Fig. 22 - becos e vielas do interior da Comunidade



Fig. 23 - becos e vielas do interior da Comunidade



Fig. 24 - becos e vielas do interior da Comunidade



Fig. 25 - becos e vielas do interior da Comunidade



Fig. 26 - becos e vielas do interior da Comunidade



Fig. 27 - becos e vielas do interior da Comunidade



Fig. 28 - área de mangue (Riacho Pajeú) no interior da Comunidade



Fig. 29 - terceira zona de ambiência

— limite Zona P.I.



Fig. 30 - habitação no lado oeste da zona de ambiência 03



Fig. 31 - habitação no lado oeste da zona de ambiência 03



Fig. 32 - habitação no lado leste da zona de ambiência 03



Fig. 33 - habitação no lado leste da zona de ambiência 03



Fig. 34 - área central da zona de ambiência 03 - bares e restaurantes



Fig. 35 - área central da zona de ambiência 03 - bares e restaurantes



Fig. 36 - área central da zona de ambiência 03 - bares e restaurantes



Fig. 37 - área central da zona de ambiência 03 - bares e restaurantes



Fig. 38 - calçadão



Fig. 39 - calçadão



Fig. 40 - área central da zona de ambiência 03 - Restaurante Estoril



Fig. 41 - pôr-do-sol na Ponte dos Ingleses



Fig. 42 - quarta zona de ambiência

— limite Zona do Morro



Fig. 43 - vivência do espaço público da Zona do Morro



Fig. 44 - vivência do espaço público da Zona do Morro



Fig. 45 - vivência do espaço livre da Zona do Morro



Fig. 46 - vivência do espaço público da Zona do Morro



Fig. 47 - vivência do espaço público da Zona do Morro



Fig. 48 - vivência do espaço público da Zona do Morro



Fig. 49 - pequenos comércios da Zona do Morro



Fig. 50 - pequenos comércios da Zona do Morro



Fig. 51 - princípio de verticalização da Zona do Morro



Fig. 52 - princípio de verticalização da Zona do Morro



Fig. 53 - princípio de verticalização da Zona do Morro



Fig. 54 - rua da Zona do Morro com vista para Zona Vertical



Fig. 55 - quinta zona de ambiência

— limite Zona Vertical



Fig. 56 - Zona Vertical



Fig. 57 - Zona Vertical



Fig. 58 - Zona Vertical



Fig. 59 - Zona Vertical



Fig. 60 - Zona Vertical



Fig. 61 - Zona Vertical



Fig. 62 - orla da Zona Vertical



Fig. 63 - orla da Zona Vertical



Fig. 64 - calçadão na Zona Vertical



Fig. 65 - calçadão na Zona Vertical



Fig. 66 - calçadão na Zona Vertical



Fig. 67 - calçadão na Zona Vertical

“...
Tudo é menino e menina no olho da rua
O asfalto, a ponte, o viaduto ganindo pra lua
Nada continua
E o cano da pistola que as crianças mordem
Reflete todas as cores da paisagem da cidade
que é muito mais bonita e muito mais intensa
do que um cartão postal
...”

“...
Calor que provoca arrepio
Dragão tatuado no braço
Calção, corpo aberto no espaço
...
Menino vadio
Tensão flutuante do Rio
...”

Caetano Veloso

O “movimento veloz” do espaço: ação do arquiteto e do Estado

Capítulo 2

O “movimento veloz” do espaço: ação do arquiteto e do Estado

O estado do Ceará, a partir do final da década de 80, passou por um intenso processo de transformação política e econômica, gerado pela ascensão ao poder, em 1986, do então jovem empresário Tasso Jereissati. O programa de governo desta administração estava centrado na superação do “atraso” econômico e político em que se encontrava o estado, oriundo da administração dos “coronéis”³⁹, que se revezavam no poder desde 1962 (COSTA, 2006).

As políticas de desenvolvimento implantadas por esta nova gestão objetivavam a inserção do Ceará na globalização econômica, através do desenvolvimento prioritário da política industrial, *“mediante concessão de incentivos fiscais e investimentos em infra-estrutura de transportes, recursos hídricos e educação”* (GONDIM, 2006: 91), e das políticas de incentivo ao setor turístico. No contexto do desenvolvimento do turismo, o espaço urbano de Fortaleza desponta como o ponto focal das implantações de infra-estruturas que atrairiam turistas e propagariam a imagem próspera da cidade, que *“outrora vista como capital da seca e da miséria, passou a ser apresentada como uma espécie de paraíso tropical”*⁴⁰(GONDIM, 2006: 75).

Em 1990, o vice-prefeito de Fortaleza, Juraci Magalhães, assume o cargo de prefeito, quando Ciro Gomes renuncia para candidatar-se ao governo do estado. Inicia-se, neste momento, a “era Juraci”, que mantém o mesmo grupo político no comando da capital até 2004. Juraci Magalhães, de aliado, se transforma no principal oponente ao grupo liderado pelo empresário Tasso Jereissati, que comandava o Governo do Estado.

³⁹ Entre 1962 e 1986, o Ceará foi governado por um “ciclo” de coronéis do exército. Este período administrativo do estado ficou marcado pela prática do clientelismo e do nepotismo (GONDIM, 2006).

⁴⁰ Gondim destaca como importante propagador da imagem próspera do estado, a produção, em 1994, da telenovela da Rede Globo, *Tropicaliente*, que apresentou as praias do Ceará e a cidade de Fortaleza como cenários de sua trama, contando esta com o apoio financeiro do governo estadual, concedido pelo então governador Ciro Gomes.

Apesar das divergências políticas, Gondim (2006) afirma que estes dois grupos opositores apresentavam uma prática em comum: “*o intenso e eficaz uso da mídia, buscando produzir uma imagem positiva tanto dos governantes, como do Ceará e de sua capital*” (GONDIM, 2006: 77). A Prefeitura de Fortaleza e o Governo do Estado em busca desta “imagem positiva” investiram em intervenções urbanísticas para a construção simbólica e material da “nova” e “próspera” capital cearense, que despontava com o apoio da mídia no mercado turístico. Entretanto, a disputa travada entre as duas instâncias do poder gerou intervenções desvinculadas entre si, que transformaram o espaço urbano de Fortaleza em “ringue” da luta pela hegemonia política nesta cidade.

Segundo afirma Gondim (2006), O bairro Praia de Iracema surge, neste contexto político conflituoso, como o *locus* principal desta disputa política em Fortaleza. É neste bairro onde as políticas urbanas, que visam o crescimento econômico da capital e do estado, vêm investindo de maneira intensa na reestruturação do seu espaço em busca da ascensão e promoção da cidade como pólo turístico do Nordeste brasileiro.

Atualmente, diversos autores destacam que este é um tipo de política urbana que pode ser observada em várias cidades do mundo. A economia globalizada se reflete nas gestões das grandes cidades, gerando intervenções urbanas que transformam trechos dos espaços citadinos em mercadorias para serem expostas no “mercado global” e consumidas por um “cliente-alvo”: o turista. Este processo econômico gera a necessidade de criação de uma imagem que exacerbe a visibilidade das cidades⁴¹, inserindo-as assim no acirrado contexto de competitividade pelo capital internacional (HARVEY, 2004). Fortaleza é mais uma cidade que tenta vender sua imagem no mercado mundial. Para isto acontecer, grandes investimentos públicos estão sendo feitos nas construções desses novos espaços urbanos. Da forma como estes projetos

⁴¹ A criação de uma imagem que sirva de marca da cidade no mercado global, segundo os discursos hegemônicos, seria fruto da identidade do lugar onde a cultura local ocuparia posição central na estratégia de revitalização. Entretanto, o que se constata é a reprodução de espaços urbanos cada vez mais padronizados e homogêneos em diferentes partes do mundo, decorrentes da necessidade de reprodução de modelos de intervenções urbanas que tenham atingido o sucesso econômico pela atração do mercado turístico internacional. Ver (JACQUES, 2004; JEUDY, 2005; SÁNCHEZ, 2003; VAZ e JACQUES, 2001)

são implementados, a população local, principalmente a mais necessitada, fica reduzida a mera espectadora do espetáculo turístico⁴².

As áreas do espaço urbano, que, com o passar do tempo, foram perdendo suas funções comerciais – centros urbanos, regiões portuárias, áreas industriais – tornaram-se o local ideal para as gestões urbanas com interesses em captar recursos da economia global. Conforme afirma Harvey (2004), arquitetos urbanistas projetam para estas áreas novos equipamentos e novas funções, geralmente acompanhados de um forte poder imagético, que proporcionam o “retorno” destes espaços revitalizados como âncora econômica de um projeto político bem mais amplo. Este desmesurado interesse no capital global e a crescente mercantilização do espaço urbano acarreta sérios conflitos na vida local. A valorização imobiliária do solo urbano revitalizado ocasiona o “enobrecimento” do espaço e expulsa destas áreas grande parte da população residente (gentrificação). Esta população é responsável pela construção cotidiana destes espaços e pela vida que neles se desenvolve, atribuindo-lhes sentido e significado. Os motivos econômicos e capitalistas das políticas hegemônicas de revitalização ignoram a construção da cidade como obra de uma história social (LEFEBRE, 2001).

O espaço da Praia de Iracema encontra-se inserido neste contexto de transformação, devido às intervenções urbanas postas em prática pelo poder municipal e pelo poder estadual, que modificam o seu espaço e aceleram seu movimento. Considero o movimento do espaço a sua modificação contínua, que é fruto da vida que nele se desenvolve. O espaço em movimento é o “espaço vivo”, que se encontra em constante mutação devido à ação dos diferentes atores sociais, interferindo na sua materialidade.

Milton Santos (2006) entende o espaço como objeto de um convívio dialético entre ordem global e ordem local. Conforme ele afirma:

“A ordem global funda as escalas superiores ou externas à escala do cotidiano. Seus parâmetros são a razão técnica e operacional, o cálculo de função, a linguagem matemática. A ordem local funda a escala do cotidiano, e seus parâmetros são a co-presença, a vizinhança, a intimidade, a emoção, a cooperação e a socialização com base na contigüidade” (SANTOS, 2006: 339)

⁴² A questão da não-participação do cidadão nos processos de transformação do espaço urbano, já era, no início dos anos 60, a principal crítica da Internacional Situacionista ao urbanismo modernista (JACQUES, 2003). Apesar das atuais operações de reestruturação urbana não terem como base os pressupostos teóricos e nem reproduzirem esteticamente os conceitos da arquitetura e do urbanismo do Movimento Moderno, constata-se que a crítica situacionista à espetacularização do espaço urbano continua plenamente cabível aos projetos de revitalização urbana contemporâneos.

A incidência destas diferentes ordens no espaço atribui variação a velocidade do seu movimento, posto que, quanto mais direta e intensa é a interferência da ordem global no espaço, mais rápidas são as modificações de suas estruturas, mais veloz é o seu movimento e, conseqüentemente, maior é a transformação da ordem local.

Portanto, falar sobre velocidade do movimento do espaço é criar uma relação direta entre tempo e espaço. Milton Santos (1999) defende que para relacionar a categoria Tempo à categoria Espaço em uma mesma análise científica é necessário “empiricizar” o tempo, tornando-o material, assim como o espaço. Para isso, Santos cunha a categoria “Evento”, podendo assim *“reunir tempo e espaço em uma categoria única”* (SANTOS, 1999: 16).

Para o autor, o evento parte da noção de periodização e este tempo empírico surge como o conjunto de possibilidades da ação humana que permite uma história já feita ou uma história por fazer.

“São os eventos que criam o tempo, como portadores da ação presente (...). Quando falamos num evento passado, é de sua presença anterior num dado ponto da flexa do tempo, de um ‘presente passado’ que estamos falando. Quando falamos dum evento futuro, é de uma suposição que estamos falando, a suposição que se realizará num ‘presente futuro’”. (SANTOS, 2006: 145).

Nesta categoria analítica, o tempo é sempre o presente da ação do agente social na realização do espaço. Todavia, Santos (1994) afirma, como já dito, que as ações destes agentes possuem temporalidades diferentes – hegemônica e não-hegemônica – e que a relação destas temporalidades é conflituosa e se dá de modo simultâneo em um eixo de coexistência no espaço.

“Consideremos que o acontecer, isto é, os eventos, são conseqüência da existência dos homens sobre a terra, agindo para realizar o mundo. Onde escrevemos homens, leia-se, também, Estados, empresas, instituições de toda natureza, entidades que são, juntamente com os indivíduos, capazes de ação” (SANTOS, 2006: 163).

Nesta pesquisa, a categoria de análise Evento é utilizada como ferramenta metodológica para o desenvolvimento de uma interpretação sobre a ação do arquiteto urbanista no processo de transformação da Praia de Iracema, imposto pelo Estado, a partir do início da década de 1990. *“Não há evento sem ator. Não há evento sem sujeito. Nesse sentido toda teoria da ação é, também, uma teoria do evento e vice-versa.”* (SANTOS, 2006: 146).

Serão analisados três Eventos-Ações no bairro: 1) o projeto do Centro Multifuncional de Eventos e Feiras – 2001; 2) a implantação do Calçadão, o tombamento e o restauro do antigo Restaurante Estoril e a reforma da Ponte dos Ingleses – entre 1992 e 1994; e 3) a implantação do Centro Dragão do Mar de Arte e Cultura – 1999. Considerados nesta seqüência, quebro, assim, o eixo cronológico destas ações para me centrar no presente de cada uma delas. O tempo tornado empírico, fragmentado, concebido como um Evento-Ação é um artifício utilizado neste trabalho para que seja possível desconstruir uma concepção cronológica dos acontecimentos relacionados ao espaço da Praia de Iracema. Abstração da linearidade do tempo e valorização do tempo pontual, presentificado.

A temporalidade dos três Eventos-Ações é a hegemônica, pelo fato do ator-arquiteto ser o responsável pela materialização espacial da ação do Estado.

2.1. O amanhã projetado

Hoje, um futuro para o espaço da Praia de Iracema já se encontra projetado: o Centro Multifuncional de Eventos e Feiras. Neste “amanhã espacial”, idealizado pelo poder público e projetado por arquitetos urbanistas, o bairro encontra-se modificado devido à instalação em sua área de um equipamento que pretende fornecer estrutura ao turismo de negócios na cidade de Fortaleza, suprimindo assim, como afirma seus projetistas, uma necessidade da cidade: *“Fortaleza se ressentida da falta de um equipamento de alta convergência para abrigar as atividades culturais dos espetáculos, na escala de sua importância metropolitana”* (Urbanismo, 2002).⁴³

Com o intuito de desenvolver esta idéia, o Governo do Estado do Ceará contratou um “consórcio de profissionais”⁴⁴ para elaboração de um estudo de viabilidade econômica e de mercado e uma proposta arquitetônica e urbanística que possibilite à capital do estado a recepção de grandes convenções.

⁴³ Este texto, “Urbanismo”, pertence ao conjunto de documentos do projeto do Centro Multifuncional de Eventos e Feiras, que foram apresentados em um seminário realizado na Universidade Federal do Ceará, entre os dias 25 e 27 de março de 2002. No texto “Urbanismo” não está identificado o seu autor.

⁴⁴ Segundo o coordenador deste consórcio, arquiteto Fausto Nilo, este foi composto por 14 escritórios de arquiteturas da cidade, mais de 50 profissionais de diferentes áreas de atuação, com a colaboração de consultores da Price Water House Coopers para análises econômicas e de mercado.

O documento referente ao Urbanismo afirma que a implantação deste equipamento pretende:

- “1) Fortalecer a indústria do turismo, com apoio ao setor do turismo de negócios;*
- 2) Apoiar o desenvolvimento da indústria cultural local, oferecendo à população os espaços com condições técnicas adequadas às atividades ligadas às grandes reuniões e espetáculos;*
- 3) Converter os impactos urbanos decorrentes de sua construção para criar condições efetivas para viabilização de operações de revitalização com benefício ao conjunto da população;*
- 4) Melhorar das condições de recepção de visitantes, reforçando a imagem urbana e a memorabilidade da cidade e obtendo como resultado o incremento de sua competitividade como destino turístico” (Urbanismo, 2002).*

Em uma Parceria Público-Privado, esta proposta urbanística prevê a construção de um Centro de Convenções, um Pavilhão de Feiras e um Teatro (Fig. 68 a 73). A localização destas edificações está prevista para um aterro hidráulico na costa do bairro, além de um projeto de remoção da favela do Poço da Draga e de estruturação viária para dar vazão ao trânsito criado pelas funções do equipamento.

Diante de algumas possibilidades de locação do novo Centro Multifuncional ⁴⁵, a equipe de urbanistas, baseada em uma *“literatura urbanística atual e especializada em centros de eventos”* (Urbanismo, 2002), decidiu que a melhor localização seria no espaço ocupado pela favela do Poço da Draga, sendo este acrescido de um aterro no mar com extensão de dezenove hectares.

Esta localização seria a mais apropriada, de acordo com os documentos do projeto, por sua posição estratégica junto a equipamentos (hotéis, restaurantes, centro cultural, casas noturnas) que estruturam o turismo, possibilitando assim um “fluxo de caminhabilidade” entre estes elementos. Outro fator que fortalece a argumentação para a escolha desta localização do CMEF é a possibilidade deste equipamento surgir como “âncora” no processo de revitalização da área urbana central de Fortaleza. Para fundamentar esta colocação, mais uma vez a equipe responsável pela proposta recorre a “bibliografia especializada”, para justificar pela diminuição dos gastos públicos com infra-estrutura de suporte, a necessidade de locação destes centros de eventos em áreas centrais.

⁴⁵ Áreas levantadas pelo estudo preliminar do projeto como de possíveis locações do equipamento são: área do 10º GAC, Fazenda Uirapuru, terreno da Cervejaria Astra, gleba na Praia do Futuro, área do Pátio da RFFSA e região do Poço da Draga.

“Os centros de convenções buscam apoio direto em equipamentos complementares de acessibilidade fácil, implantados nas vizinhanças (hotéis, cultura, lazer etc.), cuja edificação e cuja manutenção, na verdade, fica a encargo de terceiros. Como a construção dos centros de convenções constitui investimento público, logo se percebe que a localização central redundaria em grande redução de despesas por parte do erário público, além de redundar em fator de influência direta nas revitalizações urbanas dessas mesmas zonas” (Urbanismo, 2002)

O texto “Urbanismo” explicita, ainda, que a equipe responsável pelo planejamento do CMEF orientou suas ações *“pelo conjunto de referências universais e especificidades urbanísticas consolidadas numa síntese de estudos pertinentes, publicada pelo Land Use Institute, sob a responsabilidade técnica do especialista David C. Petersen.”*⁴⁶ (Urbanismo, 2002). Foi nestas “referências universais” destes “estudos pertinentes” que a equipe de arquitetos encontrou a importância econômica para os grandes centros urbanos das atividades relacionadas a congressos, além dos critérios para a localização dentro do espaço urbano de Fortaleza de um equipamento que forneça a estrutura para estas atividades.

Um dos autores do projeto é categórico na descrição das razões pelas quais deve ser construído o Centro Multifuncional em Fortaleza:

*“Só têm duas razões para se fazer o Centro Multifuncional: renda de visitantes de alto nível com continuidade do calendário [turístico] que independe de férias escolares, acaba com esse negócio de temporada; e a segunda razão: recuperação de zonas urbanas degradadas. Aí os melhores autores dizem assim: quando houver um destes casos, já se justifica; quando houver os dois, aí é campeão. Então, aqui seria um caso campeão.”*⁴⁷

Ao definir sua metodologia de trabalho, afirmou-me o arquiteto acima citado, a equipe encarregada pelo Máster Plan do centro multifuncional se ocupou previamente em analisar projetos de centros de eventos construídos no exterior. Afirmção confirmada pelo texto “Urbanismo”: *“chegaram a ser examinadas mais de 150 realizações, quase sempre americanas ou européias”*. Em seguida, segundo o texto, uma equipe de arquitetos e engenheiros visitou 14 exemplares em cidades européias e americanas. *“Neste roteiro de visitas foram incluídas as cidades de Paris, Barcelona, Nice,*

⁴⁶ Neste texto “Urbanismo” não consta o item bibliografia, mas estão citados no seu corpo os seguintes trabalhos: o livro “Sports, Conventions and Entertainment Facilities”, de autoria de David C. Petersen; um artigo de Theodore Hershberg publicado em uma coletânea de textos urbanísticos intitulada “Planning for a New Century: The Regional Agenda”; e o livro “Transit Metropolis, a Global Inquiry”, de autoria de Robert Cervero.

⁴⁷ Depoimento concedido ao autor em setembro de 2006.

Valencia, Porto e Lisboa, na Europa e Orlando, Tampa, Palm Beach , Miami, e Fort Lauderdale nos Estados Unidos” (Urbanismo, 2002).

Ainda neste documento “Urbanismo”, para fortificar a justificativa da localização deste Centro de Eventos em Fortaleza, são apresentados “*três casos extremos e ilustrativos*”: Seattle, Nice e Munich. Nos dois primeiros, são relevadas as grandes obras que estas cidades tiveram que realizar para adaptar seus “cores” urbanos para receberem equipamentos desta magnitude. No terceiro, Munich, é explicado que por total impossibilidade de construção de tal equipamento na sua região central, a cidade teve que construir uma cidade satélite a sete quilômetros de distância do seu centro urbano. Este empreendimento só se concretizou com sucesso, por se tratar de uma cidade com grandes recursos financeiros – o investimento teria sido “*superior a duas dezenas de bilhões de dólares*” – e excelente sistema de transporte público (Urbanismo, 2002).

No discurso de um dos arquitetos responsável pelo projeto do CMEF, fica clara a valorização por parte da equipe de projetistas da necessidade de conhecimento do que está se construindo no mundo em termos de Centro de Eventos:

“Num trabalho de 2 anos, eu fui conhecer 23 exemplares nos vários continentes e discuti com gestores, com arquitetos e etc, trouxemos este conhecimento, uma farta bibliografia, ficamos urbanistas conhecedores de problemas de localização de centros de eventos e feiras e trabalhamos 2 anos com a equipe americana [Price Water House Coopers]”⁴⁸

Verifica-se, neste método de trabalho aplicado, como a ação dos arquitetos urbanistas está embasada na reprodução de modelos de intervenções estrangeiras (SÀNCHEZ, 2003). Ao contrário destas “excursões” em busca de conhecimento no exterior, é inexistente nos documentos do projeto, assim como nos depoimentos de alguns dos arquitetos projetistas do Centro de Eventos, a preocupação de adotar um método que seja adequado para o conhecimento da estruturação cotidiana do espaço do bairro Praia de Iracema, onde a proposta urbana irá intervir de maneira direta e incisiva.

A execução de projetos que objetivam a atração de turistas em outros países, serve de base para justificar a execução e localização de um equipamento, que apresenta o mesmo objetivo econômico, dentro do espaço da capital cearense. A intenção de reprodução do sucesso de mercado de empreendimentos turísticos de países

⁴⁸ Depoimento concedido ao autor em setembro de 2006.

européus e dos Estados Unidos em Fortaleza, excluiu a necessidade de percepção e valoração da vida que se desenvolve no espaço que será transformado da Praia de Iracema. Este espaço, neste Evento-Ação que pretende transformá-lo, foi valorizado enquanto mercadoria e desprezado enquanto fruto de uma construção social. Conforme afirma Santos:

“Hoje, o próprio espaço, o meio técnico-científico, apresenta-se com intenso conteúdo de racionalidade, graças à intencionalidade na escolha dos seus objetos, cuja localização, mais do que antes, é funcional aos desígnios dos atores sociais capazes de uma ação racional. Essa matematização do espaço o torna propício a uma matematização da vida social, conforme aos interesses hegemônicos. Assim se instalam, ao mesmo tempo, não só as condições do maior lucro possível para os mais fortes, mas, também, as condições para maior alienação possível para todos. Através do espaço, a mundialização, em sua forma perversa, empobrece e aleija” (SANTOS, 1994: 33).

O projeto para o novo centro multifuncional apresenta, também, conforme já dito, a proposta de remoção da Comunidade do Poço da Draga. O terreno onde deve ser construído um novo “condomínio habitacional”⁴⁹, que abrigará esta população removida (299 famílias cadastradas), está localizado em uma quadra da Praia de Iracema, próxima a área ocupada atualmente pela comunidade (Fig. 74). Segundo os arquitetos responsáveis, este foi um terreno escolhido pela própria comunidade, dentre algumas outras opções, dentro do bairro, oferecidas por eles⁵⁰.

O fato da nova quadra, a ser ocupada pela população do Poço da Draga, está locada em área “nobre” do bairro - ao lado e “às vistas” do Centro Dragão do Mar de Arte e Cultura - acarreta em sérias preocupações, que foram levantadas por seus moradores nas reuniões de apresentação do projeto. Os receios levantados são relativos à provável impossibilidade de permanência na área por fatores como os custos com a manutenção do novo condomínio e as elevadas taxas de impostos relacionada à futura e pretendida valorização imobiliária da região (SOUSA, 2006).

“No caso em estudo não parece factível que o simples título de posse do futuro apartamento e os custos de requalificação profissional prometidos pelo Governo do Estado, sejam suficientes para estimular a ascensão e a manutenção deste novo padrão de vida, acentuando incertezas quanto a permanência da comunidade na área da Praia e a qualidade desta permanência, que marcam a favela desde seu nascimento” (SOUSA, 2006: 96)

⁴⁹ Nome atribuído pelos arquitetos aos blocos de edifícios projetados para abrigar a população removida da favela do Poço da Draga.

⁵⁰ A quadra escolhida é ladeada pelas ruas Almirante Jaceguai, Almirante Barroso, Senador Almino e Dragão do Mar.

A equipe do projeto do Centro Multifuncional responsável pela remoção da favela é composta por arquitetos, que projetaram o novo condomínio habitacional, e por professores da Universidade Estadual do Ceará integrantes do Centro de Ciências Humanas, responsáveis pela elaboração do Plano de Relocação e Requalificação da Comunidade Poço da Draga, que se afirma como sendo:

“uma proposta de pesquisa-ação para atuar na comunidade através de oito projetos: TRABALHO, QUALIFICAÇÃO PROFISSIONAL E ELEVAÇÃO DO NÍVEL DE RENDA FAMILIAR; PERTENÇA E IDENTIFICAÇÃO COM O NOVO LUGAR; CULTURA, LAZER E SOCIABILIDADE; DESENVOLVIMENTO DE AÇÕES EDUCACIONAIS; HISTÓRIA DE VIDA FAMILIAR E RESILIÊNCIA; INTEGRAÇÃO COM A AGENDA 21 – EDUCAÇÃO AMBIENTAL; EDUCAÇÃO PARA A SAÚDE E QUALIDADE DE VIDA; e VIOLÊNCIA E CIDADANIA.”⁵¹ (Plano de Relocação e Requalificação da Comunidade do Poço da Draga, 2002)

Analisando o projeto arquitetônico e urbano do CMEF, verifico que está projetado para a área vazia, deixada pela remoção da favela do Poço da Draga, um grande parque (Fig. 75). Além do tratamento paisagístico, duas construções estão previstas para compor este parque: a estação terminal do sistema de bondes a ser implantado e um hotel, este último ficaria a cargo dos investimentos da iniciativa privada.

Este parque, segundo seus projetistas, traria de volta ao fortalezense a possibilidade de um reencontro com a foz do Riacho Pajeú, elemento significativo da história de Fortaleza por ter sido nas suas margens as primeiras ocupações da cidade:

“A área atualmente ocupada pela comunidade do Poço da Draga ganha fundamental importância nessa configuração, uma vez que ali se define o foco do futuro sistema e terá sua história preservada como lugar da ‘linha d’água’, limite da orla ao tempo da pré-urbanização de Fortaleza. Nesta condição se reforça a conveniência ambiental de revelar à população o córrego ali existente com toda a sua vegetação de mangue a ser preservado sob a forma de parque” (Urbanismo, 2002)

Neste argumento, o projeto do CMEF vai buscar no Plano Urbanístico de 1963, desenvolvido para a cidade de Fortaleza, de autoria do arquiteto Hélio Modesto⁵², a justificativa histórica para a retirada da comunidade do Poço da Draga da área, pois Já consta neste Plano a intenção de remoção desta comunidade para dar lugar a um parque de uso público. E é na primeira ocupação desta zona litorânea da cidade onde o projeto do Centro de Eventos vai buscar um “apoio” histórico para a abertura da avenida – continuação da Av. Alberto Nepomuceno – que dará acesso ao aterro

⁵¹ Grifo do documento.

⁵² No texto “Urbanismo” se encontra transcrito trechos deste Plano retirados da Revista do Instituto do Ceará, tomo 78, ano 1964.

proposto. Este segundo argumento histórico se refere à configuração espacial da “antiga vila”, que deu origem a atual metrópole Fortaleza:

“A operação urbana proposta apoia-se fundamentalmente na decisão de dar prosseguimento à Avenida Alberto Nepomuceno até o mar, representando a valorização desta avenida um resgate histórico, pois, como já se assinalou, é o caminho de subida da Prainha ao forte da Assunção e à [Igreja] Matriz, o primeiro rasgado na cidade, como aparece bem à vista nos desenhos da antiga vila” (Urbanismo, 2002)

Vale ressaltar que este “resgate histórico” é relativo ao início do século XIX, época onde não existia, ainda, a Praia do Peixe – primeiro nome dado a atual Praia de Iracema –, mas apenas uma pequena concentração de casas de pescadores, conhecida como Prainha, que margeava o primeiro ancoradouro da cidade.

Neste caso, um longínquo passado “desencarnado” do espaço é resgatado, justificando a ação que projeta o seu futuro. Nesta “valorização histórica”, que fundamenta as propostas de intervenções, os mais de 50 anos de ocupação do espaço por uma população de classe baixa são desconsiderados. Por traz do discurso da valorização histórica percebe-se uma ação de exclusão social.

“Vivemos em um mundo exigente de um discurso, necessário à inteligência das coisas e das ações. É um discurso dos objetos, indispensável ao seu uso, e um discurso das ações, indispensável à sua legitimação. Mas ambos estes discursos são, frequentemente, tão artificiais como as coisas que explicam e tão enviesados como as razões que ensejam” (SANTOS, 1994: 20).

Persistindo na análise que releva a desconsideração da construção sócioespacial da Praia de Iracema pela ação do Estado e dos arquitetos urbanistas, observei nos desenhos do projeto do Centro Multifuncional que várias áreas do bairro sofrerão intervenções urbanas pela necessidade de reestruturação viária e construção de estacionamentos para comportar o fluxo de veículos gerado pelo novo equipamento. Porém, é inexistente neste projeto um planejamento para o futuro habitacional de numerosas famílias – “os esquecidos”? –, que terão que ser desapropriadas dos seus espaços cotidianos para que ali seja locada uma avenida e/ou um estacionamento. A figura 76 expõe um gráfico do projeto do CMEF que mostra o raio de “renovação urbana” esperado pelas ações públicas e privadas nesta intervenção. Na figura 77 e 78, sobreponho uma das três propostas de reestruturação do sistema viário⁵³ em imagens do tecido urbano de Fortaleza, objetivando com esta ação mostrar que a Comunidade do Poço da Draga, que possui todo um planejamento de relocação e

⁵³ Escolhi esta proposta, pois, das três, ela é a mais detalhada em projetos. Ver projetos dos estacionamentos, figuras 79 a 81.

requalificação desenvolvido e um “condomínio habitacional” projetado para recebê-la, é apenas uma pequena parcela da quantidade de famílias que serão desalojadas para que o Centro Multifuncional se estruture na Praia de Iracema.

A possibilidade de permanência da população de classe baixa no espaço da Praia de Iracema se torna, cada vez mais, diminuta, devido a este tipo de intervenção urbana que projeta o futuro do seu espaço, articulando-o, exclusivamente, aos interesses capitalistas. Sobre a população “admitida” nestes espaços, relata Ana Clara Ribeiro:

“O Outro admitido, pelo pensamento dominante, resume-se aos que podem ser classificados segundo critérios estabelecidos por agentes que, em número crescente, buscam administrar o cotidiano. A atuação destes administradores, convém registrar, corresponde à operação cultural necessária à garantia de ampliação constante da versão hegemônica de mercado” (RIBEIRO, 2005: 98).

Publicado pelo Governo do Estado, no final do ano de 2001, o projeto do Centro Multifuncional sofreu fortes críticas da sociedade civil contra sua implantação. Os órgãos relacionados à preservação do meio ambiente, assim como o IAB e o IPHAN, utilizaram a imprensa para tornar pública suas críticas à intervenção urbana proposta. A Prefeitura de Fortaleza se posicionou contra a construção do equipamento. Estes fatos protelaram a construção do equipamento e em 15 de fevereiro de 2006, a Secretaria do Turismo do Estado do Ceará lançou um novo edital para uma Concorrência Pública Internacional, objetivando a elaboração de um Estudo de Viabilidade e de um Projeto Arquitetônico e Urbanístico para um novo Centro de Convenções em Fortaleza. A proposta vencedora desta licitação loca o novo Centro de Convenções em uma área de dunas pertencente ao bairro Praia de Futuro, no litoral leste de Fortaleza.

Desde então, o coordenador da equipe que elaborou o projeto do Centro Multifuncional de Eventos e Feiras recorreu à Justiça e barrou o prosseguimento desta licitação, alegando os gastos públicos já empregados pelo Governo do Estado, durante dois anos, na elaboração da proposta do Centro Multifuncional. Hoje, o futuro do espaço da Praia de Iracema encontra-se *sub judice*.

2.2. O ontem espetacular

O passado aqui resgatado se refere ao início da década de 1990, quando os poderes públicos realizaram significativas intervenções que modificaram o espaço do bairro Praia de Iracema. O termo “Espetacular”, que neste título adjectiva o passado do bairro, se refere à questão da não-participação dos cidadãos nos processos de transformações sociais que interferem diretamente na construção de suas vidas, tornando-os espectadores (DEBORD, 1997).

Três ações do Estado interferiram no espaço urbano da Praia de Iracema, nos primeiros anos da década de 1990, com a intenção de requalificá-lo para a atividade turística, são elas: a construção do calçadão na orla, o tombamento e a restauração da edificação do antigo Restaurante Estoril e a reforma da Ponte dos Ingleses (Fig. 82).

Antes destas intervenções, na segunda metade da década de 1980, alguns estabelecimentos comerciais com funções de lazer noturno se instalaram, aleatoriamente, na orla do bairro. O Pirata Bar foi o primeiro a chegar, em 1986, oferecendo shows e pistas de dança⁵⁴. Em seguida, surgiram o Cais Bar, o Deck Bar e o restaurante de cozinha italiana La Trattoria, que incentivaram a presença de novos transeuntes pelo bairro, até então, de uso, quase que exclusivamente, habitacional (ROCHA JR, 2000).

Em 1992, a Prefeitura com a premissa de potencializar o fluxo populacional que começava a se intensificar na Praia de Iracema e assim criar um pólo turístico na cidade de Fortaleza, construiu um calçadão em parte da orla do bairro. Este “caminho”, locado entre as edificações à beira mar e o mar – construído sobre a faixa de praia – estimulou a transformação, em um curto espaço de tempo, da área do bairro fronteira a este novo espaço público. As residências desta área foram sendo substituídas por pontos comerciais e de serviços e estes passaram a estimular intensamente o fluxo de visitantes no bairro.

Outra ação da Prefeitura no processo de “revitalização” da Praia de Iracema foi o Tombamento do antigo Restaurante Estoril. Em 1992, objetivando transformar esta edificação num centro cultural, a Prefeitura desapropriou o imóvel e, no ano seguinte,

⁵⁴ Pertencente a um empresário português, este estabelecimento criou uma festa semanal, acontecidas nas segundas-feiras, o “Forró do Pirata”, que se transformou em um grande atrativo para turistas e fortalezenses no bairro. É comum escutar dos moradores locais que teria sido o Pirata o precursor de toda a transformação da Praia de Iracema.

efetuou seu tombamento, alegando o valor histórico daquele ambiente, que funcionou como reduto da boemia intelectual fortalezense (SCHRAMM, 2001). Erguida como residência da família Porto, em 1925, esta edificação não foi atingida pela invasão do mar na Praia de Iracema no início da década de 40, entretanto, este incidente afastou a família que ali residia, passando esta a ser ocupada por vários usos ligados ao lazer (Fig. 83).

“O edifício do Estoril, contemporâneo à criação da Praia de Iracema, atravessa a história do bairro em permanente mutação (...) foi transformado, seguidamente, no cassino dos americanos na década de 1940, no bar e restaurante dos boêmios seresteiros nas décadas de 1950 e 1960, no espaço predileto da boemia intelectual nas décadas de 1970 e 1980, e, finalmente, em Centro Cultural da Prefeitura e restaurante, na década de 1990” (SCHRAMM, 2001: 114).

O governo do Estado do Ceará, em ação subsequente as ações da Prefeitura, “revitalizou” a Ponte dos Ingleses. Localizada no extremo oeste do novo calçadão, esta Ponte foi construída, no início da década de 20 para dar suporte à Ponte Metálica⁵⁵, que funcionava como um píer do antigo Porto da cidade. Entretanto, resultando inacabada, nunca funcionou como ancoradouro, ficando restrita às atividades lúdicas, como pescarias e passeios. No projeto de revitalização, a Ponte recebeu reforço na sua estrutura, foi substituído o concreto do piso por madeira e ao longo dos 130m de sua extensão, como já mencionado anteriormente, foram construídos quiosques, onde funcionam lanchonetes e lojas de artesanatos e, no seu extremo final, um platô, que funciona como ponto de encontro para a contemplação do pôr-do-sol (Fig. 84 a 86).

“A Ponte ressurgiu com feição pós-moderna, com a adoção de novos elementos arquitetônicos que recorrem para fixar uma nova imagem, passando a abrigar outros usos, mais apropriados para o consumo do turismo.” (SCHRAMM, 2001: 123).

Esta reforma da Ponte dos Ingleses surgiu como a primeira etapa de uma proposta bem maior do Governo do Estado para o bairro, o Centro Dragão do Mar de Arte e Cultura, ambos projetos dos arquitetos cearenses Fausto Nilo e Delberg Ponce de Leon.

Com estas ações do Estado, postas em práticas pela ação projetista do arquiteto urbanista, a Praia de Iracema passou a ser a principal área aglutinadora de fortalezenses e turistas em busca de lazer na cidade. Neste período, a cada semana

⁵⁵ A Ponte Metálica, hoje, encontra-se em ruínas, localizada no litoral da comunidade do Poço da Draga, a cerca de 200m de distância da Ponte dos Ingleses.

que passava, mais edificações, outrora habitadas por famílias, eram transformadas em ambientes de serviços, de comércios e de lazer. Os principais restaurantes da cidade se transferiam para a Praia de Iracema ou então construíam uma “sede praia”, localizada no bairro.

A área do bairro fronteira ao calçadão – com destaque para Rua dos Tabajaras, via que passa nos fundos das edificações à beira-mar – deixou de ser uma área eminentemente habitacional e se transformou em um ambiente de serviços e comércio. Pousadas e hotéis transformaram edifícios locados na principal avenida do bairro (Av. Historiador Raimundo Girão). Além das casas noturnas, bares e restaurantes; Lojas de roupas, artesanatos, galerias de artes e agências de turismo ladeavam as residências que resistiam nesta área – terceira zona de ambiência, Zona P.I., do Estudo Psicogeográfico do bairro – da Praia de Iracema.

O intenso fluxo noturno era diário no bairro. As lojas só abriam suas portas no final de tarde, junto com os restaurantes e bares. Neste horário, os espaços da Ponte e do Calçadão eram ocupados por uma grande quantidade de pessoas. A partir do pôr-do-sol, os visitantes povoavam os vários recantos, públicos e privados, da Praia de Iracema. *“Azaração, passeio ciclístico noturno no calçadão, caminhadas à Beira-mar, encontros de boêmios. Definição não há para a noite na Praia de Iracema, ela é cheia de faces.”* (O Povo, 03/06/95)

O então prefeito de Fortaleza, Juraci Magalhães, em depoimento à imprensa local, na época da construção do calçadão, deixa clara a importância atribuída por sua administração às ações que transformaram o espaço da Praia de Iracema em pólo turístico:

“Transformar a cidade em um verdadeiro e integrado ‘cenário do encontro’. Isto só será possível se a grande preocupação fosse no sentido não só de resgatar a história da cidade, mas também de cultivar a poesia de sua cultura e revitalizar a antropologia da saudade (...). Não foi por acaso que sobretudo na reforma da Praça do Ferreira e na reurbanização da Praia de Iracema houve uma nítida associação da saudade com os projetos arquitetônicos (...). O importante é que a Praia de Iracema está aí como um cartão postal, como uma recordação viva, um pedaço da história, como um poema de amor, para felicidade dos seus moradores e admiração dos olhos de todas as cores que a olham como um recanto mágico de beleza e como a concretização de uma decisão política fundamentada na humanização e na cidadania. O retorno da ‘praia dos amores que o mar carregou’ no fundo do meu coração me envaidece e me desperta profundamente a saudade que no dizer do poeta Manuel Bandeira: ‘é um bem maior que a felicidade porque é a felicidade que ficou.’” (MAGALHÃES, 1993, apud. SCHRAMM, 2001)

Apesar de este pronunciamento do Prefeito afirmar que *“para felicidade dos seus moradores e admiração dos olhos de todas as cores”* a Praia de Iracema foi *“reurbanizada”* com projetos arquitetônicos com *“nítida associação da saudade”*, na realidade as transformações ocorridas no espaço do bairro foram motivos de sérios confrontos entre os seus moradores, o poder público e a iniciativa privada. Entretanto, a *“admiração dos olhos de todas as cores”* era facilmente constatada no fluxo cotidiano do bairro. Os novos visitantes movimentavam o comércio das estreitas ruas da Praia e este fluxo estimulava o mercado turístico da capital cearense.

Em um curto intervalo de tempo, a maioria das famílias que habitava em casas alugadas no centro do bairro, região circunvizinha ao novo calçadão, foram desocupando suas antigas moradias para que seus proprietários as transformassem em pontos comerciais. A transformação do bairro acontecia de maneira veloz, a cada semana que passava o espaço público se modificava com o surgimento de letreiros luminosos, fachadas coloridas e mesas nas calçadas de suas antigas residências.

Devido às dimensões reduzidas das caixas viárias desta área do bairro e por suas construções estarem locadas em lotes pequenos, existindo quadras inteiras compostas de edificações geminadas, a transformação de uma residência em casa noturna causava sérios transtornos para uma grande quantidade de vizinhos (Fig. 87 a 91). Por estas razões, a coexistência no espaço da Praia de Iracema dos atores do seu cotidiano com os novos atores, inseridos neste pelo processo de transformação – a *“revitalização”* – realizado pelo Estado, se deu de maneira bastante danosa para o cidadão construtor de sua cotidianidade.

Para estas transformações acontecerem, não só os inquilinos dos imóveis tiveram que deixar suas habitações, pois os proprietários visavam maiores lucros com as novas possibilidades de locação, mas também muitos moradores, proprietários das suas residências, abandonaram o bairro e venderam suas casas por não suportarem o barulho diário ocasionado pelo trânsito e pelos sons dos bares e casas noturnas que ocupavam as suas vizinhanças. Este foi o motivo da saída do bairro do médico e artista plástico Hélio Rola, depois de 24 anos como morador. Sobre a transformação do bairro, Rola relata:

“A Praia de Iracema, por conta de não atender a nenhuma lei ou regra de convivência, foi um bairro tomado de assalto com a convivência perversa da Prefeitura, do Governo Estadual e de todas as outras pessoas envolvidas neste sonho de que a redenção para o Ceará era a Praia de Iracema, o Pirata [Bar] e o turismo (...) mas em um lugar pequeno e com ruas estreitas, que fica

*submetido a uma sobrecarga diária de carro, trânsito e som além da conta, passou a ser uma guerra. Uma ocupação de todos os espaços vivenciais da Praia de Iracema, como se fosse uma lei: todo poder ao turismo”.*⁵⁶

Está noticiada pela imprensa local a campanha liderada por Hélio Rola e por sua esposa, Efímia Rola, “SOS Praia de Iracema”. Nesta campanha, onde a população do bairro realizou inúmeras reuniões para discutir sobre os problemas que enfrentavam com a transformação do bairro e organizaram manifestos públicos, passeatas, panfletagens, pinturas em muros e painéis e produziram abaixo-assinados, tentando conseguir visibilidade e relevância para a séria problemática que atingia os seus cotidianos. Segundo Efímia Rola: *“foram anos investidos em uma luta inglória, quando saímos da Praia de Iracema, eu estava tão cansada que decidi me afastar de vez de tudo aquilo dali”*⁵⁷.

Os confrontos gerados pelas novas ocupações, apesar destes protestos da população local, eram facilmente escamoteados pelos interesses privados dos novos atores sociais que traziam para o bairro a frequência dos turistas e das classes abastadas de Fortaleza e assim faziam refletir uma imagem próspera de um bairro revitalizado e reinserido com sucesso no roteiro de circulação da cidade.

O Estado tomado pela missão de revitalizar a área não previu os danos que aquelas transformações poderiam trazer para o cidadão construtor da cotidianidade daquele espaço. Este fato pode ser percebido no depoimento do arquiteto, funcionário da Prefeitura e projetista do calçadão, Paulo Simões:

*“Tem um aspecto ali que eu não soube na época, soube depois, mas que é vital, mas na época a gente não sabia: boa parte da Praia de Iracema pertence a uma família só, grande parte das pessoas que moravam lá, moravam alugada (sic), então, o que aconteceu, dá pra prever né? A família tomou tudo, porque queria ganhar o dinheiro dela”*⁵⁸.

Por este depoimento é possível constatar a ausência de conhecimento do poder público e do arquiteto – neste caso, estes dois agentes são um só, já que o arquiteto é funcionário público – sobre o espaço urbano que estava sendo transformado por suas intervenções. Percebe-se, neste tipo de ação, que os interesses econômicos,

⁵⁶ Depoimento concebido ao autor em agosto de 2006.

⁵⁷ Depoimento concedido ao autor em agosto de 2006.

⁵⁸ Concedido ao autor setembro de 2006

que visavam o desenvolvimento mercantil do espaço da Praia de Iracema, suplantaram a necessidade de conhecimento de sua construção social.

Vale ressaltar que, em 1992, ano da construção do calçadão, foi aprovado o novo Plano Diretor de Desenvolvimento Urbano de Fortaleza, que instituía na nova Lei de Uso e Ocupação do Solo a “Zona Especial - Área de Interesse Urbanístico Praia de Iracema”. Esta legislação urbana, promulgada em 1995, viria a consolidar as transformações por que passava o bairro. A “Zona Especial” foi dividida em 3 setores (Fig. 92). O setor 2, relativo à área circunvizinha ao calçadão, foi considerada área histórica, destinada a preservação. Entretanto, esta lei que ressalva a preservação só se refere, e ainda de maneira superficial⁵⁹, às características físicas do ambiente, não restringindo nenhum tipo de uso e ocupação da área referida. Percebe-se, com isso, que apenas a materialidade do espaço foi relevada por esta lei, que tem como objetivo a “preservação da ambiência urbana da Praia de Iracema”⁶⁰.

Todavia, na ação de “revitalização” da Praia de Iracema, aspectos da história social do bairro, que caracterizaram o início de sua ocupação, passaram a ser enaltecidos e livremente manipulados pelos interesses dos poderes públicos e da iniciativa privada. O período compreendido entre meados da década de 1920 e meados da década de 1940 é o que ganha maior notoriedade neste resgate histórico, pois o bairro nesta época surgiu como um “balneário de luxo” da capital cearense. Ocupado por residências de veraneio de famílias ricas, sua praia passou a ser freqüentada pelos membros destas famílias, transformando-se em um importante ambiente de sociabilidade da sociedade abastada de Fortaleza (ROCHA JR, 2000).

Com a invasão do mar, na década de 1940, a faixa de areia da praia do bairro, de cerca de 200m de extensão, sumiu e foram construídos “espigões” (quebra-mar) para conter o maior avanço das águas. Como já explicitado, nesta época, as famílias ricas, proprietárias dos “palacetes” e “bangalôs” invadidos pelas águas, abandonaram o bairro. A partir de então, a Praia de Iracema, sem faixa de areia, passou a ser elemento da narrativa poética de compositores, escritores e jornalistas da capital, que em seus textos nostálgicos enalteciam os atributos da “época áurea” do balneário e

⁵⁹ Sobre o Setor 2, consta na Lei: “Área destinada à preservação urbana, envolvendo a manutenção do ambiente, no tocante ao parcelamento do solo, à volumetria e às características das edificações e às relações entre o espaço edificado e o espaço não edificado” (LEI N° 7814/95).

⁶⁰ Sobre uma análise mais detalhada desta legislação, ver: (SCRHAMM, 2001; ROCHA JR, 2000; RUFINO, 1999; GONDIM, 2006; COSTA, 2003)

lamentavam sua ruína. Segundo Schramm, com estas narrativas “*reforça-se, assim, no imaginário coletivo, a visão idílica, romanceada, daquele lugar*” (SCHRAMM, 2001: 74).

Outro aspecto enaltecido da história social do bairro pelos discursos hegemônicos, referente a toda década de 1970 e início da década de 1980, foi a constante presença, principalmente no Restaurante Estoril, de grupos pertencentes a setores médios da população fortalezense, a maioria de formação universitária ou ligada ao universo artístico-cultural local. Sobre este período, afirma Schramm:

*“O bairro passa a ser tema de significativa produção artística, a exemplo dos escritos de Luciano Maia, Airton Monte e Rogaciano Leite; da pintura de Hélio Rola; dos desenhos de Alano Freitas e Audifax Rios. O fato de se constituírem em grupo ‘formador de opinião’ – proveniente da classe média, de formação universitária – contribuiu para que suas vivências no bairro passassem a lhe emprestar uma certa ‘identidade’, conferindo-lhe atributos de **‘cenário litero-etílico-cultural da noite de Fortaleza’, ‘referencial artístico e político’, além de fortalecer a imagem já existente daquele território como ‘reduto poético e boêmio’, ‘local bucólico e sentimental’, ‘musa inspiradora’**”*⁶¹ (SCHRAMM, 2001: 81).

É neste capital simbólico atribuído ao bairro por estes grupos privilegiados onde os discursos oficiais, que fundamentavam toda a proposta de “revitalização” da Praia de Iracema, vão sustentar suas ações. A presença de uma classe média, freqüentadora do bairro em horas de lazer, encobre os aspectos da cotidianidade dos que habitavam e trabalhavam no bairro. Enfatizando as características pitorescas do lugar, a “revitalização” imposta ao bairro desconsiderou a sua real construção social histórica, marcada pela presença majoritária de moradores de classes menos favorecidas economicamente, cuja vivência no bairro não participa deste “universo simbólico” resgatado pelos discursos que fundamentaram as intervenções.

Para Rocha Jr. (2000), o que ocorreu na Praia de Iracema foi a “*invenção de uma tradição*” e a “*recuperação de uma história imaginária*” da classe média na busca por um capital simbólico para o bairro, onde o “*Restaurante Estoril é o edifício símbolo desta época*” (ROCHA JR., 2000: 133).

Hoje, com o surgimento de outras áreas de lazer noturno dentro e fora da Praia de Iracema, a classe média de Fortaleza abandonou esta área do bairro. Desprovida de grande parte dos seus antigos moradores e com um elevado número de suas

⁶¹ Expressões coletadas por Solange Schramm em pesquisa nos arquivos da imprensa local, em matérias sobre a Praia de Iracema. Grifos do autor.

edificações estruturadas para a função de lazer noturno, esta área vem sendo ocupada por investidores estrangeiros, que visam no mercado do turismo sexual o lucro para os seus investimentos. A prostituição, que atualmente permeia as ruas da Praia de Iracema, “denigre” a imagem de “pólo turístico-cultural” da cidade e já surge, nos discursos que visam uma nova reestruturação do bairro – com um equipamento que insira nele o turismo de negócios: o Centro Multifuncional de Eventos e Feiras –, como um “mal” que tem que ser dizimado.

2.3. O hoje monumental

A última ação de intervenção urbana do Governo do Estado, projetada por arquitetos urbanistas e posta em prática no espaço da Praia de Iracema, foi o Centro Dragão do Mar de Arte e Cultura. Inaugurado em abril de 1999, durante o segundo mandato do governador Tasso Jereissati, este equipamento inseriu no bairro um complexo de entretenimento composto por salas de espetáculos, de exposições e de cinemas, dois museus, um planetário, uma livraria, dentre outros, que transformou a área ocupada por galpões e armazéns, remanescentes do antigo Porto de Fortaleza, no principal pólo de lazer e atratividade turística da capital cearense.

A concepção física deste equipamento foi iniciada, em 1993, por uma licitação realizada pela Secretaria de Desenvolvimento Urbano e Meio Ambiente do Estado, mediante o envio de Cartas-Convite a cinco escritórios de arquitetura da cidade. Estes foram convidados a participar do processo licitatório com propostas arquitetônicas e urbanísticas para o “Centro de Cultura do Estado do Ceará” e a conseqüente “revitalização” da área do antigo Porto de Fortaleza. No Relatório Técnico Justificativo da Inserção do Centro Dragão de Mar de arte e Cultura no PRODETUR / CE ⁶², consta que:

“O Centro Dragão do Mar deverá representar a ‘âncora cultural’ para o turismo do Estado, com o intuito de transformar Fortaleza no mais importante Pólo Cultural do Estado e do Nordeste, com o objetivo de atrair um fluxo diferenciado de turistas para esta capital e de aumentar a taxa de permanência dos mesmos em nosso Estado” (Governo do Estado do Ceará, 1996: 139).

⁶² Programa de Ação para o Desenvolvimento do Turismo no Nordeste.

Inserido em meio a um conjunto arquitetônico remanescente do início do século XX, com a intenção de revitalizá-lo, o Centro Dragão do Mar não aproveitou nenhuma das edificações existentes para abrigar as funções do equipamento. Ele foi construído a partir do desmonte das construções de três quadras deste conjunto. A nova edificação desconsiderou o valor histórico dessa área e priorizou a construção de um equipamento que se destaca no tecido urbano pela escala grandiosa. Na síntese do Memorial Justificativo do projeto do Centro Cultural, publicada no Relatório Técnico acima citado, consta:

“Na visão do urbanismo contemporâneo, uma nova edificação deve ser implantada no tecido urbano como parte integrante desse sistema e não como algo exterior e desarticulado com as condições físicas preexistentes. Esse princípio de contextualidade não significa necessariamente que o novo edifício se ‘harmonize’ com o conjunto por assemelhamento e sim que a sua relação com os demais seja tal que resulte numa nova unidade significativa e funcionalmente ativa. É dessa maneira que o novo Centro Dragão do Mar de Arte e Cultura se projetou na zona urbana do antigo Porto de Fortaleza.” (Governo do Estado do Ceará, 1996: 120)

O monumental espaço do Centro Dragão do Mar ocupa uma área de 30 000m² do bairro⁶³, das quais 13 500m² são de área edificada. A complexo cultural apresenta como elemento ordenador uma passarela suspensa, que liga os blocos de edifícios, onde estão locadas as atividades desenvolvidas no Centro. Os 16 500m² de área restante são espaços livres compostos por praças e jardins que permeiam toda a edificação (Fig. 93 a 102).

Em entrevista concedida a Gondim (2006), um dos projetistas do Centro cultural, o arquiteto Fausto Nilo, disserta sobre a grande área ocupada pelo equipamento:

“... Ele [o Centro Dragão do Mar] é um edifício urbano. Ele é meio rua, você passa por um [bloco] e sai, entra no outro e desce por outro, para o espaço público, volta, entra de novo, passa de uma rua para outra, não é? (...) O edifício tem mais área do que precisaria em termos estritamente funcionais, entre aspas, porque eu tive a compreensão dos contratantes [Governo do Estado] para isso (...) Então, ele não é só aquele espaço. (...) Não; ele tem espaço que tem sentido psicológico, que às vezes parece desperdício, mas quando está cheio de gente, dá um sentido àquilo” (GONDIM, 2006: 113)

No entanto, a visão do arquiteto encontra críticas, por exemplo, para Rocha Jr (2000), o edifício do Centro Cultural desvaloriza o “tecido tradicional da cidade” onde está inserido, além de ser superdimensionado para o programa arquitetônico que abriga,

⁶³ Ressalto que na Carta-Convite entregue aos escritórios de arquitetura, a área estipulada para abrigar o novo “Centro de Cultura do Estado do Ceará” era de 16 450m², ou seja, o Centro Dragão do Mar ocupa quase o dobro da área prevista pelo Governo do Estado para sua ocupação.

existindo espaços ociosos e um excesso de circulação. Este autor afirma que no Centro Dragão do Mar

“o espetáculo proporcionado por suas articulações espaciais e seu resultado formal parece ser a produção principal de todo o investimento (...). Se o Restaurante Estoril representa o símbolo do passado que motivou a tradição inventada, o Centro Dragão do Mar de Arte e Cultura, hoje lugar principal de interesse espacial do bairro, representa o grande marco do mundo imagético da sociedade contemporânea, agregado à Praia de Iracema” (ROCHA JR., 2000: 147 - 148).

Segundo Augusto César Costa – então presidente do Instituto de Arte e Cultura do Ceará (IACC), Organização Social gestora do Centro Dragão do Mar⁶⁴, em depoimento concedido ao autor em agosto de 2006 –, a monumentalidade física deste equipamento não supri as necessidades básicas do Centro Cultural, como o fornecimento de estrutura espacial para a realização de cursos das mais diversas formas de expressões artísticas, e ambientes que funcione como ateliês para artistas e salas de produção musical. Além deste fato, Augusto César afirma que, apesar da grandiosidade do prédio, a administração do Centro Cultural teve que locar e adaptar um galpão vizinho para abrigar todos os seus funcionários. Dentro da própria edificação, os espaços projetados como salas de dança, atualmente, encontram-se ocupados pela diretoria administrativa do Centro e o curso de dança contemporânea, promovido por uma parceria entre o SESC e o Centro Dragão do Mar, acontece em um outro galpão alugado, também lindeiro à grande edificação.

Portanto, a partir destas considerações, é possível constatar que a escala monumental do Centro Dragão do Mar é bem mais simbólica do que funcional. Como afirmam Vaz e Jacques:

“As transformações espaciais não se restringem mais a sua dimensão físico-territorial, mas envolvem, em grau crescente, considerações de ordem simbólica. O lugar, a sua imagem e a sua identidade se tornaram fundamental” (VAZ e JACQUES, 2001: 131).

O Centro Dragão do Mar surge no cenário político do estado como um elemento-chave para a inserção do Ceará e de sua capital no mercado competitivo da

⁶⁴ “A fim de possibilitar um melhor controle dos custos de manutenção do centro cultural e da qualidade dos serviços a serem ofertados ao público, optou-se por um novo modelo de gestão, pelo qual o Centro Dragão do Mar seria gerido por uma Organização Social (OS). Trata-se de uma entidade de direito privado sem fins lucrativos, criada pelo poder público para prestar serviços de natureza pública, porém não exclusivos ao Estado (...). Para regulamentar e operacionalizar o funcionamento da OS, foi celebrado entre ela e a SECULT [Secretaria de Cultura do Estado] um contrato de gestão (...) [que] fixou em R\$ 431.154,00 mensais o valor dos recursos a serem repassados ao IACC pelo governo estadual” (GONDIM, 2006: 117).

economia globalizada (GONDIM, 2006). Este equipamento nasce *“como parte de uma estratégia para mudar o perfil da economia do Ceará, mediante a criação de uma ‘indústria cultural’ capaz de inserir Fortaleza no processo de globalização”* (GONDIM, 2006: 149).

A revitalização urbana posta em prática no espaço do bairro Praia de Iracema com a construção do Centro Dragão do Mar de Arte e Cultura vai ao encontro da afirmação de Jacques, que relata:

“As maiores vedetes [dos processos de revitalizações urbanas contemporâneas] são os grandes equipamentos culturais, franquias de museus e suas arquiteturas monumentais – cada vez mais espetaculares e visados pela indústria do turismo – que passam a ser a principal âncora de megaprojetos urbanos” (JACQUES, 2004: 25)

Este centro cultural emerge no solo urbano de Fortaleza como mais um dos projetos que se multiplicam pelas grandes e médias cidades de diferentes países, conjugando cultura, lazer e turismo em um edifício com arquitetura monumental. Em sua análise sobre a implantação do Centro Dragão do Mar na Praia de Iracema, Sabrina Costa (2003) observa semelhanças entre esta intervenção urbana e a intervenção do Museu Guggenheim em Bilbao:

“Semelhante ao processo ocorrido em Bilbao, na Espanha, a inserção de um marcante edifício numa área deteriorada contribuiu na consolidação de uma nova imagem da cidade. Periódicos de turismo, arquitetura e artes enfatizaram a presença e animação do complexo na Praia de Iracema” (COSTA, 2003: 110-111).

A ação do arquiteto, neste tipo de intervenção urbana, investe na estética desta monumentalidade física da nova edificação para que ela se transforme na “imagem-síntese” da cidade nos catálogos turísticos internacionais. Este produto criado torna-se a “vitrine publicitária” da cidade (SÀNCHEZ, 2003) e na projeção internacional desta imagem, o nome do seu arquiteto-criador se propaga e este absorve os benefícios econômicos desta operação comercial, que objetiva “revitalizar” o espaço urbano.

“Essa revitalização estética do espaço urbano, a partir do museu como obra arquitetônica erigida para os tempos futuros, parece sempre demonstrar o quanto a mutação de uma paisagem urbana depende da maneira no mínimo ostentatória de como a cidade pode fazer obra de si mesma, graças à intervenção demiúrgica de arquitetos e artistas” (JEUDY, 2005: 121).

Comercializada como imagem no mercado competitivo por turistas, a cidade se transforma em mercadoria por um processo de reestruturação urbana promovido pela

atuação empresarial do poder público (VAZ e JACQUES, 2001) e pela ação dos arquitetos, criadores desta imagem. Segundo Jacques (2003), é neste contexto onde se estabelece o “Espetáculo” – no sentido atribuído por Guy Debord à palavra –, ou seja, se estabelece a alienação, a não-participação ativa da sociedade na estruturação da vida social. Vinculada a uma imagem criada, a “cidade-espetáculo” se descola da sua construção social, priorizando os interesses econômicos.

“A competição no interior de uma rede mundial é acirrada, as municipalidades se empenham para melhor vender a imagem de marca da sua cidade, muitas vezes em detrimento das necessidades da própria população local ao privilegiar o turismo, e neste sentido, favorecer a gentrificação de áreas a serem revitalizadas” (VAZ e JACQUES, 2001: 132-133).

A área onde foi locado o Centro Dragão do Mar encontrava-se deteriorada e “esquecida” pelos poderes públicos locais. Problemas como: alagamentos em dias de chuva, insuficiência de iluminação pública, ausência de policiamento urbano, edificações abandonadas e algumas desmoronando, compunham o cotidiano daquele “tecido histórico” da cidade. Entretanto, neste ambiente degradado, existia um uso e ocupação do espaço que, apesar das condições precárias, o permeava com vida e com uma produção artístico-cultural: vários galpões e sobrados eram ocupados por artistas plásticos e transformados em seus ateliês e residências. Além deles, existiam dois estabelecimentos que funcionavam como bares e galerias de artes – onde eram expostos e comercializados principalmente as produções dos seus vizinhos artistas –, o Coração Materno e o *Besame Mucho*, e geravam uma incipiente movimentação noturna na área.

O depoimento do artista plástico, Zé Tarcísio, ainda hoje morador de um sobrado onde mantém seu ateliê no bairro, expõe o potencial do espaço vislumbrado por seus moradores, no momento em que nascia o projeto de revitalização para a área:

“Na época em que o Ciro [Gomes, então Governador do Estado] estava pensando em transformar essa área aqui em um pólo cultural, nós fizemos uma reunião no meu ateliê com ele, o Paulo Linhares [então Secretário de Cultura do Estado] e vários outros artistas que tinham ateliês por aqui e dissemos que a nossa idéia era transformar estes galpões em lugares de produção artística, misturado com bares e cabarés, que por aqui já existiam, como o Besame Mucho e o Coração Materno. Transformar isto daqui num burburinho como o Marais de Paris. Mas, eles preferiram concentrar tudo nesse ‘elefante branco’, então, agora, vamos se apropriar dele”⁶⁵.

⁶⁵ Concedido ao autor em setembro de 2006.

A gentrificação da área onde iria pousar o Centro Dragão do Mar já era prevista pelos seus arquitetos. No Memorial Justificativo do Projeto Arquitetônico e Urbanístico deste equipamento existe um programa complementar que apresenta diretrizes para a transformação de sobrados da área no “Quarteirão dos Artistas”, objetivando diminuir os danos causados aos artistas instalados na área pela valorização imobiliária desta. Este “Quarteirão” consiste em dois blocos de sobrados que foram mantidos dentro da área da edificação⁶⁶ (Fig. 103 e 104). Um dos itens destas diretrizes tem como título: “Requalificação Ambiental Urbana sem Especulação”, neste consta:

“A grande preocupação decorrente dos efeitos urbanos de implantação do Centro Cultural na zona urbana em questão é que, junto ao resultado positivo da intervenção contextual, temos a perspectiva ameaça de supervalorização dos aluguéis e dos preços de venda dos sobrados e a conseqüente expulsão dos artistas locais que hoje ocupam parte desse espaço de maneira espontânea. Se esse fato se confirma, pode ocorrer a não implantação conveniente do programa complementar esperado, bem como a definitiva requalificação ambiental urbana da zona. Nesse ponto torna-se essencial a intervenção do Estado no sentido de recolocar esses imóveis disponíveis para o uso, através da aquisição prévia, por desapropriação, seguida de restauração e posterior ocupação por meio do sistema de concessões e a preço de mercado, evitando definitivamente, o processo especulatório e garantindo o êxito da ação física contextual esperada.” (Governo do Estado do Ceará, 1996: 122)

A ação do Estado desejada pelos idealizadores da intervenção urbana não aconteceu. Os sobrados do proposto “Quarteirão dos Artistas” não foram desapropriados e a supervalorização imobiliária da área ocasionou a já esperada “expulsão artística”. Com o “enobrecimento” do espaço, ocorrido após o estabelecimento do Centro Cultural, e o conseqüente aumento dos impostos e dos aluguéis, quase todos os artistas abandonaram o bairro e os galpões e sobrados foram ocupados por bares, boates e restaurantes.

Segundo os projetistas do Centro Dragão do Mar, o projeto também propunha a conexão deste equipamento com a Ponte dos Ingleses e com o calçadão, pela transformação da Rua Almirante Tamandaré e do início da Rua dos Tabajaras –

⁶⁶ Estes dois blocos são os extremos de uma quadra de sobrados, onde as edificações centrais foram demolidas para a construção da passarela suspensa que interliga as partes do equipamento cultural. Esta demolição foi bastante criticada: “Os autores do Projeto argumentam, por meio de declarações públicas, que os quatro edifícios destruídos não tinham valor arquitetônico. Mesmo se isso for verdade – e os arquitetos projetistas não são os senhores da razão para decidir sozinhos o valor simbólico do que quer que seja – os edifícios destruídos compunham o conjunto urbano do quarteirão em que estavam inseridos. Os apoios (...) e a própria passarela, na verdade, quebram a perspectiva da Rua Dragão do Mar, desvalorizando os seus elegantes edifícios, vistos agora por dois fragmentos de quarteirão” (ROCHA JR, 2000: 151)

reativando o prédio onde funcionava o Departamento Nacional de Obras Contra as Secas (DNOCS) – em corredores comerciais e de serviços (Fig. 105 a 107). Por motivos políticos, afirma Fausto Nilo, as obras foram encerradas com a inauguração da edificação do Centro Cultural, ficando esta área do bairro desconectada de sua porção já “revitalizada”, poucos anos antes.

Milton Santos (2006) alerta-nos com relação à intencionalidade da ação humana no processo de transformação do espaço:

“Lembremo-nos, porém, de que os resultados da ação humana não dependem unicamente da racionalidade da decisão e da execução. Há, sempre, uma quota de imponderabilidade no resultado, devida, por um lado, à natureza humana e, por outro lado, ao caráter humano do meio” (SANTOS, 2006: 94).

A ausência de conexão entre a ação projetista dos arquitetos e a ação gestora dos seus contratantes (Governo do Estado), mais uma vez, gerou danosas conseqüências para o espaço da Praia de Iracema. Com duas áreas “revitalizadas”, porém desconectadas⁶⁷ (Fig. 108), e com as edificações de ambas oferecendo o mesmo tipo de uso - bares, boates e restaurantes – a população de Fortaleza e os turistas passaram a visitar a “nova” área renovada pela presença do Centro Cultural. Gradativamente, os estabelecimentos comerciais que funcionavam no calçadão e nos seus arredores – primeira área “revitalizada” do bairro – foram sendo desativados pela queda na freqüência de público.

Concomitante a este declínio do interesse comercial pelo espaço, os estabelecimentos desativados passaram a ser ocupados por novos comerciantes, em maioria estrangeiros, que oferecem, atualmente, estrutura no espaço da Praia de Iracema para a prática do turismo sexual.

Hoje, o Centro Dragão do Mar de Arte e Cultura recebe “anualmente cerca de um milhão de pessoas em seus mais diversos eventos”, conforme afirma Augusto César, então presidente da instituição. Este número condiz com a intensa agitação noturna encontrada no complexo, principalmente nas noites dos finais de semanas. O mesmo pode ser dito sobre noites agitadas com relação aos bares, restaurantes e danceterias dos estrangeiros, localizados na outra área “revitalizada” do bairro. Estas duas áreas do espaço do bairro são importantes pólos atrativos de público, durante a noite da cidade de Fortaleza. Um público diverso, que freqüenta as áreas da Praia em

⁶⁷ Uma única porém extensa quadra separa estas duas áreas do bairro.

busca de lazer e junto com a população que ali habita constrói o seu cotidiano e o seu espaço.

* * *

Nestes três Eventos-Ação aqui narrados, balizados pela intervenção, ou proposta de intervenção, de arquitetos no espaço da Praia de Iracema, releva-se um ponto em comum: a ausência de participação dos atores sociais construtores do espaço em sua cotidianidade.

Planejado para atrair turistas e as classes abastadas da sociedade fortalezense, as propostas de revitalização desenvolvidas para o espaço da Praia de Iracema conferem passividade aos seus moradores. Neste contexto de transformação urbana, a permanência desta população no espaço onde foram construídas as suas vidas encontra-se constantemente ameaçada. A intenção de valorização do solo urbano, planejada nas ações dos arquitetos, aliada a ausência de proteção do Estado invisibilizam ou permeiam de dificuldades e incerteza a vida dos construtores do cotidiano deste bairro.

Entretanto, apesar de intensamente modificado e com partes do seu espaço transformado em cenário para atrair turistas, existe uma parte da população fortalezense, “iracemita” ou não, que mesmo a “revitalização” da Praia de Iracema não pretendendo contemplá-la, continua ocupando e se apropriando do espaço do bairro, revivificando-o e construindo a sua cotidianidade. Nas ações destes personagens se concentra o capítulo a seguir, o qual analisa o movimento de transformação do espaço da Praia de Iracema na dimensão do seu cotidiano.



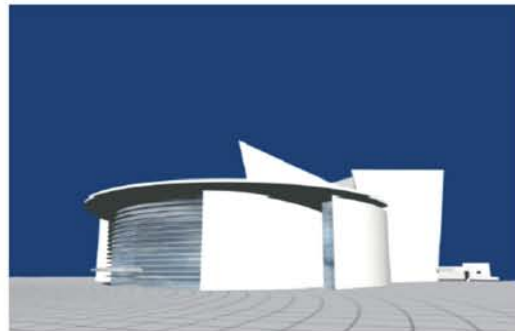
Fonte: arquivos Fausto Nilo

Fig. 68: Perspectiva do projeto do Centro Multifuncional de Eventos e Feiras



Fonte: arquivos Fausto Nilo

Fig. 69: Planta Baixa da área do aterro



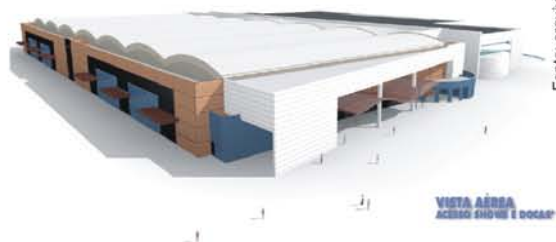
Fonte: arquivos Fausto Nilo

Fig. 70: Perspectiva do Teatro Alberto Nepomuceno



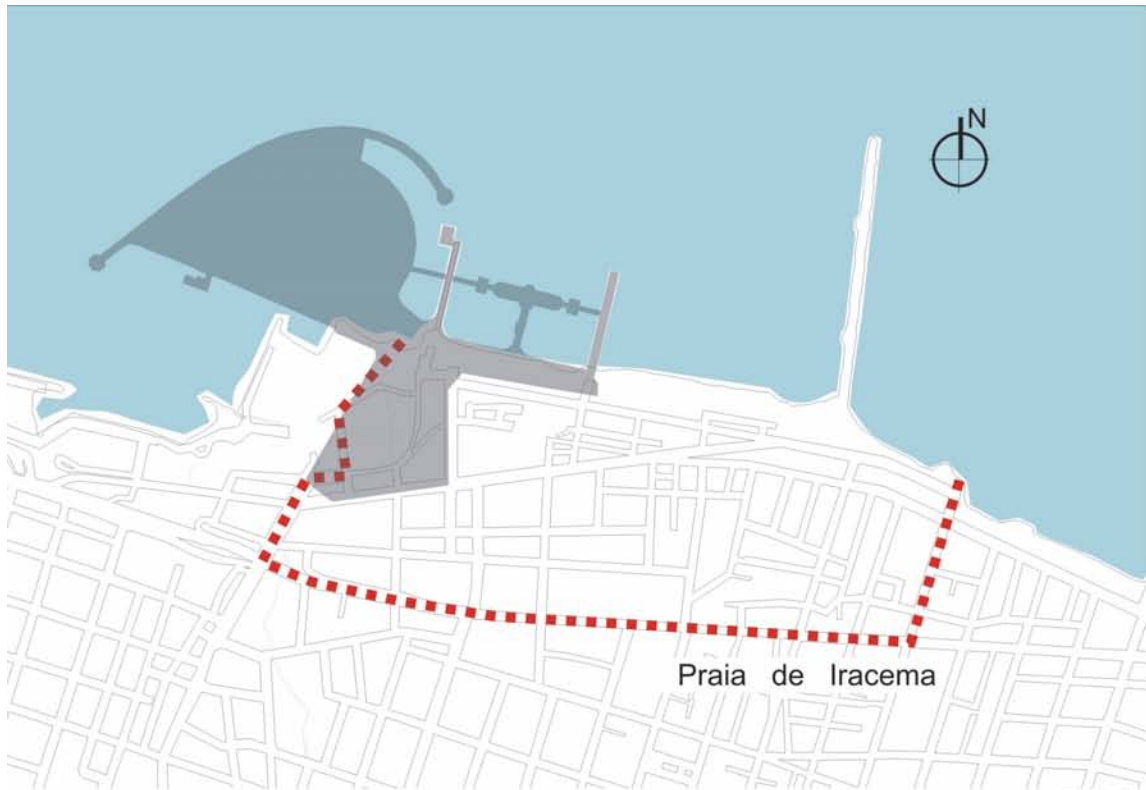
Fonte: arquivos Fausto Nilo

Fig. 71: Vista frontal do Centro de Convenções



Fonte: arquivos Fausto Nilo

Fig. 72: Perspectiva do Pavilhão de feiras e eventos



■ área da intervenção do CMEF

Fig. 73



- área ocupada pela Comunidade do Poço da Draga
- área selecionada pelo projeto do CMEF para abrigar a Comunidade do Poço da Draga após a remoção
- Centro Dragão do Mar de Arte e Cultura

Fig. 74



Fig. 75

parque proposto pelo projeto do CMEF na área da Comunidade Poço da Draga

17 - COMPARTILHAMENTO DE AÇÕES DE RENOVAÇÃO URBANA



Fonte: arquivos Fausto Nilo

Ação Privada (estacionamentos)
 Ação Privada
 Ação Estadual
 Ação Municipal
 Ação Compartilhada
 Ação Estadual/Federal ou Privada
 Sistema de Tráfego de Acesso e Passagem

Fig. 76: mapa onde estão especificadas as áreas delimitadas pelo projeto do CMEF para as ações públicas e privadas de "renovação urbanas"

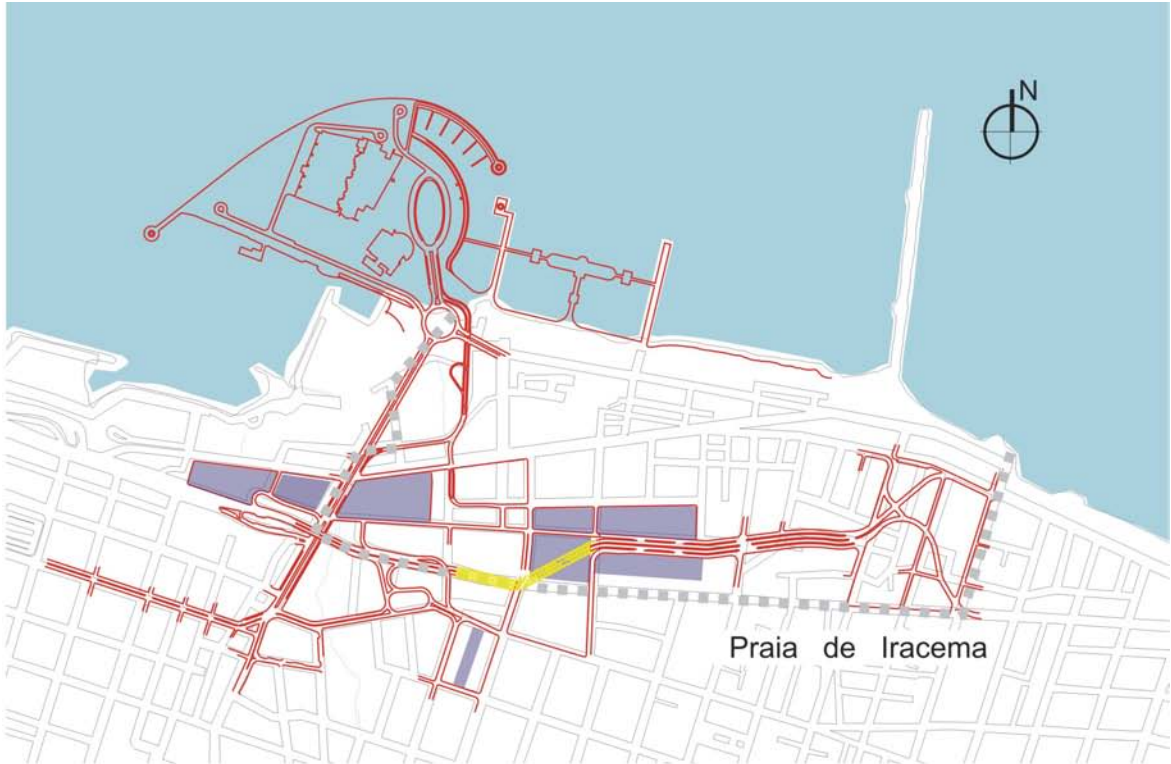


Fig. 77

- sistema viário proposto pelo projeto do CMEF
- via subterrânea proposta pelo projeto do CMEF
- estacionamentos propostos pelo projeto do CMEF



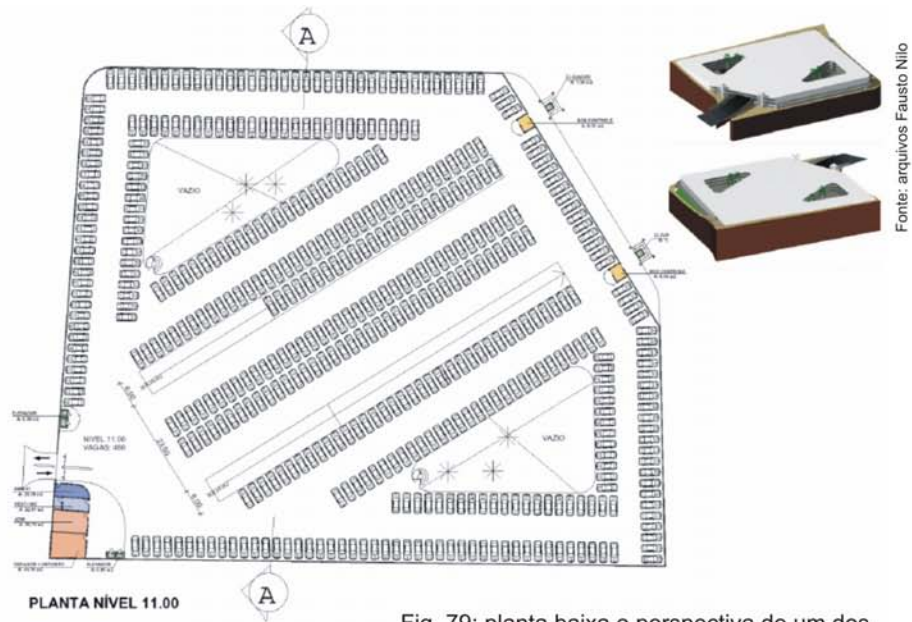


Fig. 79: planta baixa e perspectiva de um dos estacionamentos propostos pelo projeto do CMEF

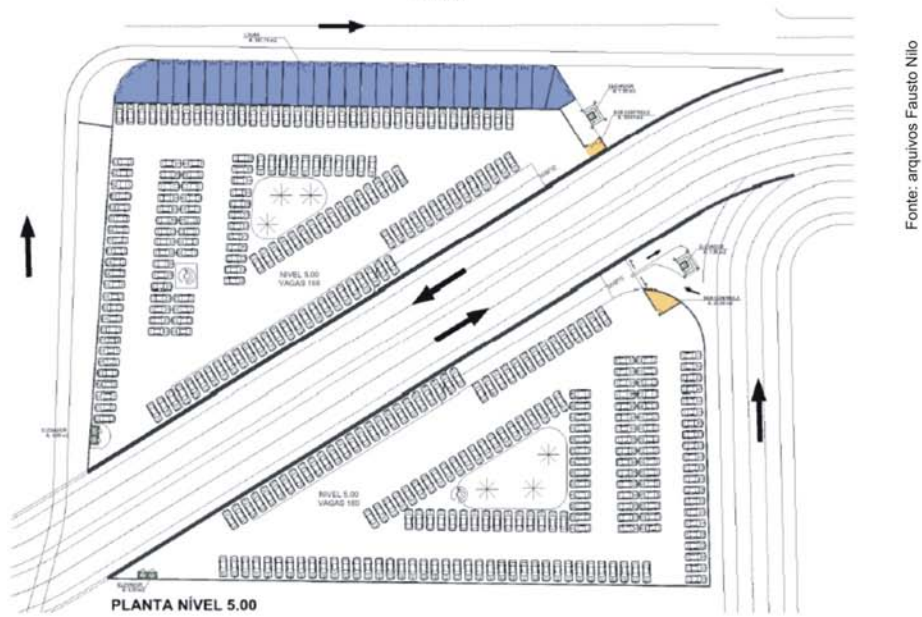


Fig. 80: planta baixa do nível do estacionamento proposto onde passa a via subterrânea

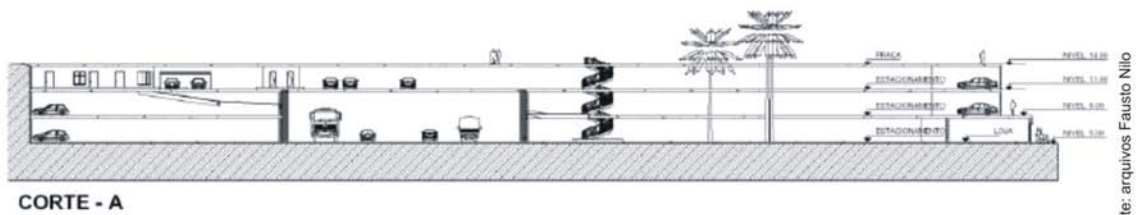


Fig. 81

Fonte: arquivos Fausto Nilo



Fig. 82



Fig. 83: Restaurante Estoril



Fig. 84: Ponte dos Ingleses



Fig. 85: Ponte dos Ingleses



Fig. 86: platô da extremidade final da Ponte dos Ingleses



Fig. 88: edificações geminadas em lotes pequenos



Fig. 89: edificações geminadas em lotes pequenos



Fig. 90: edificações geminadas em lotes pequenos



Fig. 91: edificações geminadas em lotes pequenos

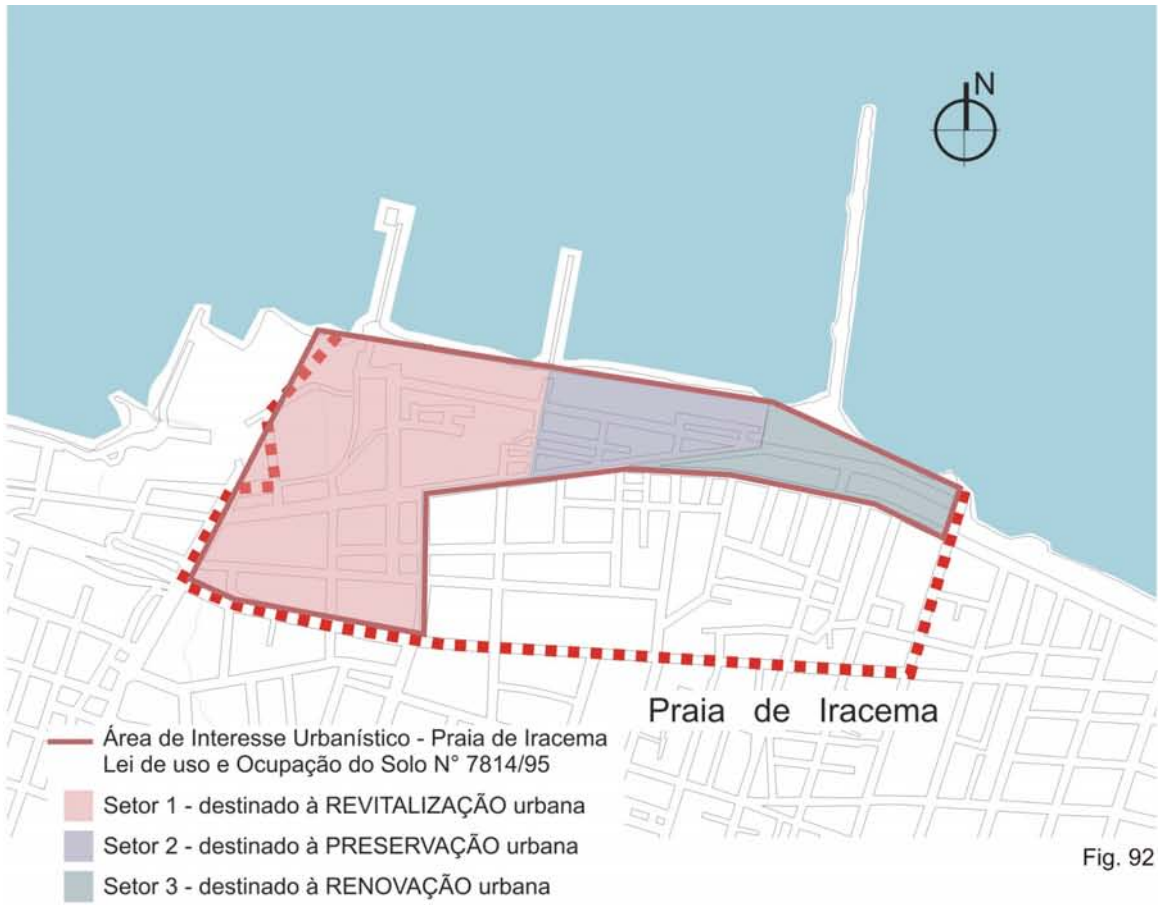


Fig. 92



Fig. 93



Fig. 94

--- Centro Dragão do Mar de Arte e Cultura



Fig. 95: acesso ao Museu de Arte Contemporânea do CDMAC

Fig. 96: vista interna do acesso principal do CDMAC





Fig. 97: Praça Verde do CDMAC



Fig. 98: Planetário e bloco do CDMAC onde estão os cinemas e o teatro



Fig. 99: passarela do CDMAC



Fig. 100: passarela do CDMAC



Fig. 101: espaços livres do CDMAC



Fig. 102: espaços livres do CDMAC



Fig. 103: sobrados onde seria o "Quartirão dos Artistas"



Fig. 104: sobrados onde seria o "Quartirão dos Artistas"

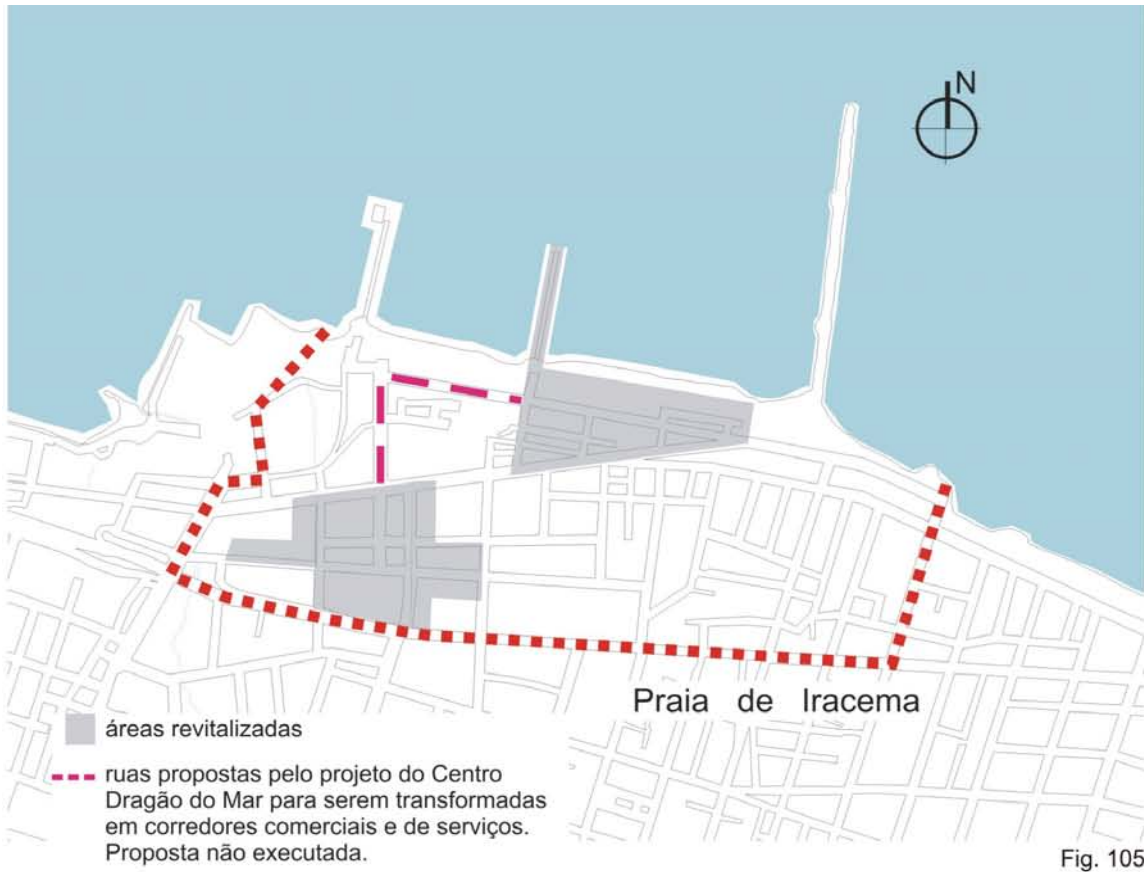


Fig. 106: início da Rua dos Tabajaras, edifício da antiga sede do DNOCS



Fig. 107: Rua Almirante Tamandaré, ao fundo, Centro Dragão do Mar



Fig. 108

“É vagabundagem? Talvez. Flanar é a distinção de perambular com inteligência. Nada como o inútil para ser artístico. Daí o desocupado *flaneur* ter sempre na mente dez mil coisas necessárias, imprescindíveis, que podem ficar eternamente adiadas.

...
Eu fui um pouco esse tipo complexo, e, talvez por isso, cada rua é para mim um ser vivo e imóvel. Balzac dizia que as ruas de Paris nos dão impressões humanas. São assim as ruas de todas as cidades, com vida e destinos iguais aos dos homens.”

João do Rio

O “movimento sutil” do espaço: ação do “homem lento”

Capítulo 3

O “movimento sutil” do espaço: ação do “homem lento”

Dissertar sobre o “movimento sutil” do espaço é penetrar no universo das práticas socioespaciais realizadas no plano da vida cotidiana. Estas práticas são ações de uso e de apropriação do espaço oriundas das relações sociais que nele se estabelecem, produzindo uma espacialidade em constante transformação. O movimento do espaço neste plano está relacionado à reprodução da vida humana que nele se desenvolve.

“A apropriação se revela em atos e situações que podem ser o andar pela rua do bairro, onde aparece a calçada como trajeto diário (...). Pode ser o ato de andar de bicicleta ou o uso da rua como lugar para as brincadeiras infantis; pode ser a prosa com o vizinho que passa, ou que está em sua porta, ou olhando pela janela. Essas possibilidades se ligam ao acontecer diário, e são marcadas por um tempo determinado, em espaços circunscritos. O uso se realiza por meio do corpo e de todos os sentidos humanos e a ação humana se realiza produzindo um mundo real e concreto” (CARLOS, 2001: 213).

A cidade percebida na dimensão do seu cotidiano revela a contigüidade física de pessoas, realizando suas vidas numa mesma extensão do espaço urbano. A proximidade expressa em relações de vizinhança atribui valores a este espaço relacionados ao afeto, que é oriundo destas relações sociais que se apropriam deste espaço para acontecer e assim o (re)constroem, atribuindo-lhe significado.

Para Henri Lefebvre (2001), a cidade é obra das relações sociais. Este autor considera que existem duas dimensões das relações sociais e que a cidade se situa num meio termo entre elas: ordem distante e ordem próxima. Como ordem distante ele considera as relações sociais que estão em um nível “superior”, dotado de poderes e regidos por grandes instituições (Estado, Igreja); e como Ordem próxima ele classifica as relações interpessoais, diretas, sem intermediação de poder instituído e construídas no cotidiano urbano. Portanto, segundo Lefebvre (2001), os processos de transformação urbana, que priorizam a reprodução econômica do espaço e menosprezam os valores e significados atribuídos a este pelo seu uso cotidiano, estariam negando a constituição destes como obra das relações sociais e afirmando-o como produto das relações de mercado.

“A própria cidade é uma obra, e esta característica contrasta com a orientação irreversível na direção do dinheiro, na direção do comércio, na direção das trocas, na direção dos produtos. Com efeito, a obra é valor de uso e o produto é valor de troca” (LEFEBVRE, 2001: 04).

Carlos (2001), a partir da tese Lefebvrina da dialética entre obra e produto, afirma que a cidade, mesmo inserida no “mundo da mercadoria” e transformada em um produto para ser comercializado no mercado globalizado, na condição de obra, ela surge como possibilidade de apropriação e de uso do seu espaço e do seu tempo pela sociedade que a vivencia.

Vimos, no capítulo anterior, que alguns autores defendem que estratégias atuais de gestão do espaço urbano fortificam a sua condição de produto das relações de mercado. Em muitas parcerias público-privado travadas para executar os projetos urbanos, interesses econômicos privados passam a gerir os espaços públicos urbanos, inserindo estes em uma voraz economia de mercado. Não raramente, o valor de troca atribuído aos espaços reurbanizados, transformando-lhes em produtos para a comercialização, suplanta e ignora a existência do seu valor de uso, que é elaborado por sua apropriação no tempo e que o constitui como uma obra repleta de significados que transcendem a sua materialidade (LEFEBVRE, 2001). O cidadão gerador da vida cotidiana destes espaços, quando não é expulso, torna-se mero espectador do “espetáculo urbano” que irá reestruturar o espaço de sua vida.

O espaço considerado “obra” das relações sociais gera a necessidade da percepção da diferença entre as ações dos grupos sociais e o resultado destas ações. Uma distinção sem separação. É por esta diferença que Lefebvre (2001) distingue o “urbano” e a “cidade”. O “urbano” como sendo a realidade social, e a “cidade” a realidade material, prático-sensível. Esta distinção, frisa o autor, é um atributo puramente metodológico para a construção do pensamento sobre o espaço, pois

“As relações sociais são atingidas a partir do sensível; elas não se reduzem a esse mundo sensível e no entanto não flutuam no ar, não fogem na transcendência. Se a realidade social implica formas e relações, se ela não pode ser concebida de maneira homóloga ao objeto isolado, sensível ou técnico, ela não subsiste sem ligações, sem se apegar aos objetos, às coisas.” (LEFEBVRE, 2001: 48).

Milton Santos (1994) afirma que o ponto de partida para a construção analítica do espaço tem que ser a sociedade humana realizando-se. Essa realização acontece sobre uma base material. É no uso do espaço e do tempo que a materialidade vai assumindo as diversas formas. Um jogo de ações que determinam as feições, ou

seja, “sistemas de ações” indissociáveis dos “sistemas de objetos”. Nesta relação sistêmica, Santos alerta sobre a necessidade de considerar as diferentes temporalidades das ações que atuam conflituosamente na estruturação do espaço: hegemônicas – temporalidade da ação do Estado e das instituições detentoras de poder – e não-hegemônicas – temporalidade da ação do ator do cotidiano. É na dimensão do “espaço banal” – dimensão do cotidiano – onde se materializam os conflitos, pois nesta dimensão estão reunidos todos os atores sociais e suas diferentes temporalidades.

“Por meio do lugar e do cotidiano, o tempo e o espaço, que contêm a variedade das coisas e das ações, também incluem a multiplicidade infinita de perspectivas. Basta não considerar o espaço como simples materialidade, isto é, o domínio da necessidade, mas como teatro obrigatório da ação, isto é, o domínio da liberdade” (SANTOS, 1994: 39).

O espaço concebido como o entrecruzamento indissociável entre “urbano” e “cidade” (LEFEBVRE, 2001) encontra-se em constante movimento, pois sua (trans)formação é gerada pelo fluxo das relações sociais que se definem a partir do uso do espaço e do tempo. O movimento do espaço, quando oriundo das relações de “ordem distante” – como os grandes projetos de reurbanização de áreas desfuncionalizadas das cidades patrocinados pelo Estado e a iniciativa privada e ligados a interesses econômicos globalizados –, é veloz, pois, em pouco tempo, transforma intensamente as relações de “ordem próxima”, que permearam de conteúdo estas formas, que são descendentes do devir de uma constituição histórica.

Para Santos (2006), a interferência da globalização contemporânea na estruturação do espaço urbano coloca a questão do lugar em uma posição central, revelando a importância da dimensão do corpo no espaço:

“Na verdade, a globalização faz também redescobrir a corporeidade. O mundo da fluidez, a vertigem da velocidade, a frequência dos deslocamentos e a banalidade do movimento e das alusões a lugares e a coisas distantes, revelam, por contraste, no ser humano, o corpo como uma certeza materialmente sensível, diante de um universo difícil de apreender” (SANTOS, 2006: 313-314).

É através da constatação da aceleração do mundo contemporâneo que Milton Santos (1994) cunha a categoria “homem lento”. Esta caracteriza o ator social do espaço e da temporalidade cotidiana responsável pelas ações de transformação da materialidade a partir da resistência à racionalidade imposta ao espaço pela temporalidade das ações hegemônicas. A apropriação espacial do homem lento é regida pelo desejo, está sob o domínio da liberdade. Esta categoria se liga

diretamente à relação corpo-espaço pela prática urbana no cotidiano. Apesar dela não se limitar a uma questão de classe econômica, seriam, principalmente, os mais pobres que representariam o homem lento, por estarem à margem dos meios de produção da velocidade contemporânea e por, obrigatoriamente, experimentarem de maneira mais direta os espaços urbanos.

Na dimensão do cotidiano, o movimento do espaço se relaciona diretamente com a ação do sujeito no espaço, pois a vida que nele se desenvolve tem participação ativa na sua transformação contínua. São as práticas espaciais que atribuem mobilidade à cidade (DE CERTEAU, 2002). O espaço condiciona a ação; a ação o (re)constrói.

A partir da tese “bergsonista” sobre a existência de espaços em transformação contínua, Jacques (2003), em sua análise sobre a construção cotidiana e fragmentária da favela do Morro da Mangueira no Rio de Janeiro, nos fala sobre “espaço-movimento”:

“O espaço-movimento não seria mais ligado somente ao próprio espaço físico, mas, sobretudo, ao movimento do percurso, à experiência de percorrê-lo, o que é da ordem do vivido e, simultaneamente, ao movimento do próprio espaço em transformação, o que é da ordem do vivo” (JACQUES, 2003: 149).

Para De Certeau (2002), a ação do pedestre de percorrer o espaço é responsável pela realização espacial do lugar em um processo de apropriação do sistema urbanístico pelo caminhante. Por sua experiência no espaço, o pedestre atualiza e organiza o conjunto de possibilidades e proibições impostas pelo “espaço geométrico dos urbanistas”. As ações dos urbanistas no espaço são legitimadas ou não por sua apropriação cotidiana (DE CERTEAU, 2002). Na relação travada entre caminhante e percurso, o espaço se qualifica em função do corpo do pedestre que o percorre. O movimento do corpo no espaço – “ordem do vivido” – movimenta e transforma o espaço – “ordem do vivo”.

O espaço do cotidiano se constitui por intermédio da experiência corporal do sujeito no interior de sua materialidade. No contexto da construção social da realidade, *“el cuerpo debe ser visto como el primer lugar de la experiencia social, el lugar donde la vida social se convierte en una experiencia vivida”*⁶⁸ (CORTÉS, 2006: 110). Na dimensão do corpo no espaço, a realidade social se concretiza em ações que se apropriam da materialidade física e a transforma. O espaço transformado é o espaço

⁶⁸ “o corpo deve ser visto como o primeiro lugar da experiência social, o lugar onde a vida social se converte em uma experiência vivida” (t.d.a.)

vivo, pois as ações da vida social que nele se constrói conferem constante mobilidade a sua estruturação física.

Segundo Santos (2006), o cotidiano surge como o “ambiente” propício para a investigação da construção social do espaço. É na dimensão espacial do cotidiano onde é possível perceber as ações das diferentes temporalidades, agindo na estruturação do espaço. Nesta dimensão aparecem as ações do “homem lento” no processo de transformação espacial constante.

Captar as vivências do cotidiano espacial torna-se fundamental para a compreensão da estruturação física do espaço. Jacques (2006) inspirada em trabalhos de artistas, escritores e pensadores – os “errantes” – apregoa a “errância urbana” como sendo uma outra forma de apreensão e percepção da cidade. Uma “outra” maneira de ação elaborada como uma crítica à prática urbanística contemporânea, que busca apreender o espaço urbano por leituras de mapas e dados estatísticos. No “estado de corpo errante” trava-se uma relação direta entre a experiência sensorial do corpo e a experiência física da cidade.

“Para o errante, são sobretudo as vivências e ações que contam, as apropriações com seus desvios e atalhos, e estas não precisam necessariamente ser vistas, mas sim experimentadas, com todos os outros sentidos corporais. A cidade é lida pelo corpo e o corpo escreve o que poderíamos chamar de uma ‘corpografia’. A corpografia seria a memória urbana no corpo, o registro de sua experiência da cidade” (JACQUES, 2006: 119).

A cidade lida pelo corpo revela o que não participa da espetacularização urbana contemporânea: o espaço vivido. A experiência corporal da cidade evidencia a participação ativa do cidadão – “homem lento” – na construção do espaço urbano, mesmo quando este é transformado por projetos urbanos ligados ao “culto da imagem” e aos interesses econômicos globais e desvencilhados da dimensão espacial ocupada pelo corpo que o percorre e o permeia com vida.

3.1. O espaço vivo da Praia de Iracema

A experiência como um “errante urbano” no espaço da Praia de Iracema proporcionou-me a percepção da transformação espacial do bairro pela ação do cidadão construtor da sua cotidianidade. Entre os meses de julho e agosto de 2006,

morei no bairro e assim vivenciei cotidianamente o seu espaço. Pratiquei a “deriva urbana” – apreendida nos escritos da Internacional Situacionista – como um meio de conhecimento do espaço construído através do “andar sem rumo”, buscando nesta ação consciente uma análise experimental das diversas “ambiências urbanas” do espaço da Praia de Iracema.

Vivenciando o espaço do bairro, levantei situações onde a ação do cidadão construtor daquela cotidianidade interfere – modifica, movimenta – na estruturação física do espaço e assim o reconstrói, atribuindo-lhe significado. Na continuação deste texto, as transformações ocorridas no espaço da Praia de Iracema pelas ações do Estado e do Arquiteto passam para o “segundo plano” do “palco”; assumem o “plano principal” as ações do “homem lento”.

3.1.1. A prostituta, o estrangeiro e o espaço

A imprensa de Fortaleza constantemente noticia o movimento de transformação pelo qual vem passando o espaço do bairro Praia de Iracema. Serão citados, aqui, dois trechos de matérias jornalísticas, que ilustram a transformação do espaço num intervalo de 10 anos:

“Muitas teorias tentam explicar a decadência da Praia de Iracema, usada e jogada fora pela cidade. Uma das mais endossadas diz que o turismo sexual, que estaria diretamente ligado à chegada das boates, expulsou quem costumava freqüentar o lugar. Há quem diga que o esvaziamento se deu primeiro e que a prostituição apenas ocupou o que Fortaleza deixou de lado. Um dos motivos do abandono seria a construção do Centro de Arte e Cultura Dragão do Mar ou o setor imobiliário forçando uma desvalorização da área. Hoje, mais importante que descobrir a origem do problema é tentar solucioná-lo” (O Povo, 11/12/2006).

Exatamente dez anos antes:

“Um bairro de Fortaleza merece destaque especial, tanto pela entrada triunfal na vida noturna da cidade como pela sua forma mágica de inspirar poetas, artistas e boêmios. Suas ruas estreitas, margeadas por bares, servem de passarela para os mais variados tipos. Os sons do local misturam o barulho das ondas quebrando nas rochas com as melodias cantaroladas ao vivo e com a cacofonia de vozes discutindo assuntos dos mais diversos. A descrição só podia ser da Praia de Iracema, onde bares e restaurantes abrigam o mais importante foco cultural, turístico e de lazer da cidade” (Diário do Nordeste, 13/12/1996).

Os trechos da imprensa demonstram dois momentos diferentes da estruturação de um bairro onde Estado e a iniciativa privada investiram em sucessivos projetos tidos

como de “Revitalização Urbana”. Durante estes anos, os constantes investimentos financeiros não conseguiram sustentar a reestruturação econômica do bairro, (re)criado para ser “o mais importante foco cultural, turístico e de lazer da cidade”, como exposto no trecho jornalístico acima citado. Entretanto, apesar da frustração econômica dos investidores, a ação do “homem lento” continuou a produzir e reproduzir o espaço no cotidiano do bairro, em um constante processo de readaptação às transformações impostas pelos projetos urbanos.

Atualmente, quase todas as edificações à beira-mar do bairro encontram-se abandonadas – inclusive o Restaurante Estoril – com algumas de suas construções destruídas e outras fechadas por tapumes. O calçadão, ponto focal do primeiro projeto urbano de revitalização da Praia de Iracema, hoje, é um espaço “esquecido” e extremamente degradado (Fig. 109 a 114).

A perda do interesse econômico da área foi acompanhada pela negligência do poder público, que junto com a desocupação dos pontos comerciais, passou a não suprir as necessidades do bairro quanto aos serviços públicos básicos, como segurança, limpeza e iluminação urbana. O depoimento de uma empresária paulistana, que chegou a Fortaleza em 1998 e montou uma loja e uma confecção de roupas na Praia de Iracema, expõe uma ação dos empresários ali instalados contra a negligência do poder público e a favor do resgate da vitalidade do espaço:

“Em 2001, nós [ela e o irmão, seu sócio] e mais 11 empresários daqui da Praia nos juntamos e criamos o Condomínio Praia de Iracema. Cada um colocou mil reais e passamos a realizar reuniões periodicamente e tomar algumas atitudes contra o descaso das autoridades com a situação de abandono que estava isso daqui. Tentamos conseguir guarda municipal, não conseguimos, tivemos que pagar uns guardiões para ficar circulando no bairro. Tentamos contato com a Marquise [empresa responsável pela coleta de lixo municipal] para eles melhorarem a coleta, que estava acumulando muito lixo (sic), mas nunca melhorou (...) foram muitas solicitações e pedidos feitos à Prefeitura, à Secretaria de Urbanismo, de Cultura, durante dois anos, mas nós cansamos, o descaso só aumentou e eles nos venceram pelo cansaço.”⁶⁹

Nas ruas do bairro localizadas atrás do calçadão, atualmente, o espaço se transforma pela substituição dos locatários e proprietários dos estabelecimentos comerciais da área. Os restaurantes e casas noturnas, que pertenciam e eram visitados com frequência pela alta sociedade de Fortaleza, passaram a ser comandados e visitados por estrangeiros, europeus em grande maioria, praticantes do turismo sexual (Fig.

⁶⁹ Concedido ao autor em setembro de 2006.

115 a 119). A prostituição de moças oriundas dos bairros de subúrbio, assim como de cidades do interior do Ceará e de outros estados, é o principal atrativo, hoje, da badalação noturna nos bares, nas boates e nas estreitas ruas que compõem este trecho do bairro. Vários hotéis, pousadas e restaurantes que contornam o perímetro delimitado pela prostituição também pertencem aos estrangeiros.

A ocupação deste espaço é propagada pela mídia e mantida como consenso entre as classes sociais elevadas de Fortaleza como o principal motivo da “decadência da Praia de Iracema”. A “má-fama” do bairro já repercute nacionalmente: a Rede Globo de televisão, na semana do dia 06 ao dia 10 de março de 2006, realizou uma série de reportagens, no Jornal da Globo, que tinham como tema o turismo sexual em duas capitais brasileiras, Fortaleza e Natal. Um repórter locado na Praia de Iracema em Fortaleza e outro na Praia de Ponta Negra em Natal discorreram sobre a inserção deste tipo de turismo nestas duas capitais. Sobre a Praia de Iracema foi relatado:

“Alguns lugares dão a noção exata da força do turismo sexual. A Praia de Iracema, em Fortaleza, é um deles. São dezenas de casas noturnas dedicadas ao encontro de turistas e garotas de programa. Só num cruzamento viário são seis. A única esquina sem uma casa noturna é onde funciona a delegacia do turista, mas ela fica fechada à noite, exatamente quando tudo acontece”⁷⁰.

A prática da prostituição tem transformado o espaço do bairro Praia de Iracema. Constato que a modificação pode ser confirmada, não só pelo *trottoir* noturno das garotas de programa pelas ruas do bairro, criando ambientes de extrema sensualidade e sedução, mas também pelas transformações físicas ocorridas nas edificações do bairro. Alguns proprietários e antigos moradores da Praia estão reestruturando cômodos de suas casas para alugá-los. O locatário alvo destas hospedarias são as prostitutas, que migram de seus bairros ou de suas cidades distantes para passar temporadas na Praia de Iracema, pela comodidade e segurança de se hospedarem ao lado de seus ambientes de trabalho. Além da reforma nos lares, existem salas comerciais que foram readaptadas como quartos para hospedá-las, acarretando numa refuncionalização de edifícios.

O depoimento de um morador da Praia de Iracema ilustra a influência da presença das garotas de programa na estruturação física das edificações do bairro:

“Transformei minha casa em oito quartos e aluguei a casa do lado para eu morar (...)

⁷⁰ Trecho retirado do texto referente à reportagem televisiva publicado pelo site da Rede Globo, na página: <http://jg.globo.com/JGlobo/0,19125,VTJ0-2742-20060308-154489,00.html>

*graças a Deus, agora, estão todos ocupados. Ao todo tem oito meninas, duas dividem o mesmo quarto, e um travesti.”*⁷¹

Em minhas perambulações errantes pelo bairro, observei que, devido ao fato delas passarem a ser moradoras da Praia, mesmo que por temporadas, a qualquer hora do dia, é comum encontrar grupos de garotas nas ruas e nos pontos comerciais do bairro, como mercadinhos, lanchonetes e botequins. Um tipo de comércio que se destaca, pelo bairro apresentar um fluxo cotidiano feminino intenso, é o de estética pessoal. Várias residências transformaram os seus cômodos dianteiros em salões de beleza e clínicas de estética, onde os funcionários, geralmente, são membros da família que ali habitam.

A prostituição atualmente na Praia de Iracema gera um fluxo de renda no bairro responsável pelo sustento financeiro total ou parcial de várias famílias que nele habitam. O depoimento de um cabeleireiro do bairro ilustra esta situação:

“Se um dia acabarem com a prostituição da Praia de Iracema não sei como é que eu vou viver. 80% de minhas clientes são elas [garotas de programa]. As mulheres do bairro só ajeitam os cabelos em dia de aniversário e noite de natal (...) Já ontem, coloquei um *mega-hair* numa delas, aqui, que (sic) ela me pagou mil e duzentos reais, em *cash*, na mão. Quando é que alguém daqui vai fazer isso?”⁷²

A circulação financeira gerada pela ação da prostituição alimenta, também, o mercado imobiliário. Três torres de *flats* estão sendo erguidas no espaço do bairro⁷³. Não foi difícil perceber que o cliente estrangeiro é alvo da comercialização destes imóveis, pois na publicidade, exposta nos *outdoors* e paredes destas construções, os textos são escritos em inglês, espanhol, francês, alemão e português (Fig. 120).

Vivenciando o cotidiano da Praia de Iracema, constatei que é ambígua a relação existente entre os habitantes do bairro e a prostituição nele atuante. Ao mesmo

⁷¹ Concebido ao autor em agosto de 2006.

⁷² Concebido ao autor em agosto de 2006.

⁷³ Visitei, durante a pesquisa de campo, dois stands de vendas dos edifícios de flats em construção na Praia de Iracema. No primeiro, apresentei-me como pesquisador e, quando tentei conseguir informações sobre os compradores dos apartamentos, a funcionária ali presente me disse que não estava autorizada a dar informações sobre os clientes da imobiliária. No segundo stand, portei-me como cliente. Conheci o apartamento mobiliado – 72m² com preços variando de acordo com o pavimento entre R\$ 177.712,18 e R\$ 210.686,12 – e depois, enquanto a vendedora me relatava sobre as formas de financiamento do valor para a compra, consegui as informações que me interessavam: das 144 unidades postas à venda, 41 estavam vendidas; 19 destas para clientes estrangeiros – um único cliente italiano comprou 5 unidades, um outro português comprou 4 –; das outras 22 vendidas, 3 pertenciam a uma senhora de Fortaleza, porém, que morava em Milão, pois era casada com um italiano.

tempo em que esta prática social cria um mercado que gera fluxo de renda no bairro e possibilita melhores condições de vida aos seus moradores, ela denigre a imagem da Praia para toda a cidade e embute no discurso do próprio morador a reprodução da imagem de degradado. Vale ressaltar que a ação da prostituição se faz presente no bairro desde sua origem, quando ali funcionou o primeiro Porto da cidade, zona tradicional de ocupação pelo meretrício (SCHRAMM, 2001; GONDIM, 2005; SOUSA, 2006). Está na memória de antigos moradores da Praia de Iracema a presença de estabelecimentos como o “Cabaré da Pirrita” e o “Cabaré 80”, que atraíram, durante muitos anos, homens para noite do bairro. Nos relatos de lembranças sobre prostituição no bairro, também estão presentes as “Cocas-cola”, epíteto atribuído às moças que freqüentavam a base aérea dos soldados americanos, que ocuparam a edificação do Restaurante Estoril, durante a Segunda Guerra Mundial. Segundo o historiador Marciano Lopes (1989), quando as “Cocas-cola” passavam *“as velhas e respeitáveis matronas, guardiãs da sagrada moral cristã, resmungavam, olhavam de esguelha, condenavam as meninas ao fogo eterno do inferno e até benziam-se”* (LOPES, 1989: 157). Todavia, relata o historiador:

“... essas moças, regra geral, eram bem nascidas, provinham de famílias até tradicionais de nossa terra (...) se tratava de um punhado de mulheres de mentalidade evoluída, sendo obrigadas a viver numa pequena cidade sem maiores opções, além das monótonas sessões de cinema, do lanche no Jangadeiro, o passeio de bonde, olhar as vitrinas nas lojas mais aristocráticas, fazer o ‘footing’ nas praças. Os soldados ianques, trouxeram outras opções, ajudaram a tirar da rotina, a vida desmotivada da cidade modorrenta (...) nas madrugadas, de longe se viam as luzes e se escutavam os cantos e os risos de alegria esfuziantes de uma juventude que queria, antes de tudo, viver” (LOPES, 1989: 159-160).

Portanto, não é a presença, mas sim a supremacia da ocupação de uma área do bairro por bares e boates que servem à prostituição o principal incômodo do habitante com esta prática ali localizada, pois as prostitutas e seus clientes sempre fizeram parte do cotidiano da Praia de Iracema. A restrição da diversidade do público freqüentador desta área – hoje, composto quase que exclusivamente por “gringos” e garotas de programa – é o que preenche de nostalgia o discurso dos atores sociais que praticam a construção cotidiana do bairro. A sobreposição conflituosa das ações sociais produz e reproduz a realidade tangível (materialidade) e intangível (discurso) da Praia de Iracema.

3.1.2. A ocupação popular

No extremo oeste do calçadão, encontra-se uma área do seu território que resistiu a todo o processo de abandono e, ainda hoje, encontra-se ocupado. Neste local – continuação da Rua Cariris –, o calçadão se une à Ponte dos Ingleses. As edificações que ladeiam o calçadão neste ponto são ocupadas pelas famílias que resistiram à gentrificação ocorrida no bairro. Estes imóveis funcionam, atualmente, com o uso misto: os cômodos da frente das casas foram convertidos em pontos comerciais – lanchonete, sorveteria, pizzeria – e as famílias habitam os seus fundos (Fig. 121 a 126).

O depoimento de uma moradora de uma das casas, que ladeiam o calçadão nesta área de acesso à Ponte dos Ingleses, expõe a sua relação com este espaço:

“Moro aqui desde que nasci. Nestas casas daqui todos os moradores são os mesmos de sempre. A única casa que mudou foi a da esquina, que era de uma senhora que morava sozinha. Ela vendeu a casa dela pro dono do Pirata Bar e foi morar lá no Papicu [outro bairro da cidade], ali atrás do [Supermercado] Bompreço. Tu sabe aonde é? (sic) Não durou 3 anos e morreu doente e sozinha. Deus me livre de sair daqui da beira desta praia. Amo o mar e quero morrer aqui”⁷⁴

A ambiência do espaço do calçadão neste trecho o torna completamente diferente de todo o seu resto. As relações familiares invadem o espaço público com práticas e apropriações que transformam este trecho em verdadeira extensão de seus lares. O convívio entre os vizinhos atribui ao calçadão usos ligados ao afeto que contribuiriam para que não se estenda a essa área o ambiente abandonado e degradado presente em todo o resto de sua extensão. A “revitalização” ocorrida neste pequeno trecho do bairro enxertou o seu valor de troca sem eximir o seu valor de uso.

Este trecho do calçadão finda na Ponte dos Ingleses que, desde 1994, tornou-se um dos principais pontos turísticos da cidade de Fortaleza. Sua visita diária por grupos e excursões refletia a reprodução de sua imagem como cartão postal da cidade, presente em todos os catálogos e sites turísticos. Atualmente, a fama de “bairro degradado” afasta as classes sociais abastadas e os “bons turistas”, que foram freqüentes na Ponte, logo depois de sua reforma. Este fato, entretanto, não contribuiu para o abandono e degradação da área. Pelo contrário, o que ocorreu foi uma substituição do perfil dos seus freqüentadores. O fortalezense, em sua maioria jovem, de classe média baixa, vindo dos bairros de subúrbios, é o atual público

⁷⁴ Concebido ao autor em agosto de 2006.

visitante da Ponte. A queda do “status” do público freqüentador insere a Ponte no discurso generalista da “Praia de Iracema degradada”, constantemente reproduzido pela mídia. Enquanto, na realidade, a Ponte dos Ingleses é diariamente ocupada por casais de namorados e grupos de jovens que transformam o seu espaço em um ambiente de intensa sociabilidade e contemplação da natureza (Fig. 127 a 132).

O relato de uma senhora – artesã de bonecas de pano e moradora do bairro Jardim América, que, nos dias dos finais de semanas, expõe sua produção na Feirinha de Artesanato da Praia de Iracema, que acontece na área do calçadão fronteira à Ponte dos Ingleses – ilustra a desconexão entre a “má-fama” da ambiência do espaço da Ponte e a realidade desta ambiência percebida por quem a vivencia (experimenta):

“Uma vizinha minha vive me perguntando como é que eu não tenho medo de vir trabalhar aqui nessa Ponte (...). Olhe, meu filho, tem dois anos que eu estou aqui, todo final de semana, e pra não dizer que eu nunca vi nada, a única vez que eu vi uma confusão, foi de dois rapazes que estavam bebendo cachaça lá pro final [extremo da ponte] e brigaram, mas logo os guardas chegaram e botaram eles pra correr e pronto, tudo ficou tranqüilo de novo”⁷⁵

Uma outra área do bairro que, atualmente, apresenta mudança no “status” do seu público freqüentador é a região ocupada pelo Centro Dragão do Mar de Arte e Cultura. Este Centro Cultural deu prosseguimento ao projeto do governo estadual de revitalização da Praia de Iracema, iniciado com a reforma da Ponte dos Ingleses. O equipamento, como já dito, atraiu bares, casas noturnas e restaurantes para seus arredores, transformando outra área da Praia de Iracema em pólo concentrador de público em busca de lazer noturno. Em virtude desta ocupação do entorno só exercer suas funções no período noturno, a área, mesmo contendo um grande Centro Cultural, não exerce, até hoje, nenhuma atratividade diurna, permanecendo vazia durante todo o dia. O tipo de ocupação do entorno interferiu diretamente no funcionamento do Centro Dragão do Mar, que transferiu das 10 horas para as 14 horas o horário de abertura dos seus museus e salas de exposições.

“Não fazia mais sentido os museus abrirem pela manhã, com funcionários trabalhando, um alto consumo de energia, para entrar um ou dois visitantes, quando muito. Abrimos, agora, as duas da tarde, que é quando os cinemas começam a funcionar e isto aqui começa a acontecer”.⁷⁶

⁷⁵ Concedido ao autor em julho de 2006.

⁷⁶ Depoimento do então presidente do Centro Cultural, Augusto César Costa, concedido ao autor em agosto de 2006.

Nas edificações do entorno do Centro Dragão do mar, a rotatividade dos pontos comerciais é intensa. É comum na área, estabelecimentos permanecerem funcionando durante um período de alta estação – entre julho e setembro e entre dezembro e fevereiro – e depois fecharem e transferirem o ponto. Além disso, o padrão destas ocupações tem mudado significativamente. A princípio, logo quando foi inaugurado o Centro Cultural, eram ocupadas por estabelecimentos requintados e acessíveis a um público de classes sociais elevadas, como restaurantes de culinária estrangeira, *pubs* e boates estruturadas com luxo e sofisticação. Atualmente, o que se encontra com mais frequência são os conhecidos “botecos”: estabelecimentos simples em sua maioria com cadeiras e mesas nas calçadas. Algumas das antigas boates se transformaram em casas de forró e pagode e outras em casas de *reggae*, freqüentadas por um público jovem e de classes sociais menos abastadas. Estes novos usos e apropriações do espaço desta área se refletem na ocupação do Centro Cultural. Hoje, é constante nos espaços públicos deste equipamento – praças e jardins – a presença de vendedores ambulantes de bebidas. Porém, estes precisam ser, anteriormente, cadastrados pelo Centro e identificados por um crachá. O que significa uma vitória, pois eles já tiveram suas presenças terminantemente proibidas, sendo vítimas de repressões impostas pela vigilância privada contratada pelo equipamento para o controle do uso dos seus espaços “públicos”⁷⁷.

O crescente aumento do público economicamente menos favorecido no Centro Dragão do Mar de Arte e Cultura vem criando, nesta área do bairro, um espaço proporcionador de uma possível sociabilidade entre fortalezenses de classes sociais distintas. A presença dos ambulantes favorece este contato entre classes, pois estimula a freqüência do cidadão que não faz parte do público consumidor dos museus, cinemas e salas de espetáculos e nem, por questões financeiras, dos bares e restaurantes do Centro Cultural.

Hoje, o vendedor ambulante no Centro Dragão do Mar atrai para o seu espaço um personagem, anteriormente, pouco assíduo: o seu vizinho. Pelo fato do próprio vendedor ser, em maioria, morador do bairro, seus familiares e amigos passaram a freqüentar mais a edificação, atraindo pessoas do mesmo nível sócio-econômico vindas de bairros distantes.

⁷⁷ O CDMAC incorporou à sua estrutura de áreas livres a Praça Almirante Barroso, espaço de uso público mantido pela Prefeitura Municipal de Fortaleza.

Por esta atual “ocupação popular”, a administração do Centro Dragão do Mar e o cidadão de Fortaleza se ressentem da ausência de linhas de transportes coletivos na cidade que supra a demanda criada pelo equipamento e seu entorno, durante as madrugadas. Segundo um dos administradores do Centro, por ser inexistente, após a meia-noite, uma linha de ônibus que ligue o equipamento à periferia da cidade, é comum pessoas dormirem nos espaços cobertos do Centro Cultural, esperando o dia amanhecer para retornar a casa. Os seguranças da edificação atualmente estão instruídos para velar o sono destes cidadãos.

Entretanto, ainda que encontrando resistências, a apropriação popular dos espaços públicos – áreas livres – da monumental edificação do Centro Dragão do Mar de Arte e Cultura vem conseguindo, paulatinamente, inseri-la no contexto social urbano onde ela foi erguida.

3.1.3. O banho de mar

O banho de mar como atividade de lazer, na cidade de Fortaleza, só passou a acontecer a partir de meados da década de 1920, quando a Praia de Iracema foi ocupada por famílias abastadas, que começaram a utilizar a faixa praiana como local de lazer e deleite visual (ROCHA JR, 2000). Como já visto, após o avanço do mar e a conseqüente expulsão das famílias ricas e extinção da faixa de areia – decorrente da construção de um novo Porto no litoral de Fortaleza, na década de 1940 –, acompanhando a costa da Praia de Iracema foi implantado um enrocamento de pedras para conter as ondas.

A partir da construção desta contenção, na maré alta, a água passou a ultrapassar esta barreira e formar a conhecida “piscininha”, designação afetuosa dada pelos moradores do bairro à porção de água que passou a se instalar, durante algumas horas do dia, após o enrocamento, criando a única possibilidade do banho de mar nesta área do bairro (Fig. 133 a 138).

No depoimento de vários moradores da Praia de Iracema, o uso da piscininha como ambiente de lazer e sociabilidade surge como uma prática comum no passado, sendo a perda desta prática lamentada por todos devido à construção do calçadão. Segundo Schramm (2001), na elaboração do projeto do calçadão o seu desenho foi discutido com alguns membros da comunidade local para que fosse preservado o uso daquele ambiente de lazer. Entretanto,

“Em razão da prevalência da fruição turística, o projeto do calçadão fez apenas uma concessão à piscininha, disciplinando o seu uso, que hoje dá-se segundo algumas regras, ou seja: a presença dos pobres é admitida desde que cumpram o seu papel, que permaneçam um pouco ‘invisíveis’ (...). Efetiva-se, assim, uma assepsia sócio-espacial, expressa nas formas de apropriação do espaço permitidas a diferentes grupos sociais ” (SCHRAMM, 2001: 111).

Atualmente, a “fruição turística” não prevalece no espaço do calçadão, todavia o banho de mar na piscininha também não exerce mais a atração de banhistas como um dia exerceu. Durante os dias do final de semana em que lá estive, percebi a presença de pequenos grupos, principalmente de crianças e adolescentes, brincando e mergulhando nas águas tranqüilas da piscininha. O depoimento nostálgico de um antigo morador do bairro é revelador de uma vitalidade anterior mais intensa naquela praia:

“Antigamente, vinha gente de todo canto da cidade tomar banho aí na piscininha. Era bom demais. A gente ia todo mundo daqui de casa, nos domingos, passava o dia lá. Era muita gente. Quando a maré estava baixa, a meninada ficava toda jogando bola (...) todo mundo se conhecia, quando o mar chegava era uma festa”⁷⁸

A construção do calçadão – apesar da intenção dos seus projetistas de manterem a piscininha – e a conseqüente instalação no seu percurso de restaurantes freqüentados por pessoas de classes sociais mais elevadas, intimidaram a presença dos usuários daquela praia e destruíram um importante ambiente de lazer e integração dos moradores do bairro (SCHRAMM, 2001).

O depoimento de um morador do bairro, fornecido a Schramm, expõe a opressão das pessoas responsáveis pelos restaurantes instalados na orla sobre os usuários da piscininha:

“A piscininha era o passeio que era pra todo mundo. A gente encontrava de A a Z (...). Eu não posso tomar mais banho na piscininha, porque se tiver alguém ali de algum restaurante, manda tirar. É complicado. A não ser na maré alta, que a invasão é muito grande. Pode não tirar, mas intimida” (SCHRAMM, 2001: 111).

Hoje, uma outra destruição similar a esta se encontra projetada para um outro espaço da praia deste bairro. No projeto do Centro Multifuncional de Eventos e Feiras está prevista a construção de um espaço que proporcione o “fluxo de caminhabilidade” entre a Ponte dos Ingleses e o aterro proposto por esta intervenção. Este espaço, que o projeto do Centro Multifuncional transformará em um novo calçadão, é

⁷⁸ concedido ao autor em agosto de 2006.

atualmente uma praia, conhecida pelos moradores do bairro como “Praia do Poço”, devido ao constante uso desta pelos moradores da Comunidade do Poço da Draga⁷⁹.

Sobre este espaço, afirma Sousa:

“Além da diversão dos finais de semana e do jogo de bola diário dos rapazes é um espaço que sugere integração, mostrando-se, nas narrativas dos residentes, como capaz de fortalecer os vínculos de identidade e solidariedade” (SOUSA, 2006: 160).

Em minhas observações sobre o uso desta praia, em um domingo ensolarado, pude perceber a relevância deste espaço como área de lazer e confraternização para seus praticantes. Nos dias do final de semana, uma moradora da Comunidade monta uma barraca na areia da praia, onde comercializa bebida e comida. Ali se estabelece um ambiente de perceptível intimidade entre os freqüentadores – uma espécie de “praia particular” dos moradores –, apesar da presença de pessoas vindas de outros bairros, como: Piedade, Monte Castelo, Carlito Panplona e Parangaba. Geralmente, as pessoas “de fora” são convidadas dos moradores do bairro, o que lhes confere uma boa receptividade e total integração aos freqüentadores assíduos⁸⁰. O mar, sem o enrocamento que barra as ondas, presente em quase toda a costa do bairro – nesta área, existe uma grande quantidade de pedras, mas na areia –, é constantemente penetrado por banhistas e surfistas. O fluxo de pessoas é intenso na praia, durante todo o dia (Fig. 139 a 143). Após o pôr-do-sol, o qual é venerado pelas pessoas presentes, a praia começa a esvaziar. Nas noites de lua cheia, segundo depoimentos de jovens moradores do bairro, é comum o uso do espaço naturalmente iluminado⁸¹ da praia para encontros em “rodas de violão” regados a vinho e a cachaça.

Com a construção do “caminho” para o fluxo dos turistas, caso posto em execução o projeto do Centro Multifuncional de Eventos e Feiras, a praia será, mais uma vez, subtraída do morador da Praia de Iracema, o qual perderá não só o espaço da sua “atividade de lazer preferida”, mas perderá também um espaço fortalecedor dos laços de afetividade e comunhão da comunidade. Novamente, o banho de mar na Praia de Iracema encontra-se ameaçado.

⁷⁹ Sousa (2006) apresenta os dados estatísticos do censo 2000, nos quais o uso da “Praia do Poço” é indicada “como atividade de lazer preferida entre os titulares dos imóveis do Poço da Draga com 49,83% da preferência dos entrevistados” (SOUSA, 2006: 161).

⁸⁰ No primeiro domingo em que estive na Praia do Poço, fui acompanhado de uma moradora do bairro, que me apresentou aos seus amigos como “um amigo que está pesquisando sobre a **nostra** Praia de Iracema” e eu fui acolhido por todos. Na outra vez que sozinho ali retornei, fui recebido calorosamente.

⁸¹ Não existe iluminação artificial nesta praia.

No extremo leste do bairro, oposto a área da Comunidade do Poço da Draga, a praia, durante os finais de semanas, também é bastante freqüentada. Devido à inexistência de pedras – tanto na areia quanto no mar –, à sua extensa área e à sua localização em frente aos hotéis de luxo, locados na faixa litorânea deste extremo do bairro, a freqüência de pessoas nesta praia é bastante diversificada, sendo comum a presença de turistas (Fig. 144 a 148). Esta característica a diferencia bastante da ambiência criada pelo uso da “Praia do Poço”.

* * *

O espaço da Praia de Iracema percebido no seu cotidiano e encarado como fruto das ações sociais, que o condicionam e simultaneamente o utilizam como base material para suas realizações, expõe o quão desvinculadas de sua cotidianidade são as ações urbanísticas ditas de “Revitalização” que, priorizando a valorização econômica do espaço para a atração de turistas, menosprezam a construção deste espaço como obra da vida que nele se desenvolve.

Nas ações projetistas desenvolvidas, desde o início da década de 1990, para o espaço da Praia de Iracema, a vida urbana que naquele cotidiano se constrói não foi priorizada. O cidadão, que permaneceu realizando sua vida no espaço transformado do bairro, tornou-se agente de práticas espaciais que se concretizam à revelia da racionalidade imposta pela ação dos urbanistas, em um processo de readaptação e reapropriação do espaço e de suas vidas.

“Temos de constatar que se, no discurso, a cidade serve de baliza ou marco totalizador e quase mítico para as estratégias sócio-econômicas e políticas, a vida urbana deixa sempre mais remontar aquilo que o projeto urbanístico dela excluía. A linguagem do poder ‘se urbaniza’, mas a cidade se ver entregue a movimentos contraditórios que se compensam e se combinam fora do poder panóptico.” (DE CERTEAU, 2002: 174).

Este mesmo autor também entende que, para projetar a cidade é preciso conhecer e articular a “própria pluralidade do real”, tendo consciência que a totalidade das “táticas astuciosas” da vida urbana não apresenta uma transparência racional. No caso dos projetos desenvolvidos para a Praia de Iracema constata-se que esta “pluralidade do real”, de que nos fala De Certeau, tem sido desconsiderada pelos seus projetistas, que reproduzem nas intervenções o interesse econômico como

determinante infra-estrutural. A pluralidade das ações, que compõem a vida urbana no cotidiano do bairro, é reduzida às análises simplistas e superficiais – “diagnósticos” –, resultando toda a construção cotidiana do urbano submetida ao objetivo principal do desenvolvimento econômico. A despeito deste objetivo as ações sociais se apropriam das intervenções em um conflituoso processo de produção e reprodução do espaço. O movimento do espaço se perpetua. “As ações revivificam as coisas e as transformam” (SANTOS, 1994: 109).

Através da comparação entre os projetos e ações públicas e a vivência do espaço da Praia de Iracema, experimentando-o, me foi possível perceber como são desconectados da “pluralidade do real” os projetos ditos de “revitalização urbana” desenvolvidos para o seu espaço. Priorizada a reprodução de modelos de intervenções implantados em várias cidades do mundo e transformados em imagens que representam o sucesso da atratividade de investidores financeiros e de turistas internacionais, as intervenções projetadas para o bairro em questão ignoraram a estruturação singular do seu espaço urbano por sua construção cotidiana. Desta maneira, o espaço da Praia de Iracema vem sendo concebido como um conjunto de formas espaciais livremente manipuláveis, como se fossem desprovidas de conteúdo.

A prática arquitetônica e urbanística posta em ação no espaço da Praia de Iracema vai de encontro à prática do “urbanista errante”, a quem Jacques (2006) atribui uma postura profissional de compreensão da cidade ligada à experiência corporal do seu espaço. A cidade experimentada pelo “urbanista errante” oferece-lhe a possibilidade de apreensão do espaço urbano pelas práticas e ações que compõem o seu cotidiano. Esta prática errante se distancia das práticas do urbanismo, que buscam apreender a cidade através da leitura de mapas, fotos aéreas, planos e dados estatísticos. Para Jacques:

“Errar poderia ser um instrumento desta experiência urbana para o urbanista errante, uma ferramenta subjetiva e singular, ou seja, o contrário de um método ou de um diagnóstico tradicional e, assim, o devir errante do urbanista poderia ser visto como o contrário de um modelo urbanístico. A errância urbana seria uma apologia da experiência da cidade, que poderia ser praticada por qualquer um. A questão central do devir errante do urbanista também estaria na experiência ou prática urbana ordinária, diretamente relacionada com a questão do cotidiano” (JACQUES, 2006: 118).

Segundo Milton Santos, “a corporeidade do homem é um instrumento da ação” (SANTOS, 2006: 80); Jacques (2006) afirma, a necessidade da corporeidade do profissional do urbanismo como um instrumento metodológico de sua ação de

intervenção no espaço urbano. Um novo método de ação ligado à experiência da singularidade espacial e desvinculado dos métodos projetistas dos “modelos urbanísticos”.

O “movimento sutil” e singular do espaço do bairro Praia de Iracema percebido pela experiência de vivenciá-lo demonstra a extrema vitalidade deste espaço. Esta vitalidade tem sido, constantemente, negada pelos projetos urbanos que visam “revitalizar” sua área. O fracasso dos objetivos econômicos da planejada “revitalização”, desde o início da década de 90, não cessa de se repetir, cabendo ao cidadão construtor da vida cotidiana deste espaço a luta pela permanência no lugar em um constante processo de reapropriação de um espaço planejado para outros atores sociais, vindos de longe, trazendo o “lucro”, porém desprovidos de afeto pelo espaço, que é o combustível dos que lutam para ali permanecer.



Fig. 109: edificações degradadas e abandonadas no calçadão



Fig. 110: edificações degradadas e abandonadas no calçadão



Fig. 111: edificações degradadas e abandonadas no calçadão



Fig. 112: edificações degradadas e abandonadas no calçadão



Fig. 113: calçadão



Fig. 114: calçadão



Fig. 115: área dos bares, restaurantes e casas noturnas pertencentes aos estrangeiros



Fig. 116: área dos bares, restaurantes e casas noturnas pertencentes aos estrangeiros



Fig. 117: área dos bares, restaurantes e casas noturnas pertencentes aos estrangeiros



Fig. 118: área dos bares, restaurantes e casas noturnas pertencentes aos estrangeiros

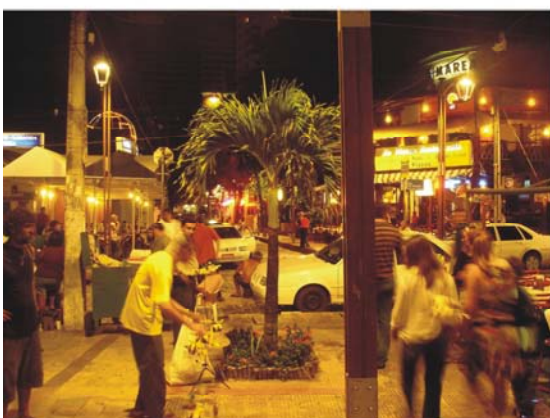


Fig. 119: área dos bares, restaurantes e casas noturnas pertencentes aos estrangeiros



Fig. 120: publicidade na obra de um edifício de flats na Praia de Iracema



Fig. 121: final da Rua Cariris - área onde o calçadão se une à Ponte dos Ingleses



Fig. 122: final da Rua Cariris - área onde o calçadão se une à Ponte dos Ingleses



Fig. 123: residência e comércios de antigos moradores



Fig. 124: local onde a Ponte dos Ingleses se une ao calçadão



Fig. 125: feirinha de artesanato que ocorre todo final de semana no encontro da Ponte dos Ingleses com o calçadão



Fig. 126: feirinha de artesanato que ocorre todo final de semana no encontro da Ponte dos Ingleses com o calçadão



Fig. 127: pôr-do-sol na Ponte dos Ingleses



Fig. 128: nascer da lua na Ponte dos Ingleses



Fig. 129: pôr-do-sol na Ponte dos Ingleses



Fig. 130: pôr-do-sol na Ponte dos Ingleses



Fig. 131: pôr-do-sol na Ponte dos Ingleses



Fig. 132: pescaria no extremo final da Ponte dos Ingleses - área não reestruturada



Fig. 133: enrocamento de pedras que acompanha parte da costa da Praia de Iracema para conter a maré



Fig. 134: enrocamento de pedras que acompanha parte da costa da Praia de Iracema para conter a maré



Fig. 135: piscininha



Fig. 136: piscininha



Fig. 137: piscininha



Fig. 138: piscininha



Fig. 139: Praia do Poço



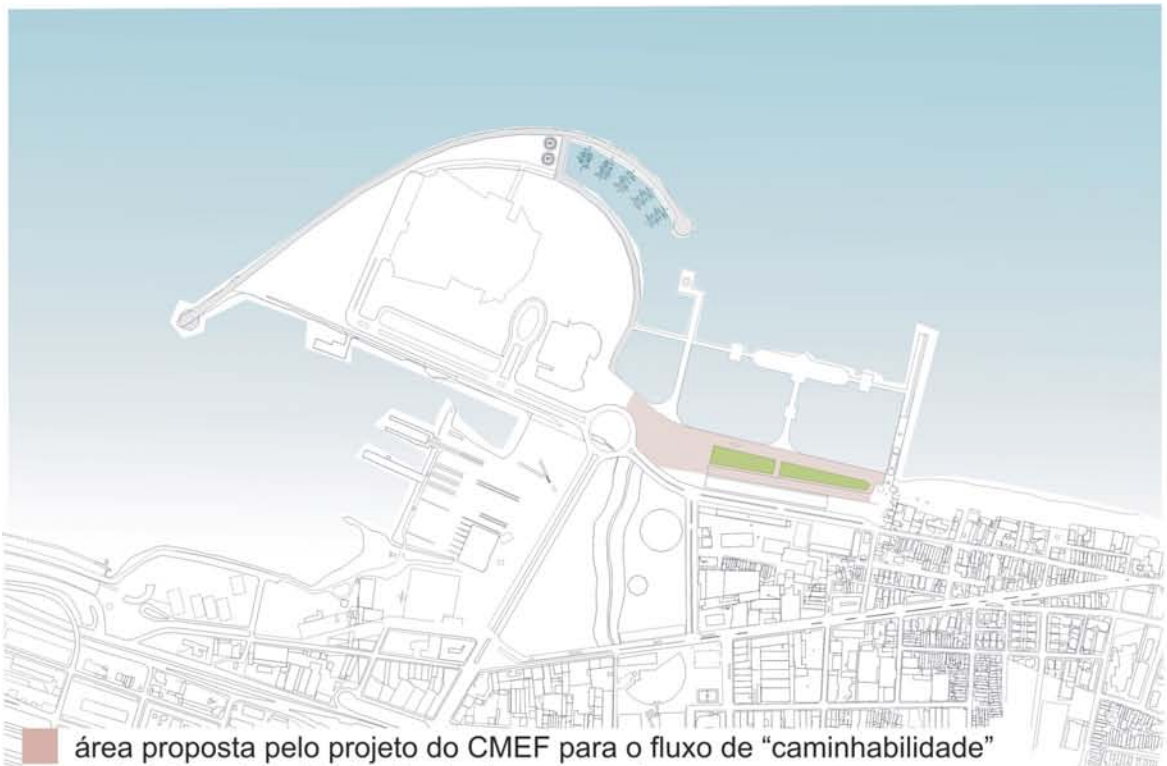
Fig. 140: Praia do Poço



Fig. 141: Praia do Poço



Fig. 142: surf na Praia do Poço



área proposta pelo projeto do CMEF para o fluxo de "caminhabilidade" do turista entre a Ponte dos Ingleses e o aterro

Fig. 143



Fig. 144: praia do extremo leste da Praia de Iracema



Fig. 145: praia do extremo leste da Praia de Iracema



Fig. 146: praia do extremo leste da Praia de Iracema



Fig. 147: praia do extremo leste da Praia de Iracema



Fig. 148: orla leste de Fortaleza, vista da Praia de Iracema...

Pedro Bala, enquanto sobe a Ladeira da Montanha, vai pensando que não existe nada melhor no mundo que andar assim, ao azar, nas ruas da Bahia.

...

O Professor vai com ele. Sua figura magra se atira para a frente, como se lhe fosse difícil vencer a ladeira. Mas sorri da festa do dia. Pedro Bala vira-se pra ele e surpreende o seu sorriso. A cidade está alegre, cheia de sol. 'Os dias da Bahia parecem dias de festa', pensa Pedro Bala, que se sente invadido também pela alegria. Assovia com força, bate risonhamente no ombro de Professor. E os dois riem, e logo a risada se transforma em gargalhada. No entanto, não têm mais que uns poucos níqueis no bolso, vão vestidos de farrapos, não sabem o que comerão. Mas estão cheios da beleza do dia e da liberdade de andar pelas ruas da cidade. E vão rindo sem ter do que, Pedro Bala com o braço passado no ombro de Professor.."

Jorge Amado

O espaço singular da Praia de Iracema

Considerações Finais

Considerações finais.

O espaço singular da Praia de Iracema

Partir de uma vivência do cotidiano do espaço do bairro Praia de Iracema para, então, elaborar uma interpretação analítica sobre o movimento de transformação do seu espaço urbano, possibilitou-me a constatação do quão “descoladas” são da vida urbana que ali existe e do espaço singular que esta constrói as intervenções arquitetônicas e urbanísticas executadas no bairro pelo Estado, durante os últimos 15 anos. O ator social que vivencia e constrói o cotidiano deste espaço em nenhum dos projetos urbanos, levantados por esta pesquisa, teve o desenvolvimento de suas vidas neste espaço considerado primaz no processo de reestruturação do bairro para receber turistas. O incremento da atividade turística reproduziu a lógica da concentração de lucro nas mãos de poucos empreendedores, restando à população, que conseguiu permanecer no bairro, o emprego em funções subalternas e a necessidade de desenvolver novas táticas de sobrevivência, em um espaço valorizado economicamente, pois preme de valores simbólicos alheios à sua existência.

Vivenciando o cotidiano da Praia de Iracema, pude constatar que a realização material de sua história social, descendente do acúmulo de experiências ocorridas no seu espaço, vem sendo constantemente negada e dilapidada por intervenções que reproduzem espaços homogêneos, artificiais e permeados por uma racionalidade que distancia esta realidade espacial criada pelos interesses econômicos da realidade espacial construída pelas relações humanas do cotidiano, distante de regras de condutas e responsável pelo permeio do espaço por redes de significados e sentidos tecidos pela história. A cidade desta maneira estruturada é transformada em cenário para turista – e conseqüentemente para a elite de sua sociedade – ver e consumir.

Nestes espaços espetaculares criados, o consumo é passivo, tanto pelos turistas, que tem seu comportamento racionalmente previsto, indicado por sinalizações e monitorado, quanto pelo cidadão local, que além de ser submetido ao mesmo controle comportamental, não se reconhece nem se identifica com o espaço criado,

tornando-se espectador do espetáculo turístico dentro de sua própria cidade. A racionalidade presente nestas “ilhas espetaculares” transforma o espaço urbano singular de uma cidade em um espaço padronizado que pode ser locado em qualquer cidade.

Sobre o turismo na “Sociedade do Espetáculo”, afirma Debord (1997):

“Subproduto da circulação das mercadorias, o turismo, circulação humana considerada como consumo, resume-se fundamentalmente no lazer de ir ver o que se tornou banal. O planejamento econômico da frequência de lugares diferentes já é em si a garantia de sua equivalência. A mesma modernização que retirou da viagem o tempo, lhe retirou também a realidade do espaço” (DEBORD, 1997: 112).

A ação do arquiteto urbanista é o instrumento criador utilizado pelo Estado para a concepção destes espaços banais, que se transformam em imagem (mercadoria) – com participação ativa e fundamental da mídia – e atraem turistas, estimulando a economia pela degeneração da vida urbana do espaço. A ação deste profissional, distanciada da realidade social e espacial do solo urbano onde pousam suas criações, reproduz a lógica da mercadoria, onde, o pretendido “sucesso de mercado”, é relativo à propagação e ao consumo, em escala global, desta imagem criada. Imagem que é reflexo apenas de si mesma, posto que não apresenta relação com o contexto urbano ao seu redor.

O desencontro ente a ação do arquiteto urbanista e a realidade do espaço onde ele irá intervir pode ser claramente ilustrado em um episódio recente da história dos projetos urbanos desenvolvidos para a orla marítima de Fortaleza. O arquiteto Oscar Niemeyer, no ano de 2003, foi contatado pelo Governador Lúcio Alcântara para projetar um museu, que deveria ter como tema a saga do homem nordestino, retratando a história do sertão. Para determinar a localização do museu dentro do espaço urbano de Fortaleza, sobrevoou a cidade o engenheiro José Carlos Sussekind, calculista dos projetos do arquiteto. Este decidiu, após o voo, que o melhor lugar da cidade para receber a obra seria dentro do mar, na extremidade final do espigão locado no início da Avenida Beira-mar – extremo leste da Praia de Iracema. Assim decidido, criou-se um paradoxo: contar a história do sertão dentro do mar? A partir da decisão da localização do museu, mudou-se o enfoque temático do equipamento para a relação do homem cearense com o mar, e este passou a chamar-se Museu do Homem do Mar. O museu foi projetado, porém nunca construído. (<http://www.skyscrapercity.com/showthread.php?t=206222>).

A certeza, para o Governo do Estado do Ceará, do “investimento lucrativo” que é a existência de um museu do arquiteto de renome internacional, Oscar Niemeyer, no espaço urbano de sua capital⁸², atribuiu ao engenheiro calculista deste arquiteto – absolutamente desconhecedor do espaço urbano desta cidade – a missão de especificar qual área da cidade a obra do arquiteto deve reestruturar; mesmo que seja preciso mudar a temática do museu idealizado. O valor de mercado embutido no “traço” do arquiteto Oscar Niemeyer atribui liberdade para que sua obra interfira no espaço urbano sem considerar a sua construção social tecida no tempo.

Neste tipo de negociação entre Estado-Arquiteto, o espaço urbano perde a sua dimensão social histórica para tornar-se, exclusivamente, produto de consumo, onde o Estado e os investidores privados o comercializam em busca do desenvolvimento dos seus interesses econômicos, ignorando o espaço urbano como

“lugar da expressão dos conflitos, invertendo a separação dos lugares onde a expressão desaparece, onde reina o silêncio, onde se estabelecem os signos da separação. O urbano poderia também ser definido como lugar do desejo, onde o desejo emerge das necessidades, onde ele se concentra porque se reconhece, onde se reencontram talvez (possivelmente) Eros e Logos” (LEFEBVRE, 2004: 160).

As “zonas luminosas” citadinas, defendida por Milton Santos como sendo áreas arraigadas pelo conhecimento técnico-científico e regidas por uma racionalidade superior que *“cria uma mecânica rotineira, um sistema de gestos sem surpresa”* (SANTOS, 2006: 326), distancia o espaço urbano do lugar do desejo, sustentado por Lefebvre, que se origina na mescla das atividades espontâneas, conflituosas, mutáveis e intrinsecamente políticas do cotidiano compartilhado e vivenciado pelas diferenças sociais, que não exclui as questões de classes, mas também não se reduz a elas. Para Lefebvre (2004), o conflito é o princípio básico para se conceber o urbano, pois a harmonia só é possível através da desagregação da vida social, onde o conflito é eliminado pela separação das diferenças sociais. O lugar do desejo é o lugar do conflito, avesso a qualquer segregação socioespacial.

A relação do cidadão com o lugar do desejo – espaço que dá vazão às suas próprias necessidades e criatividade – é diametralmente oposta à sua relação com o lugar do

⁸² A exemplo do que aconteceu na cidade de Niterói que, após a construção de um museu projetado por Oscar Niemeyer, a cidade entrou no circuito turístico dos visitantes da cidade do Rio de Janeiro e passou a ser “conhecida” internacionalmente. A forma criada pelo arquiteto para o museu da cidade de Fortaleza é claramente alusiva à forma do MAC de Niterói (Fig. 149 e 150).

espetáculo, que é concebido de maneira alheia às suas necessidades, tornando-se inibidor de suas criatividade.

“A alienação do espectador em favor do objeto contemplado (o que resulta de sua própria atividade inconsciente) se expressa assim: quanto mais aceita reconhecer-se nas imagens dominantes da necessidade, menos compreende sua própria existência e seu próprio desejo. Em relação ao homem que age, a exterioridade do espetáculo aparece no fato de seus próprios gestos já não serem seus, mas de um outro que os representa por ele” (DEBORD, 1997: 24).

A cidade compreendida através da experiência do seu cotidiano expõe uma relação íntima entre o corpo urbano e o corpo humano (JACQUES, 2006), entre cidade e desejo. Expõe a singularidade do seu movimento, que se relaciona com as ações dos corpos que a percorrem, praticando o seu cotidiano, e neste percorrer atribuem significados ao percurso, que são diretamente ligados ao percurso de suas vidas. Esta experiência espacial, que, segundo De Certeau (2002), se constitui como uma arte – “arte de fazer” –, renova constantemente a espacialidade cotidiana.

No sentido oposto, a apreensão da cidade por meio de sua representação reproduzida em mapas, cartografias e fotos aéreas cria um “artefato ótico”, classificado por De Certeau (2002) como uma “cidade-panorama”:

“Um simulacro teórico (ou seja, visual) em suma um quadro que tem como condição de possibilidade um esquecimento e um desconhecimento das práticas. O deus voyeur criado por essa ficção é que (...) deve excluir-se do obscuro entrelaçamento dos comportamentos do dia-a-dia e fazer-se estranho a eles” (DE CERTEAU, 2002: 171).

A “cidade-panorama” como elemento de uma ação urbanística oferece argumento, atualmente, para o retorno de práticas projetuais como a “Tabula Rasa” dos urbanistas do Movimento Moderno⁸³, pois neste simulacro de cidade só é possível preservar, em um processo de reestruturação urbana – e geralmente o objeto preservado recebe o status de Patrimônio Histórico –, o que a visão consegue perceber naquela forma física e imóvel de cidade representada em imagens. Em ação oposta a do “deus voyeur”, a cidade vista “de dentro”, percebida no seu cotidiano, possibilita ao arquiteto – ou a qualquer pessoa na condição de pedestre – a apreensão multissensorial de uma forma física intrinsecamente ligada a uma vida urbana (forma social), tornando impossível a existência de uma sem a outra.

⁸³ Como defende o arquiteto holandês Rem Koolhaas, para quem a cidade contemporânea – que ele classifica como “Genérica”, pois haveria se transformado na repetição infinita do mesmo modelo estrutural – não pode se prender a nenhuma identidade, pois esta aprisiona, resiste à expansão, à renovação, à contradição (KOOLHAAS, 1995).

Para De Certeau (2003), os atores praticantes do cotidiano do espaço – “artistas desconhecidos” – precisam assumir suas posições de “autores da cidade” em qualquer ação prospectiva sobre a cidade.

“Pois seu patrimônio [da cidade] não é feito dos objetos que ela criou, mas das capacidades criadoras e do estilo inventivo que articula, à maneira de uma língua falada, a prática sutil e múltipla de um vasto conjunto de coisas manipuladas e personalizadas, reempregadas e ‘poetizadas’. Finalmente, o patrimônio são todas essas ‘artes de fazer’” (DE CERTEAU, 2003: 199).

É este patrimônio (“artes de fazer”) – ações humanas portadoras de *poiesis*, que manipulam, transformam e singularizam o espaço urbano – o que vem sendo desconsiderado constantemente pelas ações prospectivas desenvolvidas por arquitetos para o espaço da Praia de Iracema. Transformado para atrair turista, a este personagem foi negada a possibilidade de percorrer um espaço construído pela identidade cultural e estética expressa pela experiência vital dos indivíduos praticantes do seu cotidiano, para lhe ser possibilitada a visita a um espaço preenchido por símbolos e valores criados por uma racionalidade ligada a interesses econômicos dentro de uma lógica de produção e reprodução capitalista, que poderia locá-los, reproduzindo esta mesma espacialidade, em qualquer outro ambiente urbano.

O espaço em constante mutação, rico, pulsante, permeado de desejos, conflitos e afetividades, que encontrei enquanto errante na Praia de Iracema, não participa dos roteiros turísticos. O Estado, na “reforma urbana” que ali empregou, não teve interesse em explorar esta riqueza espacial, estimulando a vida cotidiana que a constitui, para que esta vida oferecesse aos visitantes o contato com um espaço singular, pois expressivo de uma constituição social, cultural e conseqüentemente espacial específica. Portanto, pensando enquanto arquiteto, levanto a questão: qual a responsabilidade do arquiteto urbanista neste processo de reestruturação urbana para atrair turistas, já que é da sua “prancheta” que partem os desenhos e as diretrizes que conduziram a forma física espacial?

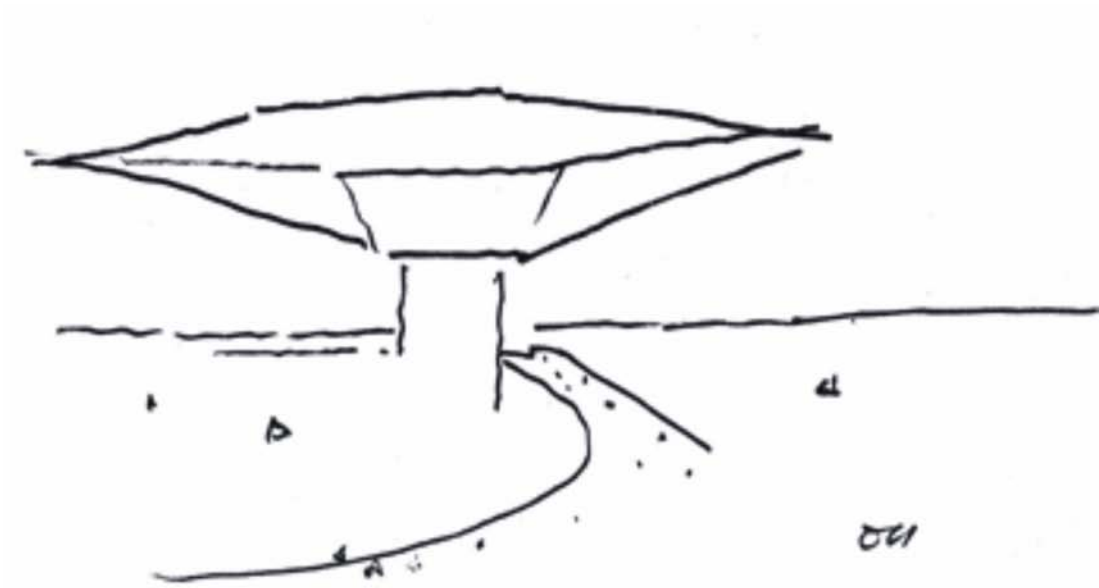
A ação gestora do Estado e a ação projetista do arquiteto urbanista no processo de “revitalização urbana” imposto à Praia da Iracema, nos últimos 15 anos, ignorou a “potencialidade imanente” (JACQUES, 2003) ao movimento deste espaço. Para Jacques (2003), uma “nova postura” com relação à arquitetura deveria ser assumida pelo arquiteto urbanista. A postura “outra” de atuação deste profissional seria vinculada ao gerenciamento e à orientação do movimento do espaço. A partir de sua

experiência corporal (sensorial) no espaço a ser (re)urbanizado, o arquiteto colheria os subsídios para sua ação, que não produziria, necessariamente, uma obra arquitetônica, mas sim conduziria os fluxos espontâneos que movimentam o espaço, tendo como principal objetivo estimular suas potencialidades imanentes (JACQUES, 2003). O arquiteto “outro” não seria mais o instrumento utilizado pelo Estado e por uma pequena parcela de privados para suprir suas prioridades econômicas, mas sim um instrumento utilizado pelo cidadão para orientar o movimento do espaço, gerado pelo desenvolvimento de sua vida. Objetivando banir qualquer tipo de segregação socioespacial do solo urbano – o urbano elaborado como o lugar do encontro das diferenças –, o arquiteto “outro” trocaria de “time” e passaria a “jogar” do lado e em conjunto com o cidadão.

Assim como De Certeau (2003), Jacques (2003) defende uma “patrimonialização” das ações dos atores do cotidiano que movimentam o espaço, como um meio de preservação da participação ativa do cidadão na construção do espaço urbano. O arquiteto seria *“o suscitador, o tradutor e o catalisador dos desejos dos habitantes”* (JACQUES, 2003: 151).

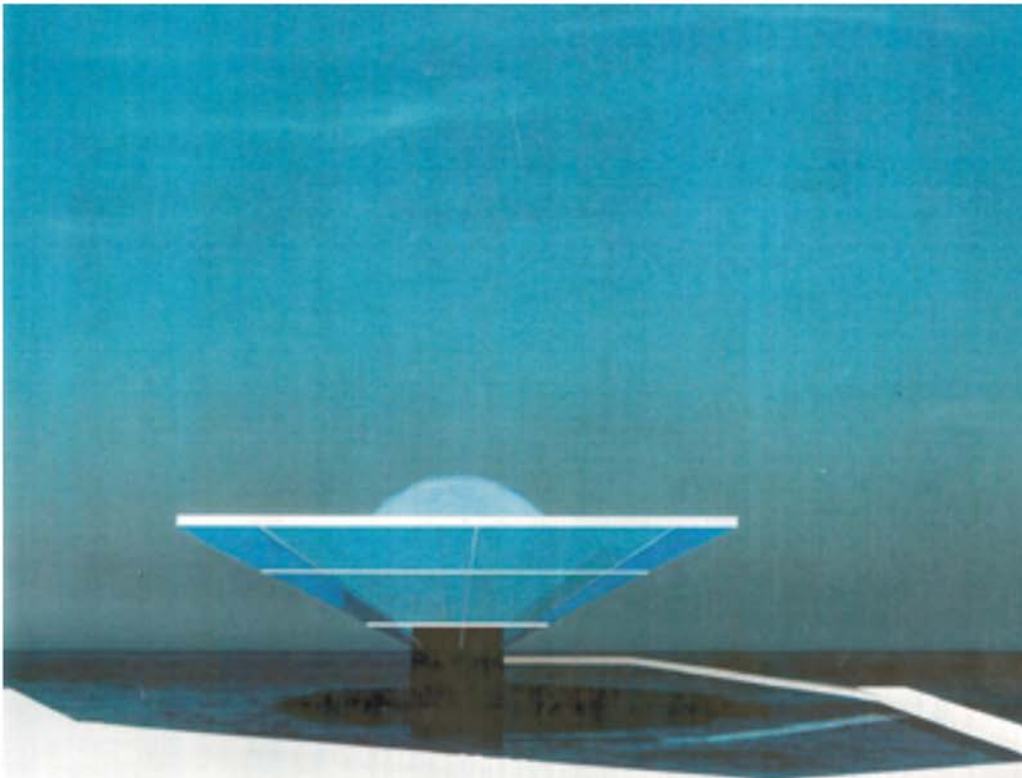
O turismo, hoje, faz parte da “potencialidade imanente” ao espaço da Praia de Iracema. Afinal, este bairro contém uma história – dos últimos 15 anos – já permeada por esta prática social, que constantemente (re)estrutura os seus espaços privados e públicos, além de uma posição geográfica privilegiada no litoral da cidade de Fortaleza, fato que lhe confere potencial paisagístico.

No entanto, é preciso que a participação – o desejo – do cidadão praticante do cotidiano da Praia de Iracema consiga expressar-se nas reestruturações físicas realizadas pelo Estado e orientadas por arquitetos, que venham a intervir novamente no bairro. É preciso também que a ação prospectiva do arquiteto legitime o “conflito” – no sentido lefebvriano – como componente estruturador do espaço do bairro, para que possa ser oferecido ao turista o contato com um espaço diverso e singular, pois enriquecido por símbolos e valores construídos por uma realidade urbana específica.



Fonte: TFG Beatriz Miranda

Fig. 149: Museu do Homem do Mar



Fonte: TFG Beatriz Miranda

triz Miranda

Referências.

ANDRADE, Luciana. **Espaço público e favela: uma análise da dimensão pública dos espaços coletivos não-edificados da Rocinha**. Rio de Janeiro. Tese de doutorado. Programa de Pós-graduação Geografia. UFRJ, 2002.

ANGELO, Miguel. **Território e prostituição na metrópole Carioca**. Rio de Janeiro: Ed. Ecomuseu Fluminense, 2002.

ARANTES, O. VAINER, C. MARICATO, E. **A cidade do pensamento único**. Rio de Janeiro: Vozes, 2000.

BERNAL, Cleide. **A metrópole emergente; a ação do capital imobiliário na estruturação urbana de Fortaleza**. Fortaleza: Edições UFC, 2004.

CARLOS, Ana Fani A. **O espaço urbano: novos escritos sobre a cidade**. São Paulo: Contexto, 2004.

_____. **Espaço-tempo na metrópole: a fragmentação da vida cotidiana**. São Paulo: Contexto, 2001.

CASTRO, Liberal. **Cartografia urbana fortalezense na colônia e no império e outros comentários**. In: PREFEITURA MUNICIPAL DE FORTALEZA. *A administração Lucio Alcântara*. Fortaleza: 1982.

CORTÉS, José M. **Políticas del espacio: arquitectura, género y control social**. Barcelona: IAAC, 2006.

COSTA, Sabrina S. GONDIM, Linda M. P. BEZERRA, Ricardo F. **Centro Dragão do Mar de Arte e Cultura: um projeto de requalificação da antiga área portuária de Fortaleza – CE**. In: VARGAS, Heliana. CASTILHO, Ana. (orgs.) *Intervenções em Centros Urbanos: Objetivos, Estratégias e Resultados*. São Paulo: Manole. 2006.

_____. **Intervenções na cidade existente: um estudo sobre o Centro Dragão do Mar e a Praia de Iracema**. Dissertação de Mestrado, Universidade de São Paulo, Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, São Paulo, 2003.

DE CERTEAU, Michel. **A Invenção do Cotidiano: artes de fazer**. Petrópolis: Vozes. 2002.

- _____. **A invenção do cotidiano 2: morar, cozinhar.** Petrópolis: Vozes, 2003.
- DEBORD, Guy. **A sociedade do espetáculo.** Rio de Janeiro: Contraponto, 1997.
- DELEUZE, Gilles. GUATTARI, Félix. **Rizoma.** In: Mil Platôs: Capitalismo e Esquizofrenia, Vol. 1. Rio de Janeiro: Ed. 34, 2006.
- _____. **Tratado de nomadologia: a máquina de guerra.** In: Mil Platôs: Capitalismo e Esquizofrenia, Vol. 5. Rio de Janeiro: Ed. 34, 2006.
- _____. **O liso e o estriado.** In: Mil Platôs: Capitalismo e Esquizofrenia, Vol. 5. Rio de Janeiro: Ed. 34, 2006.
- DEL RIO, Vicente. **Desenho urbano e revitalização na área portuária do Rio de Janeiro: a contribuição do estudo da percepção ambiental.** Tese de Doutorado. São Paulo: USP, 1991.
- _____. **Introdução ao desenho urbano no processo de planejamento.** São Paulo: Pini, 1990.
- DUARTE, Cristóvão F. **Circulação e cidade: do movimento da forma à forma do movimento.** Tese de Doutorado. Rio de Janeiro: UFRJ/IPPUR, 2002.
- _____. **Espaços de convergência e utopia: um diálogo entre as obras de Milton Santos e de Henri Lefebvre.** In: Cadernos IPPUR. Rio de Janeiro. UFRJ. n° 1 jan/jul, 2001.
- FERRARA, Lucrecia. **Leitura sem palavras.** São Paulo: Nobel, 1986.
- _____. **Olhar periférico: informação, linguagem, percepção.** São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1999.
- FREITAS, Mirtes. **A cidade dos clubes: modernidade e “glamour” na Fortaleza de 1950-1970.** Fortaleza: Expresso Gráfica e Editora, 2005.
- GASPAR, Maria Dulce. **Garotas de programas: prostituição em Copacabana e identidade social.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1985.
- GONDIM, Linda M. P. **O dragão da cultura contra a cidade partida: O Centro Cultural Dragão do Mar e a problemática do espaço público em Fortaleza.** In: Anais do IX Encontro Nacional da ANPUR, Rio de Janeiro, 2001.
- _____. **O Dragão do Mar e a Fortaleza (pós-)moderna: cultura, patrimônio e imagem da cidade.** São Paulo: Annablume, 2006.

_____. **Uma dama da belle époque de Fortaleza; ensaios sobre imaginário, memória e cultura urbana.** Fortaleza: Gráfica LCR, 2001 a.

GOVERNO DO ESTADO DO CEARÁ. SECRETARIA DE CULTURA E DESPORTO SECRETARIA DE DESENVOLVIMENTO URBANO E MEIO AMBIENTE. **Carta convite n.º 071/SDU/93. Fortaleza-CE, 1993a**

_____. **Carta convite n.º 071/SDU/93 – Anexo II.** Fortaleza-CE, 1993b.

_____. **Relatório técnico justificativo de inserção do Centro Dragão do Mar no Prodetur/Ce.** Fortaleza, 1996.

HALL, Peter. **Cidades do amanhã.** São Paulo: Editora Perspectiva, 1988.

HARVEY, David. **Condição pós-moderna.** São Paulo: Edições Loyola, 1989.

MAGALHÃES, Juraci. **A felicidade que ficou...** In: Iracema, a Praia dos Amores. Caderno Cultural n.º 9. Fortaleza: Edições Fundação Cultural de Fortaleza, 1993.

MODESTO, Helio. **Plano Diretor da Cidade de Fortaleza.** Prefeitura Municipal de Fortaleza/Secretaria de Urbannismo, Fortaleza, 1963.

JACQUES, Paola (org.) **Apologia da deriva: escritos situacionistas sobre a cidade.** Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2003.

_____. **Elogio aos errantes: a arte de se perder na cidade.** In: JEUDY, Henri P. JACQUES, Paola B (org). **Corpos e Cenários Urbanos: Territórios Urbanos e Políticas Culturais.** Salvador: EDUFBA, PPGAU/FAUFBA, 2006.

_____. **Espetacularização urbana contemporânea.** In: FERNANDES, Ana. JACQUES, Paola (org.) **Territórios Urbanos e Políticas Culturais. Cadernos PPG-AU / FAU- UFBA.** Salvador, 2004.

_____. **Estética da ginga: a arquitetura das favelas através da obra de Hélio Oiticica.** Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2003.

JEUDY, Henri P. JACQUES, Paola B (org). **Corpos e cenários urbanos: territórios urbanos e políticas culturais.** Salvador: EDUFBA, PPGAU/FAUFBA, 2006.

_____. **Espelho das cidades.** Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2005.

KOOLHAAS, Rem. **S,M,L,XL.** New York: The Monacelli Press, 1995.

LEFEBVRE, Henri. **A revolução urbana.** Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2004.

_____. **O direito à cidade.** São Paulo: Centauro, 2001.

LOPES, Marciano. **Royal Briar: A Fortaleza dos anos 40.** Fortaleza: Tipoprogresso, 1989.

PERLONGHER, Néstor. **O negócio do michê: prostituição viril em São Paulo**. São Paulo: Ed. Brasiliense, 1987.

PEREIRA, Luiz F. **De olhos bem abertos: rede de tráfico em Copacabana**. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 2003.

RIBEIRO, Ana C. **Território usado e humanismo concreto: o mercado socialmente necessário**. In: SILVA, Cátia A. [et. al.] *Formas e Crises: Utopias Necessárias*. Rio de Janeiro: Arquimedes, 2005.

ROCHA JR, Antônio. **O turismo globalizado e a transformação urbana do litoral de Fortaleza**. Dissertação de Mestrado. Desenvolvimento e meio ambiente – UFC. Fortaleza, 2000.

RUFINO, Beatriz. **Legislação urbanística e mudanças no Uso do Solo: O caso da Praia de Iracema**. Relatório de Pesquisa – CNPQ. Fortaleza: UFC, 1999,

SÁNCHEZ, Fernanda. **A reinvenção das cidades para um mercado mundial**. Chapecó: Argos, 2003.

SANTOS, Carlos Nelson F. dos. **Como e quando pode um arquiteto virar antropólogo**. In: VELHO, Gilberto (org.). *O Desafio da Cidade: Novas Perspectivas da Antropologia Brasileira*. Rio de Janeiro: Editora Campos LTDA, 1980.

_____. **Movimentos urbanos no Rio de Janeiro**. Rio de Janeiro: Zahar, 1982.

_____. (Coord.) **Quando a rua vira casa: a apropriação de espaços de uso coletivo em um centro de bairro**. São Paulo: Projeto, 1985.

SANTOS, Milton. **A natureza do espaço: técnica e tempo. Razão e Emoção**. São Paulo: Edusp, 2006.

_____. **O território e o saber local: algumas categorias de análise**. In: *Cadernos IPPUR*, Rio de Janeiro, ano XIII, n°2, 1999.

_____. **Pensando o espaço do homem**. São Paulo: Edusp, 2004.

_____. **Técnica, espaço, tempo: globalização e meio técnico-científico informacional**. São Paulo: Ed. Hucitec, 1994.

SCHRAMM, Solange. **Território livre de Iracema: só o nome ficou? Memórias coletivas e a produção do espaço na Praia de Iracema**. Dissertação de mestrado. PPG sociologia – UFC. Fortaleza, 2001.

SIMMEL, Georg. **A metrópole e a vida mental**. In: VELHO, Octavio (Org.). *O fenômeno urbano*. Rio de Janeiro: Zahar, 1972.

SOUSA, Vancarder. **A cidade e a favela: O Poço da Draga e a requalificação urbana em Fortaleza**. Tese de Doutorado. Sociologia – UFPB. João Pessoa, 2006.

_____. **Centro Dragão do Mar de Arte e Cultura: política cultural no discurso de modernização do ‘Governo das Mudanças’**. Dissertação de Mestrado defendida junto ao Programa de Pós-Graduação em Sociologia da Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa-PB, março de 2000.

VAZ, Lílian. **A “culturalização” do planejamento e da cidade: novos modelos?** In: FERNANDES, Ana. JACQUES, Paola (org.) *Territórios Urbanos e Políticas Culturais*. Cadernos PPG-AU / FAU- UFBA. Salvador, 2004.

VAZ, Lílian F. JACQUES, Paola B. **Reflexões sobre o uso da cultura nos processos de revitalização urbana**. Em: *Anais do IX Encontro Nacional da ANPUR*, Rio de Janeiro, 2001.

VELHO, Octavio (Org.). **O fenômeno urbano**. Rio de Janeiro: Zahar, 1972.

VELHO, Gilberto (Org.). **Antropologia urbana: cultura e sociedade no Brasil e em Portugal**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2002.

_____. **A utopia urbana: um estudo de Antropologia Social**. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1978.

_____. **Individualismo e cultura: notas para uma Antropologia da sociedade contemporânea**. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1981.

_____. **O desafio da proximidade**. In: VELHO, Gilberto. KUSCHNIR, Karina (orgs.). *Pesquisas Urbanas: Desafios do Trabalho Antropológico*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2003.

WHYTE, William. **Sociedade de esquina: a estrutura social de uma área urbana pobre e degradada**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2005.

ZUKIN, Sharon. **Paisagens urbanas pós-modernas: mapeando cultura e poder**. In: ARANTES, Antonio (Org.). *O espaço da diferença*. Campinas, Papirus, 2000.

Periódicos

BARROSO, Oswald. PAULA, Silas. “Serão os Iracemitas Don Quixotes?” **O Povo**, Fortaleza, 09 jun. 1984.

LEITE FILHO, Rogaciano. Praia de Iracema: saudade e resistência. **O Povo**, Fortaleza, 02 ago. 1985. Segundo Caderno.

Praia de Iracema perde sua identidade. **O Povo**, Fortaleza, 20 nov. 1985. Segundo caderno.

Vila Morena: a preservação da memória. **O Povo**, Fortaleza, 14 jul. 1988. Segundo Caderno.

QUEZADO, Ana. Bairro Praia de Iracema só quer a paz. **O Povo**, Fortaleza, 30 nov. 1988.

JAGUARIBE, Elisabete. Praia de Iracema quer fim do caos. **O Povo**, Fortaleza, 03 jul. 1991. Caderno Cidades.

SERPA, Fernando. Praia de Iracema vive sob estresse urbano. **O Povo**, Fortaleza, 26 fev. 1994. Caderno Cidades.

SILVA, Temístocles. “Ponte” e “Estoril”. **O Povo**, Fortaleza, 28 mai. 1994.

MONTE, Airton. Memorial de Iracema. **O Povo**, Fortaleza, 24 set. 1994. Caderno Sábado.

Projeto visa a defesa e preservação. **O Povo**, Fortaleza, 03 jun. 1995. Caderno O Povo nos Bairros – Praia de Iracema, p. 04.

Músicos cantam a Praia dos Amores. **O Povo**, Fortaleza, 03 jun. 1995. Caderno O Povo nos Bairros – Praia de Iracema, p. 06.

Poetas encantados fazem de Iracema sua musa inspiradora. **O Povo**, Fortaleza, 03 jun. 1995. Caderno O Povo nos Bairros – Praia de Iracema, p. 08 e 09.

Iracema atrai turistas. **O Povo**, Fortaleza, 03 jun. 1995. Caderno O Povo nos Bairros – Praia de Iracema, p. 12.

Projetos agregam cultura e arte. **O Povo**, Fortaleza, 03 jun. 1995. Caderno O Povo nos Bairros – Praia de Iracema, p. 15.

TOLIPAN, Heloisa. Fortaleza resgata sua história. **Jornal do Brasil**, Rio de Janeiro, 11 jun. 1995.

Praia de Iracema perde aspectos tradicionais. **Tribuna do Ceará**, Fortaleza, 29 mai. 1996. Fortaleza 360°.

Praia de Iracema é a musa inspiradora da cidade. **Diário do Nordeste**, Fortaleza, 13 dez. 1996. Caderno Turismo, p. 12.

PATRÍCIA, Aleteia. Lei não protege Praia de Iracema. **O Povo**, Fortaleza, 17 fev. 1997. caderno Cidades, p. 15^a.

GUIMARÃES, Erick. Praia de Iracema ameaçada de se tornar bairro-fantasma. **O Povo**, Fortaleza, 15 dez. 1997. Caderno Cidades.

Prefeitura disciplina pólo cultural da Praia de Iracema. **Diário do Nordeste**, Fortaleza, 11 jun. 1997. Caderno Cidade, p. 18.

Praia de Iracema ainda conserva seu charme. **Diário do Nordeste**, Fortaleza, 02 ago. 1998. Caderno Cidade.

Praia de Iracema sobrevive aos contrastes. **Diário do Nordeste**, Fortaleza, 11 ago. 1998. Caderno Cidade, p. 11.

“Projetos já vêm pronto”. **O Povo**, Fortaleza, 28 nov. 2001. Caderno Fortaleza, p. 08.

FURLANI, Clarisse. Comunidade resiste à beira-mar. **O Povo**, Fortaleza, 29 nov. 2001. Caderno Fortaleza, p. 05.

ALCÂNTARA, Vanessa. O perigo ronda o Dragão. **O Povo**, Fortaleza, 30 nov. 2001. Caderno Fortaleza, p. 05.

A polêmica do entorno. **O Povo**, Fortaleza, 08 jan. 2005. Caderno Vida e Arte, p. 07.